

# Introdução à Língua Brasileira de Sinais

Victor Pacheco



FASBAMPRESS



# **Introdução à Língua Brasileira de Sinais**



**Victor Pacheco**

# **Introdução à Língua Brasileira de Sinais**



**FASBAMPRESS**

# FASBAM

## Faculdade São Basílio Magno

R. Carmelo Rangel, 1200  
Curitiba/PR 80.440-050

Fone: (41) 3243-9800  
www.fasbam.edu.br  
comunicacao@fasbam.edu.br

### Conselho Editorial

Dr. Irineu Letenski (Presidente)  
Dr. Teodoro Hanicz  
Dr. Rogério Miranda de Almeida  
Dr. Germano Rigacci Júnior

### Projeto gráfico e capa

Marco Antônio Pensak

### Bibliotecária

Sirlene Maria Marcinek Mazur  
CRB PR 001937/0

### Editor-chefe

Dr. Irineu Letenski

### Preparação e Diagramação

Sissy Eugênia Cristina Zambão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Faculdade São Basílio Magno (FASBAM)

---

P116i Pacheco, Victor

Introdução à Língua Brasileira de Sinais / Victor Pacheco - Curitiba:  
FASBAMPRESS, 2022.

206 p.; 15 x 21 cm.

ISBN: 978-65-84583-07-8

ISBN Digital: 978-65-84583-06-1

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. LIBRAS. 3. Cultura surda.

I. Título.

CDD 371.912

---

Índice para catálogo sistemático  
1. Língua Brasileira de Sinais - 371.912

## APRESENTAÇÃO

Nos localizamos na linha temporal do século XXI. Deste modo, passamos por diversas situações específicas em nossa sociedade ao longo da história da humanidade. Além de descobrimentos, guerras e revoluções, nosso mundo também passou por adequações no convívio humano. Ora, além disso, muitas coisas foram descobertas sobre o ser humano: sua anatomia, sua funcionabilidade psíquica, suas relações interpessoais, formas de comunicação específicas, etc. Tudo o que foi vivenciado ao longo dos séculos, hoje nos acarreta uma gama de conhecimentos incomensuráveis.

Deste modo, na crescente do conhecimento sobre o ser humano e sua funcionabilidade anatômica e também social, podemos começar a analisar e compreender como pessoas com deficiência atuam e se integram na sociedade contemporânea. Neste material pedagógico produzido, vamos percorrer um caminho juntos, observando a deficiência conhecida como “*Surdez*”. Nela, vamos entender, a partir de uma perspectiva micro para macro, como a pessoa com esta deficiência específica se apresenta, interage, manifesta e absorve todas as formas de comunicação. Vamos compreender também, como sua cultura foi construída ao longo do tempo, até chegar ao que podemos compreender hoje como “*cultura surda*”.

A partir disso, adentraremos especificamente no que é a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, compreendendo de forma sistemática, sua Sintática, Semântica e Pragmática. Aqui, faremos um estudo desta língua não-verbal, de forma a poder compreender que a essência viva desta língua específica se dá no *sin*al, e se manifesta a partir de alguns fatores interligados à corporeidade da pessoa humana.

Esperamos poder auxiliá-los de forma a levá-los a adentrar nesta cultura específica, que luta diariamente por voz em meio a um mundo que discrimina todo e qualquer tipo de situação que não seja o “padrão” de uma sociedade tradicional. Bons estudos e bons trabalhos!

O autor.





## SUMÁRIO

<b>CULTURA SURDA.....</b>	<b>13</b>
1.1 TERMINOLOGIA.....	13
1.2 GRAUS DE SURDEZ.....	15
<b>1.2.1 Pessoa com surdez leve.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2.2 Pessoa com surdez moderada .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.3 Pessoa com surdez severa.....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.4 Pessoa com surdez profunda.....</b>	<b>16</b>
1.3 NOMECLATURAS .....	17
1.4 DIFERENCIAÇÕES ENTRE LÍNGUA E LINGUAGEM.....	20
1.5 LEIS E DIRETRIZES .....	26
<b>HISTÓRIA DA SURDEZ .....</b>	<b>29</b>
2.1 ANTIGUIDADE E MEDIEVO.....	29
2.2 MODERNIDADE .....	31
2.3 ERA CONTEMPORÂNEA.....	34
2.4 HISTÓRIA DA SURDEZ NO BRASIL .....	38
2.5 ESTUDO DE CASO NO BRASIL.....	42
<b>INTERSECÇÕES ENTRE A FILOSOFIA E A CULTURA SURDA</b>	<b>49</b>
3.1 O CONCEITO DE PESSOA .....	49
3.2 O CONCEITO DE PESSOA NA FILOSOFIA CLÁSSICA.....	53
3.3 O CONCEITO DE PESSOA NA FILOSOFIA MEDIEVAL .....	58
3.4 O CONCEITO DE PESSOA NAS FILOSOFIAS MODERNA E CONTEMPORÂNEA .....	64
3.5 A LIBERDADE E A EXISTÊNCIA COMO PREMISSAS DA DIGNIDADE DE SER PESSOA .....	74

<b>ESTRUTURAS GRAMATICAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....</b>	<b>91</b>
4.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	91
4.1.1 Alfabeto.....	92
4.1.2 Numerais.....	105
4.2 DATILOLOGIA.....	117
4.3 PARÂMETROS LINGUÍSTICOS.....	118
4.3.1 Configuração de Mãos (CM).....	118
4.3.2 Ponto de Articulação (PA).....	121
4.3.3 Movimento (M).....	126
4.3.4 Orientação e direcionalidade (O/D).....	135
4.3.5 Expressão facial e corporal (EF/EC).....	139
4.4 SISTEMA PRONOMINAL.....	143
4.4.1 Pronomes pessoais.....	144
4.4.2 Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar.....	148
4.4.3 Pronomes interrogativos.....	152
4.4.4 Pronomes possessivos.....	155
4.4.5 Pronomes indefinidos.....	156
4.5 CLASSIFICADORES.....	158
<b>LISTA DE SINAIS.....</b>	<b>165</b>
5.1 SINAIS INICIANTES.....	165
5.1.1 Sinais comuns.....	165
5.1.2 Sinais pessoais e familiares.....	166
5.1.3 Sinais temporais e calendário.....	168
5.1.4 Cores e etnias.....	169
5.1.5 Alimentos.....	170
5.2 SINAIS INTERMEDIÁRIOS.....	173
5.2.1 Reino animal.....	173
5.2.2 Profissões.....	176

<b>5.2.3 Profissões II.....</b>	<b>177</b>
<b>5.2.4 Localidades.....</b>	<b>178</b>
<b>5.2.5 Países e continentes.....</b>	<b>180</b>
<b>5.3 SINAIS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>182</b>
<b>5.3.1 Saúde.....</b>	<b>182</b>
<b>5.3.2 Saúde II.....</b>	<b>183</b>
<b>5.3.3 Meios de comunicação.....</b>	<b>185</b>
<b>5.3.4 Meios de transporte.....</b>	<b>185</b>
<b>5.3.5 Escola.....</b>	<b>186</b>
<b>5.4 SINAIS AVANÇADOS.....</b>	<b>186</b>
<b>5.4.1 Adjetivos I.....</b>	<b>186</b>
<b>5.4.2 Adjetivos II.....</b>	<b>188</b>
<b>5.4.3 Substantivos.....</b>	<b>190</b>
<b>5.4.4 Objetos.....</b>	<b>192</b>
<b>5.4.5 Sinais pertinentes.....</b>	<b>194</b>
<b>5.5 VERBOS.....</b>	<b>196</b>
<b>5.5.1 A, B, C, D, E.....</b>	<b>196</b>
<b>5.5.2 F, G, H, I, J, L, M, N, O, P.....</b>	<b>198</b>
<b>5.5.3 Q, R, S, T, U, V, Z.....</b>	<b>199</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>201</b>



## UNIDADE 01 – CULTURA SURDA

# 01

**Objetivo da unidade:** Identificar os aspectos mais relevantes sobre a cultura surda através de um aprofundamento em suas relevâncias linguísticas e fisiologia, compreendendo formas de tratamento adequadas à pessoa surda dentro das leis e diretrizes da nação brasileira.

### **Conteúdos da unidade:**

- 1) Terminologia.
- 2) Graus de surdez.
- 3) Nomenclaturas.
- 4) Diferenciações entre língua e linguagem.
- 5) Leis e diretrizes.

### 1.1 TERMINOLOGIA

Neste primeiro momento precisamos compreender o que é a surdez. Mas antes, você, caro aluno (a), conhece uma pessoa surda? Já teve contato ou tem algum familiar que pertence à comunidade surda? Se sim, tenho certeza que você já ouviu as pessoas da comunidade chamarem esta pessoa surda por diversas “*nomenclaturas*”, não é mesmo? Talvez, não foi por maldade ou por desejo de insulto, mas, propriamente, por falta de conhecimento sobre o assunto, ou propriamente por pura ignorância sobre o tema. Por isso, vamos nos inserir na cultura surda, compreendendo o que de fato é de suma importância para a esta comunidade em geral: o que demarca a sua história, bem como as leis e diretrizes que viabilizam as necessidades, direitos e deveres das pessoas surdas, como também de todas as pessoas ouvintes que estão entorno desta comunidade específica.

## 14 Unidade 01 – Cultura surda

Ora, *Surdez* é o nome dado à impossibilidade e dificuldade de ouvir, sendo a causa múltiplos fatores que ocorrem antes, durante ou após o momento do nascimento. A surdez pode variar de um grau leve a profunda, ou seja, a pessoa pode não ouvir apenas os sons mais fracos ou até mesmo não ouvir nada. Segundo o Ministério da Educação e Cultura, citado por Lima, podemos compreender de uma forma mais assertiva:

A surdez consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons. Verifica-se a existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição. Sob o aspecto da interferência na aquisição da linguagem e da fala, o déficit auditivo pode ser definido como perda média em decibéis, na zona conversacional (frequência de 500 – 1000 – 2000 hertz) para o melhor ouvido<sup>1</sup>.

Segundo Pereira<sup>2</sup>, muitas pessoas surdas e pesquisadores consideram que o termo “*surdo*” se refere à pessoa que percebe o mundo por meio de experiências visuais e escolhe por utilizar a Língua de Sinais, demonstrando valor à cultura, bem como à comunidade surda. A língua materna é uma língua que se adquire de forma natural no contexto familiar. Quando a pessoa é imersa no ambiente linguístico, o ouvinte chega à escola falando sua língua materna, onde cabe à escola apenas a sistematização do conhecimento.

É válido ressaltar que a maioria das crianças surdas não têm imersão linguística de igual modo como crianças ouvintes em seus seios familiares, e por isso o ambiente escolar passa a assumir a função de oferecer condições para aquisição da Língua de Sinais para o aprendizado da Língua Portuguesa (forma bimodal de ensino). Lima nos relata <sup>3</sup> que as alternativas de atendimento para os alunos com surdez estão intimamente relacionadas às condições individuais do educando e às escolhas da família. É fato que o grau

---

<sup>1</sup> LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006, p. 18.

<sup>2</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 3.

<sup>3</sup> Cf. LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006, p. 19-20.

e o tipo da perda auditiva, a época em que ocorreu a surdez e a idade em que começou, bem como a educação recebida são fatores que irão determinar importantes diferenças em relação ao tipo de atendimento a ser desenvolvido com esta criança, para obter melhores resultados. Quanto maior for a perda auditiva, maior será o tempo em que a pessoa surda precisará receber atendimento especializado para o aprendizado da Língua Portuguesa, principalmente a forma oral. Porém, esta perda não traz nenhum problema linguístico para o desenvolvimento e aquisição da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

## 1.2 GRAUS DE SURDEZ

Ora, dentro deste sentido, conseguimos compreender, em um primeiro momento, que o *SURDO* é aquele que não escuta. Podemos ainda compreender que, pelo Ministério da Saúde do Brasil<sup>4</sup>, o indivíduo com surdez pode ser considerado:

### 1.2.1 Pessoa com surdez leve

Nesta situação a pessoa apresenta uma qualitativa perda auditiva de até quarenta decibéis. Compreende-se que esta perda impede que o mesmo perceba os fonemas das palavras. Além disso, locuções vocais fracas ou distantes não são ouvidas. Em geral, esta pessoa é considerada um tanto desatenta e solícita, frequentemente, a repetição daquilo que é dito. Essa perda auditiva não impede a aquisição normal da língua oral, mas poderá ser a causa de algum problema articulatório na leitura, ou mesmo na escrita.

---

<sup>4</sup> BRASIL. *Ministério da Saúde*. Disponível em <https://bvsmms.saude.gov.br/surdez-3/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

### **1.2.2 Pessoa com surdez moderada**

Nesta situação a pessoa apresenta perda qualitativa da audição entre quarenta e setenta decibéis. Os limites se encontram no nível da perceptivo da palavra, sendo necessária a imposição vocal de certa intensidade para que seja convenientemente percebida. Neste caso, é comum o atraso de linguagem e as alterações de articulação, havendo, em alguns casos, maiores problemas linguísticos. Esta pessoa tem maior dificuldade de discriminação auditiva em ambientes com muito ruído. Em geral, ela consegue entender as palavras mais significativas, tendo dificuldade em compreender certos termos de relação ou mesmo formas gramaticais mais complexas, onde sua compreensão verbal está intimamente ligada à sua aptidão para a percepção no campo da visão.

### **1.2.3 Pessoa com surdez severa**

Nesta situação a pessoa apresenta perda qualitativa da audição entre setenta e noventa decibéis. É interessante observar que este tipo de perda vai permitir que ela identifique alguns ruídos que sejam já familiares, como também poderá perceber apenas a locução de voz bem forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem desenvolvimento de fala. Ora, se a família estiver bem orientada pelas áreas da Educação e Saúde, a criança poderá chegar a adquirir linguagem oral. Equivale também compreender que o quesito verbal vai depender de sua aptidão para utilizar o campo visual para observar e analisar o contexto das situações.

### **1.2.4 Pessoa com surdez profunda**

Nesta situação a pessoa apresenta perda qualitativa da audição superior a noventa decibéis. A gravidade dessa perda é tamanha, pois priva a pessoa humana das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz de seus semelhantes, acabando por impedir o desenvolvimento da língua oral. As perturbações que ocorrem na função auditiva estão ligadas à estrutura acústica, bem como à identificação da



linguagem. Um exemplo seria um bebê que nasce surdo balbucia como um bebê de audição normal, porém suas emissões começam a desaparecer, de forma que não tem acesso à estimulação auditiva externa, um fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Deste modo, não se adquire a fala como instrumento de comunicação, pois não a percebendo e não possui modelo para dirigir suas emissões. Porém esta pessoa poderá ter pleno desenvolvimento linguístico por meio da Língua de Sinais.

Resumindo esta fala inicial, podemos observar que é possível dividir a perda auditiva em cinco categorias, somando a *Anacusia*<sup>5</sup>, conforme Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999:

- I) *Surdez leve*: considerada a perda auditiva entre 25db<sup>6</sup> e 40db.
- II) *Surdez moderada*: considerada a perda auditiva entre 41db e 55db.
- III) *Surdez acentuada*: considerada a perda auditiva entre 56db e 70db.
- IV) *Surdez severa*: considerada a perda auditiva entre 71db e 90db.
- V) *Surdez profunda*: considerada a perda auditiva acima de 91db.

A classificação da surdez pode ser ainda destacada como *unilateral*, quando se apresenta em apenas um ouvido e *bilateral*, quando ocorre em ambos ouvidos.

### 1.3 NOMECLATURAS

A sociedade em geral tem sempre formas de destacar seus grupos com nomenclaturas e termos. Nós chamamos isso de *intitulações*, ou mesmo *rotulações* (no contexto pejorativo). Estas formas de intitulações ou rotulações podem ser formas amigáveis, convidativas e assertivas, como também podem ser pejorativas, agressoras e desagregadoras. Deste modo, compreender as nomenclaturas exatas para o trato com o próximo é de suma importância. Isso se ressalta quando convivemos com pessoas surdas.

---

<sup>5</sup> Segundo o Conselho Nacional de Otorrinolaringologia, *Anacusia* é a perda total ou parcial da audição.

<sup>6</sup> Db = decibéis.

Compreender os termos exatos auxilia no combate ao preconceito com este grupo, em específico.

Segundo o decreto da lei nº 5.626/05 que respeita a filiação cultural e à clínica, podemos compreender efetivamente a diferença entre os termos “pessoa surda e “deficiente auditivo”:

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Freitas<sup>7</sup> nos revela que a comunidade surda brasileira tem sustentado o posicionamento de que a Língua Brasileira de Sinais faz da pessoa surda um cidadão, em pleno desenvolvimento na perspectiva social, cognitiva e afetiva. É interessante, de antemão, compreender que o termo “*mudo*” não é bem recebido pela comunidade surda, pois traz um estigma social e incorreção científica. Quando se utiliza o termo supracitado, ele se sobressai com uma conotação negativa. Deste modo: 1. Os surdos podem utilizar a fala vocalizada, desde que receba um treinamento fonoaudiológico; portanto, ele não é “*mudo*”. 2. A mudez é uma condição gerada por traumas ou AVC’s, e na maioria destes casos a pessoa até ouve, mas não vocaliza. Algumas comunidades estudantis utilizam do termo “*afônico*” para aqueles que não emitem nenhum tipo de sonoridade. Pereira<sup>8</sup> chama a atenção da comunidade ouvinte para saber diferenciar os termos a seguir:

*I) Surdo-Mudo* – Este termo é aplicado há muitos séculos aplicados às pessoas surdas. É um termo extremamente controverso, pois está relacionado a um estigma social. Porém, deveria ser utilizado para se referir às pessoas que têm algum impedimento ou defeito orgânico no aparelho fonoarticulatório. O termo “*Surdo-Mudo*” é repudiado na comunidade surda porque as pessoas surdas entendem que a expressão da Libras é uma forma

---

<sup>7</sup> FREITAS, Enos Figueiredo de. *Libras, abordagem teórica*. Senhor do Bonfim/BA: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, p. 5-6.

<sup>8</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 3.

legítima de fala e comunicação, ainda que não seja oral, é a forma de comunicação utilizada pelas pessoas surdas, isto é, sua língua materna.

II) *Mudo* – Segundo o dicionário Aurélio<sup>9</sup>, mudo implica ser privado do uso da palavra por defeito orgânico, ou causa psíquica.

III) “*Mudinho*” – Este conceito do senso comum não envolve a ideia de uma deficiência na fala, e sim é atributo de quem não se comunica. “Mudinho” então, não é quem não possui oralidade, quem não consegue emitir sons que formam palavras, é quem não se comunica, de alguma forma. Também o termo acima é o mais pejorativo de todos os citados.

IV) *Pessoa com Necessidades Especiais (PNE)* - A expressão “*necessidades especiais*” remete à ideia de que as pessoas com deficiência deverão ser tratadas de forma diferente porque não possuem a mesma capacidade. A deficiência não é a mesma coisa que a ineficiência, e quando se trata de profissionais, as atividades desenvolvidas e a produtividade podem ser iguais ou até mesmo superiores, tudo dependerá se a pessoa tem perfil, da dedicação e empenho de cada colaborador e das condições de trabalho e inclusão oferecidas pelo empregador.

V) *Pessoa Portadora de Deficiência (PPD)* – A expressão “*pessoa portadora de deficiência*” é um termo utilizado anteriormente para denominar indivíduos deficientes de uma forma bem ampla. Essas deficiências poderiam ser de diversos âmbitos, como física, intelectual, auditiva e outras. Não há diferença entre este termo com o termo “*pessoa com necessidades especiais*”, sendo que ambos se referem às pessoas que tem algum tipo de deficiência. PPD e PNE não condiz aos termos para utilização atualmente. A Convenção das Nações Unidas sobre o Direito das Pessoas com Deficiência nos ensina que o termo correto para as designar é PCD (Pessoa com Deficiência).

VI) *Pessoa com Deficiência (PCD)* – Este termo vai se referir às pessoas que têm impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, no qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque Holanda. Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

<sup>10</sup> Cf. MOURA, Adelson Fidelis de; LEITE, Lúcia Pereira; MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. Universidade Acessível: com a Voz os Estudantes Surdos do Ensino Médio. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v.1, 2017, p. 531.

VII) *Deficiente Auditivo* – O que difere surdez de deficiência auditiva é a profundidade da perda auditiva, no ponto de vista médico. As pessoas que têm perda severa ou profunda são surdas. Já as pessoas que sofreram uma perda leve ou moderada da audição são consideradas deficientes auditivas. Porém, levar em conta só a perspectiva clínica não é suficiente, já que a diferença na nomenclatura também tem um componente cultural importante: a Língua Brasileira de Sinais, onde quem assume a cultura surda e a língua materna desta comunidade é considerado uma pessoa surda, mesmo que tenha surdez leve ou moderada.<sup>11</sup>

VIII) *Surdo* - O fator específico para a escolha de um ou outro termo é a participação na comunidade surda. As pessoas que fazem parte da comunidade se identificam como *surdas*, enquanto as que não pertencem a ela são chamadas de deficientes auditivas. Nesta perspectiva podemos observar que a profundidade da perda auditiva não é tão importante, já que a identidade surda é o que define a questão. Para os surdos, a surdez não é uma deficiência: é uma outra forma de experimentar o mundo. Ainda mais, a surdez é tratada como uma potencialidade, que abre as portas para uma cultura própria e muito rica, que não se identifica pelo que se ouve. Na comunidade surda não há “perda auditiva”, mas sim um “ganho surdo”.<sup>12</sup>

IX) *Pessoa Surda* – Este termo vai se referir exclusivamente à pessoa que tem surdez. Neste caso, refere-se como “pessoa surda”, dando ênfase ao termo “pessoa” antes mesmo do termo “surda”, evidenciado que o indivíduo é um ser dotado de toda a valoração e dignidade de um ser humano, antes mesmo de sua deficiência específica. Nas comunidades surdas, em particular, este é o melhor termo a se utilizar.

## 1.4 DIFERENCIAÇÕES ENTRE LÍNGUA E LINGUAGEM

Neste tópico vamos compreender a diferença entre *língua* e *linguagem*. Sabemos, pois, que a comunidade ouvinte se confunde ao ser questionada entre as diferenças entre ambas. Primeiramente, precisamos

---

<sup>11</sup> HANDTALK. Aplicativo de comunicação bilíngue. Disponível em: <https://blog.handtalk.me/surdo-ou-deficiente-auditivo/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

<sup>12</sup> HANDTALK. Aplicativo de comunicação bilíngue. Disponível em: <https://blog.handtalk.me/surdo-ou-deficiente-auditivo/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

compreender que as Línguas de Sinais (LS) são as línguas naturais das comunidades surdas. Ora, Libras é a sigla da Língua Brasileira de Sinais. Deste modo, o termo “*Língua materna*” se refere aos surdos que nascem em famílias de surdos, onde a língua comum é a Libras. Já para surdos que nascem em famílias ouvintes onde não há comunicação em Libras entendemos como “Língua natural”.

As Línguas de Sinais são denominadas *línguas de modalidade gestual-visual* (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Segundo a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos – FENEIS<sup>13</sup>, define-se a Língua Brasileira de Sinais – Libras - como a língua materna dos surdos brasileiros e, como tal, poderá ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com esta comunidade. Como língua, está composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força. Ela possui todos os elementos classificatórios identificáveis numa língua e demanda prática para seu aprendizado, como qualquer outra língua. De fato, a Libras é uma língua viva e autônoma, reconhecida pela Linguística.

Segundo Sánchez *apud* Alvez,<sup>14</sup> a comunicação humana “é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida. Todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos os desenvolvem normalmente, independentes de qualquer fator racial, social ou cultural”. Uma demonstração desta afirmação se evidencia nas línguas oral-auditivas (usadas pelos ouvintes) e nas línguas viso- espacial (usadas pelos surdos). As duas modalidades de línguas são sistemas abstratos com regras gramaticais.

Entretanto, da mesma forma que as línguas oral-auditivas não são iguais, variando de lugar para lugar, de comunidade para comunidade a língua de sinais também varia. Dito de outra forma: existe a Língua de Sinais

---

<sup>13</sup> Cf. FENEIS – FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. *Projeto escola pública integral bilíngue* (libras e português-escrito). Brasília, 26 de setembro de 2011.

<sup>14</sup> Cf. SANCHÉZ, C. In: ALVES, Marlene Rodrigues. *Inclusão do Aluno Surdo Num Mesmo Espaço Escolar, Com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular*. *Revista Eficaz*, Maringá, v. 1, 2011, p. 40.

Americana, Inglesa, Francesa e várias outras línguas de sinais em vários países, bem como a Brasileira.

É uma Língua viva e autônoma, reconhecida pela Linguística. Pereira<sup>15</sup> nos demonstra que pesquisas com filhos surdos de pais surdos estabelecem a aquisição precoce da Língua de Sinais dentro do lar. Isto é um benefício para o aprendizado da língua oral como segunda língua para os surdos. Os estudos em pessoas surdas demonstram que a Língua de Sinais apresenta uma organização neural semelhante à língua oral, isto é, esta se organiza no cérebro da mesma maneira que as línguas faladas, como o Francês, Português, Inglês, etc.

A Língua de Sinais apresenta, por ser uma língua, um período crítico precoce para sua aquisição, considerando-se que a forma de comunicação natural é aquela para a qual o sujeito está mais bem preparado, levando-se em conta a noção de conforto estabelecido diante de qualquer tipo de aquisição na tenra idade<sup>16</sup>.

Já quando falamos de “*Linguagem*”, podemos analisar que o termo se refere a tudo que envolve significação, que pode ser humano (pintura, música, cinema, etc.), animal (cachorros, macacos, girafas, etc.) ou artificial (códigos de T.I., código Morse, placas de trânsito, bandeiras, etc.) Sanchez apud Alves nos diz que, torna-se um sistema de comunicação natural ou artificial, humana ou não – humana.<sup>17</sup>

Mas, retornando ainda à questão da Língua, podemos compreender que a mesma é, de fato, um conjunto de palavras, sinais e expressões organizados a partir de regras, sendo utilizado por um povo para sua interação.<sup>18</sup> Sendo assim, a Língua seria uma forma de Linguagem: a Linguagem verbal. As Línguas estariam em uma posição de destaque entre todas as Linguagens, ou seja, podemos falar de todas as outras linguagens utilizando as palavras ou os sinais. Assim como as línguas orais, as línguas

---

<sup>15</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 10.

<sup>16</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 10.

<sup>17</sup> Cf. SANCHÉZ, C. In: ALVES, Marlene Rodrigues. *Inclusão do Aluno Surdo Num Mesmo Espaço Escolar, Com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular*. *Revista Eficaz*, Maringá, v.1, 2011, p. 43.

<sup>18</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 10.

de sinais se organizam em diferentes níveis: Semântico, Sintático, Morfológico e Fonológico.

Deste modo, o temo utilizado corretamente é “Língua” de Sinais e não “Linguagem” de Sinais. E isso porque, concordando com Oviedo<sup>19</sup>, “Língua” designa um específico sistema de signos que é utilizado por uma comunidade para se comunicarem.

Já “Linguagem” está relacionada à capacidade da espécie humana para se comunicar através de um sistema de signos; é a capacidade humana de criar e usar as línguas e que, conforme Vygotsky tem papel essencial na organização das funções psicológicas superiores. Daí que resulta ser inapropriado utilizar o termo "Linguagem" para designar a língua de uma comunidade; no caso a da comunidade surda, a Língua de Sinais<sup>20</sup>.

Para tanto, podemos analisar alguns pontos reflexivos quanto às diferenciações entre uma Língua Verbal e uma Língua de Sinais. Vejamos:

#### 1 – Flexibilidade e versatilidade

As Línguas Verbais apresentam várias possibilidades de uso em diferentes contextos. Já as Línguas de Sinais são usadas para pensar, são usadas para desempenhar diferentes funções. Você pode argumentar em sinais, pode fazer poesia em sinais, pode simplesmente informar, pode persuadir, pode dar ordens, fazer perguntas em sinais<sup>21</sup>. Exemplo:

a) *VOCÊ GOSTAR UVA. VOCÊ <GOSTAR UVA>.*

b) *MOTOCICLETA DEFEITO. EU PRECISO ARRUMAR.*

---

<sup>19</sup> Cf. OVIEDO, Alejandro. *"Lengua de Señas", "Lenguaje de Signos", "Lenguaje Gestual", "Lengua Manual"? Razones para Escoger una Denominación.* In: El Bilingüismo de los Sordos. Ministério de Educaciona Nacional - Instituto Nacional para Sordos. 1996. Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/eventos/RIBIE/2000/papers/034.htm>. Acesso em 07 ago. 2021.

<sup>20</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras.* Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 11.

<sup>21</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras.* Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 11.

## 24 Unidade 01 – Cultura surda

### 2 – Criatividade e produtividade

Nas Línguas Verbais você pode dizer o que quiser e de muitas formas uma determinada informação seguindo um conjunto finito de regras. A partir desse conjunto, você pode produzir uma sentença infinita. Já as Línguas de Sinais são produtivas assim como quaisquer outras Línguas<sup>22</sup>. Exemplo:

a) *EU AMAR ANA PORQUE ELA BONITA, LEGAL, ESPECIAL, GOSTAR.*

### 3 – Dupla articulação

As Línguas Verbais apresentam duas articulações: a primeira é das unidades menores sem significado e a segunda, das unidades que combinadas formam unidades com significado. Já as Línguas de Sinais também apresentam o nível da forma e o nível do significado. Por exemplo, as configurações por si só não apresentam significado, mas ao serem combinadas formam sinais que significam alguma coisa.<sup>23</sup> Exemplos em LIBRAS:

a) *CM sem significado PA sem significado M sem significado. CM+PA+M = significado (PA+bochecha+semicírculo para trás)*

### 4 – Arbitrariedade

Nas Línguas Verbais a palavra (signo linguístico) é arbitrária porque é sempre uma convenção reconhecida pelos falantes de uma língua. Já nas Línguas de Sinais apresentam palavras em que não há relação direta entre a forma e o significado.<sup>24</sup> Exemplo:

a) *CONHECER AMIGO.*

---

<sup>22</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 11.

<sup>23</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 11.

<sup>24</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 11.



## 5 – Descontinuidade

Nas Línguas Verbais há diferenças mínimas entre as palavras e os seus significados são descontínuos por meio da distribuição que apresentam- nos diferentes níveis linguísticos. Já nas Línguas de Sinais verificamos o caráter descontínuo da diferença formal entre a forma e o significado. Há vários exemplos que ilustram isso, por exemplo, o sinal de MORENO e de SURDO são realizados na mesma locação, com a mesma configuração de mão, mas com uma pequena mudança no movimento, mesmo assim nunca são confundidos ao serem produzidos em um enunciado. Tais sinais apresentam uma distribuição semântica que não permite a confusão entre os significados apresentados dentro de um determinado contexto<sup>25</sup>. Exemplos:

- a) *TRABALHO*
- b) *CD DVD*
- c) *NEGRO-SURDO*

## 6 – Padrão

As Línguas Verbais têm um conjunto de regras compartilhadas por um grupo de pessoas. Já as Línguas de Sinais são altamente restringidas por regras. Você não pode produzir os sinais de qualquer jeito ao usar a língua de sinais brasileira, por exemplo. Você deve observar suas regras<sup>26</sup>. Exemplo:

- a) *Obedecer às regras de formação de sinais e de sentenças. (ajudar com CM).*

## 7 – Dependência estrutural

Nas Línguas Verbais há uma relação estrutural entre os elementos da língua, ou seja, eles não podem ser combinados de forma aleatória. Já nas Línguas de Sinais também é observada uma dependência estrutural entre os termos produzidos nas línguas de sinais.<sup>27</sup> Exemplos:

---

<sup>25</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 13.

<sup>26</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 13.

<sup>27</sup> Cf. PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014, p. 13.

- a) PAULO TRABALHAR
- b) TRABALHAR PAULO
- c) SINAL PARANÁ
- d) PARANÁ SINAL

## 1.5 LEIS E DIRETRIZES

Neste momento vamos analisar algumas leis e diretrizes que nos auxiliam a compreender a luta de uma comunidade, que há tempos foi isenta de seus direitos de língua, cultura e dignidade.

A primeira legislação que apresenta algum parágrafo em relação à comunidade surda é o Código Civil Brasileiro, com data de 1º de janeiro de 1916, com a lei n° 3.071, Art. 5, que nos diz<sup>28</sup>:

(...) Art. 5. São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil:

I. Os menores de dezesseis anos.

II. Os loucos de todo o gênero.

III. Os surdos-mudos, que não puderem exprimir a sua vontade.

Sabemos, pois, que esta lei já não é mais utilizada, e que foi revogada pela lei n° 10.406 de 2002. O que podemos observar em tal lei é a vigoração do estigma da nomenclatura “*Surdo - Mudo*”, não tendo ainda o conhecimento de distinção das duas deficiências, tirando o direito de se pronunciar e expor sua vontade.

Vale ressaltar que na Constituição Federal do ano de 1988, no Art. 208, inciso III diz que<sup>29</sup>:

(...) É dever do estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.

---

<sup>28</sup> BRASIL. GOVERNO FEDERAL. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/13071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/13071.htm). Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>29</sup> Cf. BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Art.208.

O inciso da Constituição traz o termo “*preferencialmente*” em suas linhas gerais. Analisando se forma sistemática, podemos observar que, com este termo, a Constituição não garante, de forma completa, o acesso ao ensino às pessoas com deficiência, pois, “preferência” não garante acesso.

Porém, um marco histórico nas leis vigentes na defesa dos direitos às pessoas surdas foram os decretos da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, no ano de 1994. Nos documentos emitidos, foi datado a equalização de oportunidades para todas as pessoas com deficiência, regulamentando a Educação Especial em linhas de ação, como se cita no texto<sup>30</sup>:

(...) Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou população nômade, crianças pertencentes às minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizados.

E sobre as pessoas com deficiência ainda cita<sup>31</sup>:

(...) No contexto destas Linhas de Ação o termo “necessidades educacionais especiais” refere-se a todas aquelas crianças ou jovens, cujas necessidades se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem. As escolas têm que encontrar a maneira de educar com êxito, todas as crianças, inclusive as que têm deficiências graves.

Para tanto, a luta por reconhecimento dos direitos no Brasil continuou, em específico à toda comunidade surda. Depois de oito anos, surge a lei que

---

<sup>30</sup> MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

<sup>31</sup> MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

28 Unidade 01 – Cultura surda

regulamenta oficialmente a Língua Brasileira de Sinais sobre toda a nação: a lei 10.436, de 24 de abril de 2002.

**Objetivo da unidade:** Analisar como se deu a educação das pessoas surdas ao longo dos séculos, observando os contextos históricos que marcaram a linha temporal, da antiguidade, medievo, modernidade, até a comunidade surda contemporânea atual, além de trazer um estudo de caso no Brasil, fortalecendo as pontuações dadas dentro do desenvolvimento da linha histórica conceituada.

**Conteúdos da unidade:**

- 1) Aspectos da história da surdez na antiguidade e medievo.
- 2) Aspectos da história da surdez na modernidade.
- 3) Aspectos da história da surdez na era contemporânea.
- 4) Aspectos da história da surdez no Brasil.
- 5) Estudo de caso.

## 2.1 ANTIGUIDADE E MEDIEVO

Em linhas gerais, ao que conhecemos da história da humanidade podemos compreender que a surdez sempre esteve presente na sociedade. De forma hostil, severa e constringedora, os primeiros séculos retratam a pessoa surda de uma forma que não podemos consentir e imaginar. Segundo Honora e Frizanco<sup>32</sup>, na antiguidade a educação dos surdos variava de acordo com a

---

<sup>32</sup> HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 19.

concepção que se tinha deles. Para os gregos e romanos, em linhas gerais, a pessoa surda não era considerada parte da humanidade, isto é, um ser humano “normal”. Ora, para estes povos a fala era resultado do pensamento. Se o indivíduo não conseguia pensar, logo não era considerado uma pessoa. Vale ressaltar que, pessoa surdas não tinham direito a testamentos, a estudar, como também frequentar os mesmos lugares que pessoas ouvintes. O próprio Aristóteles, considerava a audição de suma importância para o aprendizado, o que contribuiu em partes para que pessoas surdas fossem vistas como incapacitadas de receber toda e qualquer instrução.

Já no Medievo, o fator relevante na história da surdez foi o Catolicismo. Sabemos, pois, que a Igreja Católica dominou o pensamento em toda a Idade Média, como também era total influenciadora de reinados e monarquias. Dentro deste sentido, em um primeiro momento, houve uma exacerbada discriminação no que se refere às deficiências, e não somente à questão da surdez. Entendia-se que, uma pessoa nascida com qualquer que seja a deficiência, tinha sido condenada a tal situação porventura dos pecados de seus antepassados. Além disso, se a pessoa não fosse totalmente integral em seus sentidos naturais, não poderia ser considerada filho/filha de Deus, pois não eram sua “imagem e semelhança”. Deste modo, surdos não se encaixavam neste padrão imposto pelo Catolicismo, e foram postos à margem da sociedade.<sup>33</sup>

Podemos compreender que nesta época a sociedade era dividida pelo sistema feudal. Dentro deste sentido, nos castelos, a nobreza casava-se entre si, justamente para não dividir a herança com outras famílias abastadas. Logo, estas uniões entre familiares geraram muitas crianças surdas. Quando a Igreja compreendeu tal situação, começou a educar estas crianças, de forma a “integrá-los” em suas famílias ricas. Os monges, que ficavam em clausura e tinham um voto de silêncio, criaram uma primeira linguagem gestual, para que não ficassem totalmente incomunicáveis entre si. Estes monges foram convidados pelos líderes eclesiais se tornarem os preceptores das pessoas surdas. Com isso, a integração da nobreza que era surda, por meio de uma língua gestual poderia ocorrer, e assim todas as pessoas surdas desta época – e que eram nobres e ricas – poderiam participar dos sacramentos, confessar

---

<sup>33</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 19.

seus pecados e assim, tornar suas almas imortais, por meio da ajuda da Santa Igreja Romana.<sup>34</sup>

## 2.2 MODERNIDADE

Ao que podemos observar, a Idade Moderna foi o marco de integração da pessoa surda na sociedade. Reiteramos que houve a integração neste tempo, e não a inclusão real e total no meio social.

Segundo Honora e Frizanco<sup>35</sup>, até o fim da Idade Medieval pessoas surdas tornaram-se alvo de estudos por parte da sociedade, bem como público-alvo da promoção da caridade, já que eram pessoas desafortunadas e punidas pela força divina. Deste modo, na Modernidade, muitos foram os eruditos a procura de sanar, ou mesmo auxiliar da melhor forma possível a comunidade surda existente.

No Ocidente, pelo que se conhece, um dos primeiros preceptores e educadores foi o italiano Gerolano Cardano (1501-1576). Por ter um filho surdo, Cardano iniciou estudos sobre a surdez, de modo a afirmar que a deficiência não impedia as pessoas surdas de receberem instrução e educação. Cardano afirma isso depois de pesquisar muito, e constatar que a escrita representava os sons da fala, ou mesmo do pensamento.<sup>36</sup>

Outro estudioso muito importante foi Pedro de Leon (1510-1584) monge beneditino, que residiu em um mosteiro espanhol. Leon usava sinais rudimentares para fazer comunicação entre os monges, pois em seu mosteiro havia o voto de silêncio. Pela privação de comunicação verbal entre os religiosos possibilitou Leon a criar outra forma de se expressar, não muito diferente do que conhecemos hoje como “*sinais familiares*”. Há um relato

---

<sup>34</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 20.

<sup>35</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 20.

<sup>36</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 20.

biográfico que destaca uma família nobre da Espanha que tinha diversas crianças surdas em seu seio. Por isso, dois membros da família foram até o mosteiro onde residia Leon e, em conjunto com o monge, deram origem à primeira língua de sinais. Leon, sendo tutor destes surdos, pôde constatar, contrariando o pensamento de Aristóteles, que a pessoa surda era capaz de absorver todo conteúdo educativo possível. Para tanto, seus alunos eram perspicazes em Ciências, Matemática, Filosofia, História, etc.; fazendo com que a metodologia de Leon fosse reconhecida em toda a região europeia. Sabemos, pois, que seu método iniciava com o ensino da escrita, por meio da nomeação de objetos inanimados, e em seguida, o ensino da fala, a partir da fonemas<sup>37</sup>. Os fonemas são os sons produzidos pelos falantes e representam as unidades sonoras que formam as palavras de uma língua. Os seres humanos produzem sons que se articulam, juntam-se e formam as palavras.

No século XVI, a grande revolução se dá então, pela concepção de que a compreensão do pensamento não dependia exclusivamente, da audição das palavras. Um dos ícones destes estudos aprofundados foi Juan Pablo Bonet (1579-1633). Bonet era padre espanhol, considerado um dos primeiros educadores da era moderna sob a comunidade surda, onde criou o primeiro tratado de ensino para Surdos-Mudos. Vale ressaltar, já de antemão, que o termo acima – Surdos-Mudos – era o termo utilizado na época em si, mas que, atualmente, já caiu totalmente em desuso. Bonet foi o primeiro a idealizar o alfabeto manual, utilizando da sistemática de que seria mais fácil para a pessoa surda aprender a ler se cada som da fala fosse substituído por alguma forma visível.

Há também neste mesmo tempo, muitas divergências de como ensinar a comunidade surda. Foram diversos os métodos de ensino-aprendizagem feitos para as pessoas surdas. Um método conhecido da época era chamado de “*Oralismo*”. Para compreendermos melhor, o Oralismo é um método de ensino para surdos, e considera que a maneira mais eficaz de apreensão de conteúdos é através da língua oral ou falada, utilizando treino da fala, da leitura labial e treino auditivo. O método permitiria a pessoa surda a desenvolver-se emocional, social e cognitivamente do modo mais “normal” possível, integrando-se como membro ativo do mundo ouvinte.

---

<sup>37</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 21.



O método oralista foi defendido por inúmeros estudiosos, como Van Helmont (1614-1699), que propôs aos seus alunos a oralização por meio do alfabeto da língua hebraica, pois, segundo estudioso, as letras da língua hebraica indicavam a posição da laringe e da língua ao reproduzir cada som. Helmont foi o primeiro a compreender a leitura labial e o uso de um espelho.<sup>38</sup>

Outro defensor do Oralismo foi o médico e educador Johann Conrad Amman (1669-1724). O estudioso aperfeiçoou os procedimentos de leitura labial por meio dos espelhos e também do tato, percebendo as vibrações da laringe. Este método até hoje é utilizado pelos estudiosos da Fonoaudiologia. Amman acreditava que as pessoas surdas eram pouco diferentes dos animais, devido a sua incapacidade de fala. Ora, ele acreditava que na voz estava o “sopro da vida”. Amman era totalmente avesso à utilização da Língua de Sinais, interpretando tal uso com atrofia mental, impossibilitando a pessoa surda, no futuro, desenvolver fala e pensamento.<sup>39</sup>

Uma das figuras mais importantes para a história da surdez e seu desenvolvimento na Idade Moderna foi o abade Charles-Michel de L’Epée (1712-1789). L’Epée foi um filantropo educador, conhecido como “pai dos surdos”. Foi um dos primeiros estudiosos da área a defender o uso da Língua de Sinais como método de ensino-aprendizagem e comunicação entre o mundo ouvinte e o mundo surdo. Ele reconheceu que a Língua de Sinais realmente existia, poderia se desenvolver e servia de base comunicativa essencial entre os surdos. L’Epée se dispôs a aprender a Língua de Sinais para assim, poder se comunicar com as pessoas surdas. O abade criou a primeira escola pública no mundo para pessoas surdas, localizada na cidade de Paris, chamado de “Instituto de Surdos-Mudos”, em 1760. L’Epée fazia demonstrações de seus alunos em praça pública, podendo assim fazer arrecadação de dinheiro e mantimentos para continuação de sua obra. As apresentações consistiam em perguntas feitas por escrito às pessoas surdas, demonstrando que seu método era eficaz. O abade refere-se com muito respeito à Língua de Sinais em sua obra “A verdadeira maneira de instruir

---

<sup>38</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 21.

<sup>39</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 22.

surdos-mudos”. Esta obra publicada em 1776 foi um grande marco na história da comunidade surda, como também a abertura para novos horizontes da compreensão da Língua de Sinais.<sup>40</sup>

Deste modo, o século XVIII é considerado o período mais próspero na história da surdez, pois houve a fundação de várias escolas para a comunidade surda. Além disso, a educação para surdos também evoluiu, já que, através da Língua de Sinais, as pessoas surdas podiam aprender e dominar os mais vastos assuntos, exercendo assim, diversas profissões.<sup>41</sup>

### 2.3 ERA CONTEMPORÂNEA

Podemos compreender que, antes de 1750, a maior parcela da comunidade surda não recebia instrução e educação. Com o deslanche feito pelo abade L’Epée, a comunidade surda começou a receber um novo olhar da sociedade. Depois da morte de L’Epée, quem assume seu posto é o abade Roch-Ambroise Cucurron Sicard (1742-1822), que foi nomeado diretor do Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Sicard publicou algumas obras acerca do ensino para a comunidade surda: uma gramática geral, e também um relato rico em detalhes de como havia treinado Jean Massieu – um de seus alunos surdos -. Depois da morte do abade Sicard, que toma o posto do Instituto é, justamente, Massieu, que foi um dos primeiros professores surdos do mundo, relato pela história. Entretanto, a sua tomada de posse fez desencadear uma exorbitante disputa de poder, envolvendo dois grandes estudiosos da época – Jean-Marc Itard (1775-1838) e Joseph-Marie de Gérando (1772-1842), mais conhecido como o “barão de Gérando” – ao que ocasionou o afastamento do professor Massieu de seu cargo.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 23.

<sup>41</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 23.

<sup>42</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 23.

A figura de Itard dentro da história da surdez é ímpar, principalmente no que se refere à situações desumanas para com as pessoas surdas. Este médico-cirurgião francês se tornou médico residente no Instituto Nacional de Surdos-Mudos, onde, estudando com o famoso Philippe Pinel<sup>43</sup> - considerado o pai da Psiquiatria -, como também seguindo os pensamentos de Condillac<sup>44</sup>, compreendeu que, para as sensações eram a base do conhecimento humano, totalmente inerente à empiria. Dentro desta concepção era exigido a erradicação, ou mesmo a “diminuição” da surdez, para que a pessoa surda tivesse acesso ao conhecimento empírico.

Itard dedicou grande parte do seu tempo tentando compreender quais eram as causas da surdez. A primeira constatação feita por ele é de que a mesma não era visível. A partir daí, seus passos foram dados por uma via desumana aos olhos dos Direitos Humanos de nossa era atual. Além da dissecação de cadáveres de pessoas surdas, Itard utilizava de seus alunos para experimentos: descargas elétricas em seus ouvidos; usava sanguessugas para provocar sangramentos; perfurava as membranas dos tímpanos dos alunos, até o momento em que um de seus alunos viesse a falecer. Outros alunos tiveram fraturas cranianas e infecções devido às suas intervenções medicinais. Itard nunca aprendeu a Língua de Sinais. Após dezesseis anos de insistência no método oralista, Itard e se rendeu ao fato de que a pessoa surda só poderia ser educada por meio da Língua de Sinais.<sup>45</sup>

Já o Barão de Gérando – mencionado acima – foi um grande estudioso da área da Filosofia, História, Administração, além de ser um grande filantropo. Ele ganhou a disputa pelo cargo da direção do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Gérando sustentava a ideia da superioridade europeia. Para ele, as pessoas surdas eram tidas como selvagens – assim

---

<sup>43</sup> *Philippe Pinel* (1745-1826) foi pioneiro no tratamento de doentes mentais e um dos precursores da psiquiatria moderna. Formado em medicina pela Universidade de Toulouse (França), dirigiu os hospitais de Bicêtre e Salpêtrière.

<sup>44</sup> *Étienne Bonnot de Condillac* (1715 - 1780) desenvolveu uma teoria do conhecimento baseada no empirismo onde as sensações são o principal instrumento que nos permitem conhecer. Este filósofo formulou os fundamentos da teoria do conhecimento na época do iluminismo. Para ele, entendermos o complexo sistema de conhecimento exige que estudemos nossos sentidos de forma separada, somente dessa forma vamos conseguir perceber quais sentidos originam quais ideias. É preciso ainda analisar a forma como exercitamos cada um dos nossos sentidos e como cada um deles ajuda, assessora e socorre os outros.

como os colonos do povo europeu. Ele acreditava que a Língua de Sinais era pobre e não deveria ser usada na educação. Deste modo, os professores surdos do Instituto foram demitidos e professores ouvintes foram contratados em seus lugares, para ter o método oralista de volta. Os sinais deveriam ser banidos de toda a educação surda.<sup>46</sup> Após ano de trabalho intensos em defesa do método oralista, o barão de Gérando, antes de morrer, reconhece a importância da Língua de Sinais.

Um grande defensor do Oralismo foi o inventor Alexander Graham Bell (1847-1922). Graham Bell foi o cientista inventor do telefone. Filho de uma mulher surda, como também casado com Mabel – também surda – Graham Bell combateu a surdez a todo custo. Ele compreendia que a surdez era um desvio, e assim as pessoas surdas deveriam se passar por ouvintes que tentavam um “encaixe” na sociedade ouvinte. Graham Bell acreditava que os alunos surdos deveriam estudar em conjunto com alunos ouvintes, mas não como um direito, mas para evitar que se unissem, que se unissem em matrimônio, ou que criassem congregações cristãs. O fato de pessoas surdas unirem-se em matrimônio era considerado por Graham Bell um perigo para a sociedade. Assim, ele cria o telefone em 1876 tentando criar, segundo relato histórico, um acessório para a comunidade surda, em específico sua esposa. George Veditz<sup>47</sup> traz a nós que Graham Bell foi considerado o mais temido “inimigo” da comunidade surda americana.

Na Era Contemporânea os institutos para o ensino de pessoas surdas disseminaram-se por toda a Europa. Em 1878, na cidade de Paris, houve o Primeiro Congresso Internacional de Surdos-Mudos, aluindo que o melhor método para o ensino-aprendizagem da comunidade surda seria na articulação com leitura labial e no uso de gesticulação nos anos iniciais de ensino. Ora, esta determinação durou apenas dois anos, pois no ano de 1880, na cidade de Milão, ocorreu o Segundo Congresso Internacional de Surdos-Mudos, o qual trouxe uma votação com os integrantes do Congresso, afim de rever o processo educativo da comunidade surda da época. delimitou-se, portanto, que o melhor método seria o *Oralista puro*, abolindo oficialmente o uso da Língua de Sinais na educação das pessoas surdas. Aqui, vale

---

<sup>46</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 24.

<sup>47</sup> *George William Veditz* (1861-1937) foi ex-presidente da Associação Nacional de Surdos dos Estados Unidos, e foi um dos primeiros a filmar a Língua de Sinais Americana.

ressaltar que, durante este congresso, apenas um surdo pôde estar participando, e mesmo assim, não teve direito a voto, sendo convidado a se retirar no momento da votação.<sup>48</sup>

As determinações do Congresso foram: 1) a fala é incontestavelmente superior aos sinais, e deve ter preferência na educação dos surdos; 2) o método Oralista puro deve ser preferido ao método combinado<sup>49</sup>. A partir deste congresso, o método Oralista foi adotado em diversos países da Europa, acreditando que seria a melhor maneira que a pessoa surda receberia instrução no ambiente de ensino.

Durante os oitenta anos de proibição do uso de sinais, os insucessos foram notados em todo o mundo. Pessoas surdas passavam por oito anos de escolaridade, mas tinham poucas aquisições de conteúdo, saindo das escolas com profissões mais simples, como sapateiros, costureiros, etc. as pessoas surdas que não adaptaram ao método Oralista eram considerados “retardados”. Segundo Honora e Frizanco<sup>50</sup>, os surdos não eram respeitados, principalmente os que continham a surdez severa e profunda. As pessoas ouvintes estavam somente preocupadas com a “normalização” do sujeito surdo, afim de que desenvolvesse a fala, para que ninguém precisasse mudar ou sair de sua situação confortável. Quem deveria mudar era a pessoa surda. O que não se entendia é que, para muito, não era possível ocorrer a mudanças, simplesmente pela situação orgânica e anatômica de seus sistemas auditivos.

O uso dos sinais só voltou a ser aceito como manifestação linguística a partir de 1970, com a nova metodologia de ensino criada, chamada de Comunicação Total, que tem por caminho a ser seguido o uso da linguagem oral e sinalizada ao mesmo tempo.<sup>51</sup>

---

<sup>48</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 25.

<sup>49</sup> *Método combinado* significa unir o método Oralista ao ensino da Língua de Sinais.

<sup>50</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 26.

<sup>51</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 26.

## 2.4 HISTÓRIA DA SURDEZ NO BRASIL

Os acontecimentos marcantes que destacam a história da surdez no Brasil se dão a partir do Segundo Império. Entende-se que, a Língua Brasileira de Sinais teve o início de sua estruturação a partir da chegada do professor Ernest Huet.

Huet era surdo, e foi ex-aluno do Instituto de Surdos-Mudos de Paris. O professor trouxe para o Brasil, a pedido do então imperado Dom Pedro II, o alfabeto manual e a Língua Francesa de Sinais. Vale ressaltar que Dom Pedro II tinha grande interesse na área, pois, um de seus netos, filho da Princesa Isabel com o Conde D’Eu – que também tinha surdez moderada -, tinha surdez profunda.<sup>52</sup> Huet apresentou os documentos importantes à corte para poder educar a comunidade surda. Porém, ainda não havia escolas preparadas para este tipo de educação. Ora, foi solicitado a Dom Pedro II um local para fundar a primeira escola de surdos no Brasil. Desta forma, em 26 de setembro de 1857 nasce na cidade do Rio de Janeiro o Instituto Nacional do Surdos-Mudos. Atualmente, este instituto leva o nome de INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos.

Inicialmente, o Instituto utilizava da Língua de Sinais para o ensino de seus alunos. Porém, por causa do II Congresso Internacional de Surdos-Mudos, que ocorreu em Milão, onde foi evidenciado o menosprezo da Língua de Sinais para o ensino, o Instituto passa a usar o Oralismo puro como regra de ensino, no ano de 1911. Alguns médicos que trabalhavam no Instituto defendiam o método, afirmando que nas relações sociais a pessoa surda usaria a linguagem oral e não escrita, sendo esta, secundária. Além disso, tinha-se por entendimento ser um “desperdício” alfabetizar pessoas surdas em um país onde a maioria das pessoas era analfabeta.

O instituto tinha cem vagas para todo o Brasil, sendo apenas trinta sendo financiadas cem por cento pelo governo. Os alunos tinham entre nove e quatorze anos, onde participavam de diversas oficinas, para aprenderem uma profissão. Segundo Soares<sup>53</sup>, o médico Dr. Tobias Leite, que foi o

---

<sup>52</sup> Cf. SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Bragança Paulista: Editora Autores Associados, 1999, p. 45.

<sup>53</sup> Cf. SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Bragança Paulista: Editora Autores Associados, 1999, p. 45.

quarto diretor do Instituto afirmava que era de prima importância a profissionalização, dizendo que *“não tanto porque os surdos aprendem facilmente, mas porque são fidelíssimos executores das instruções ordens de seus patrões”*.

Em meados da década de 30 até meados da década de 40 assumiu o cargo da direção do Instituto o Dr. Armando Paiva Lacerda. Durante sua gestão foi desenvolvida a chamada “Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo”, que mais uma vez destaca que o método do Oralismo puro seria a única forma do indivíduo com surdez se aderir à sociedade. Na gestão de Lacerda podemos evidenciar que foram feitas aplicações de testes de inteligência de acordo com as capacidades das pessoas surdas da época.<sup>54</sup> Após os testes, os alunos eram devidamente separados de acordo com o nivelamento. O objetivo específico era a homogeneidade das turmas, separadas com as seguintes classificações: 1. Surdos-mudos completos; 2. Surdos incompletos; 3. Semissurdos propriamente ditos; 4. Semissurdos. A visão de Lacerda sobre a educação surda pode ser evidenciada pela seguinte afirmação: *“Separados os anormais em classes homogênea, suaviza-se sobremaneira a tarefa educativa que é muito mais difícil e ingrata em relação a estas crianças”*.<sup>55</sup>

No ano de 1951 o Instituto tem uma reviravolta em sua história. Neste ano assume o cargo da direção a prof. Ana Rímoli de Faria Dória. Foi a primeira vez, depois de cem anos da fundação do Instituto que um educador foi eleito diretor. O fator inovador para época foi que a prof. Rímoli implantou o *“Curso Normal de Formação de Professores para Surdos”*. O Instituto, ainda sendo uma referência para toda a nação brasileira, recebeu diversos profissionais da educação para fazer o curso, que tinha três anos de duração. O uso da metodologia oral ainda estava em voga.<sup>56</sup>

A década de 70 para a educação surda no Brasil foi marcada pela visita da educadora Ivete Vasconcelos, que havia se formado no Instituto

---

<sup>54</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 27.

<sup>55</sup> Cf. SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Bragança Paulista: Editora Autores Associados, 1999, p.56.

<sup>56</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 28.

Gallaudet<sup>57</sup>. Vasconcelos trouxe para o Brasil a filosofia da Comunicação Total para o ensino das pessoas surdas. Para termos um norte sobre o assunto, A Comunicação Total considera o surdo com características diferentes do Oralismo. Dessa forma, o surdo não é visto apenas como portador de uma doença de ordem médica, que poderia ser eliminada, considerada a surdez como uma marca que compromete suas relações sociais e seu desenvolvimento afetivo e cognitivo. Acredita que somente o aprendizado da língua oral não seja suficiente para o pleno desenvolvimento da criança surda. A Comunicação Total defende a utilização de inúmeros recursos linguísticos, tais como, a língua de sinais; linguagem oral; códigos manuais, entre outros. Todos eles são facilitadores de comunicação com as pessoas surdas, privilegiando a comunicação e a interação entre as línguas (orais e sinalizadas).<sup>58</sup>

Assim, em conjunto a outros profissionais, como as professoras e linguistas Eulalia Fernandes e Lucinda Ferreira de Brito, o Bilinguismo passou a ser difundido por toda a nação brasileira até os dias atuais. O Bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que se considera a Língua de Sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita. No entanto, o reconhecimento dos surdos enquanto pessoas surdas e da sua comunidade linguística estão inseridos dentro de um conceito mais geral de Bilinguismo.<sup>59</sup>

Esse conceito mais geral de Bilinguismo é determinado pela situação sociocultural da comunidade surda como parte do processo educacional. O fato de serem pressupostas duas línguas no processo educacional da pessoa surda, a Língua Brasileira de Sinais e a Língua Portuguesa, está inserido num processo educacional. Bilinguismo para surdos atravessa a fronteira

---

<sup>57</sup> Instituto referencial para a educação surda nos Estados Unidos.

<sup>58</sup> PORTAL DA EDUCAÇÃO. Disponível:

<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/estetica/comunicacao-total-filosofias-educacionais-para-surdos/43060>. Acesso em: 15 jul. 2021.

<sup>59</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O\\_BILINGUISMO\\_APLICADO\\_ESPECIAL\\_DE\\_SURDOS](https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O_BILINGUISMO_APLICADO_ESPECIAL_DE_SURDOS). Acesso em: 15 jul. 2021.



linguística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela dentro de uma perspectiva socioantropológica.<sup>60</sup>

O Bilinguismo, tal como entendemos, é mais do que o uso de duas línguas. É uma filosofia educacional que implica em profundas mudanças em todo o sistema educacional para surdos. A educação bilíngue consiste, em primeiro lugar, na aquisição da língua de sinais, sua língua materna. Lacerda e Mantelatto afirmam que:

[...] o Bilinguismo visa à exposição da criança surda à língua de sinais o mais precocemente possível, pois esta aquisição propiciará ao surdo um desenvolvimento rico e pleno de linguagem e, conseqüentemente, um desenvolvimento integral<sup>61</sup>.

A comunidade dos surdos está inserida na grande comunidade de ouvintes que, por sua vez, caracteriza-se por fazer uso da linguagem oral e escrita. Ora, o Bilinguismo propõe que o surdo se comunique fluentemente na sua língua materna e na língua oficial de seu país. A Língua de Sinais propicia o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda, facilita o processo de aprendizagem, serve de apoio para a leitura e compreensão. De acordo com Souza:

A partir do momento em que os surdos passaram a se reunir em escolas e associações e se constituíram em grupo por meio de uma língua, passaram a ter a possibilidade de refletir sobre um universo de discursos sobre eles próprios, e com isso conquistaram um

---

<sup>60</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O\\_BILINGUISMO\\_APLICADO\\_ESPECIAL\\_DE\\_SURDOS](https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O_BILINGUISMO_APLICADO_ESPECIAL_DE_SURDOS). Acesso em: 15 jul. 2021.

<sup>61</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O\\_BILINGUISMO\\_APLICADO\\_ESPECIAL\\_DE\\_SURDOS](https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O_BILINGUISMO_APLICADO_ESPECIAL_DE_SURDOS). Acesso em: 15 jul. 2021.

espaço favorável para o desenvolvimento ideológico da própria identidade.<sup>62</sup>

A integração plena da pessoa surda passa, necessariamente, pela garantia de convívio em um espaço, onde não haja repressão de sua condição de surdo, onde possa se expressar da maneira que mais lhe agrade, mantendo prazerosos os atos de comunicação e de aprendizagem.

Outros institutos, como também profissionais marcaram a história da surdez no Brasil. Atualmente, o método mais usado em escolas que trabalham com alunos com surdez é o método do Bilinguismo, usando a língua materna (L1) a Língua Brasileira de Sinais, e como segunda língua (L2) a Língua Portuguesa Escrita.

Deste modo, todos os educadores e profissionais ao longo da história da surdez no Brasil, iniciada pelo prof. Huet, tiveram sua participação, sendo positiva ou negativa. O que é importante refletirmos neste momento é, sendo nós também, indivíduos promotores da educação, o que estamos auxiliando para o acréscimo à comunidade surda e sua evolução na educação? O que estamos proporcionando na sociedade atual na abertura para a inclusão social? O que estamos produzindo para a edificação da acessibilidade das pessoas com deficiência, em especial as pessoas surdas? O que estamos fazendo para autenticar, de fato, a valoração da dignidade da pessoa humana?

Assim, finalizando os contextos históricos sobre a pessoa surda, passaremos a compreender, filosoficamente, o que de fato significa o conceito que utilizamos: o conceito de “pessoa”. Vale ressaltar que, antes de um indivíduo ser considerado com deficiência, ela deve ser considerada, com primazia, uma pessoa humana, dotada de valores, direitos e uma dignidade inexprimível.

## 2.5 ESTUDO DE CASO NO BRASIL

Diante do conteúdo apresentado acima, sobre a história da surdez no Brasil, podemos observar uma crescente, quando se refere à idealização da cultura surda no Brasil. Passados os anos e vencidos os preconceitos,

---

<sup>62</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O\\_BILINGUISMO\\_APLICADO\\_ESPECIAL\\_DE\\_SURDOS](https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O_BILINGUISMO_APLICADO_ESPECIAL_DE_SURDOS). Acesso em: 15 jul. 2021.

podemos compreender que, a comunidade surda vivenciou e vivencia realidades até os dias de hoje, onde para o mundo ouvinte, foge à realidade. Isso é interessante ao analisarmos um estudo de caso. Deste modo, apresentaremos o estudo de caso vivenciado no sertão nordestino, especificamente na cidade de Cratéis/CE –, onde habitam uma população considerável, em relação ao número de habitantes, de pessoas surdas. Vale considerar que os nomes aqui registrados são fictícios.

Partimos do pressuposto de analisar como ocorreu a crescente da porcentagem considerável de 0,02 por cento de pessoas surdas em uma cidade de 50.000 habitantes. Ora, inicia-se a pesquisa, lembrando o ano de 1995, onde, historicamente tem-se o indício de um surto de rubéola na região do Inhamuns (Divisa entre Piauí e Ceará).

Em meados de 1995, o Nordeste brasileiro foi assolado por uma epidemia de rubéola, especificamente na região do sertão cearense. Em uma área de dez a quinze municípios registraram casos de mulheres com sintomas desta doença. Porém, alguns municípios registraram altos índices da doença, com infestações em uma parcela considerável de seus habitantes, visto que, as cidades do sertão ainda tinham um sistema público de atendimento à saúde pouco desenvolvido e precário. Deste modo, vale compreender o que, de fato, seja esta doença que permeou a sociedade brasileira, em especial, a sociedade sertaneja nordestina da quela época.

Segundo o Ministério da Saúde<sup>63</sup>, a rubéola é uma doença aguda, de alta contagiosidade, que é transmitida pelo vírus do gênero *Rubivirus*, da família *Togaviridae*. A doença também é conhecida como “Sarampo Alemão”. No campo das doenças infecciosas, o que se detaca dentro dos parâmetros epidemiológicos está representada pela ocorrência da Síndrome da Rubéola Congênita (SRC), que atinge o feto ou o recém-nascido dentro das mães que foram infectadas durante a gestação. Esta doença, ocorrida na gravidez acarreta inúmeras complicações para a genitora, como aborto e natimorto (feto expulso morto). Já para os recém-nascidos, podem ocorrer más formações congênitas, como surdez, malformações cardíacas, lesões oculares, etc.

O Ministério da Saúde ainda ressalta que a transmissão do vírus acontece da genitora infectada para o feto, por meio da placenta. A infecção

---

<sup>63</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

natural pelo vírus da rubéola ou pela imunização confere, em geral, imunidade permanente. Porém, o nível de imunidade coletiva atingido não é suficiente para interromper a transmissão deste vírus tão complexo e mortal.<sup>64</sup>

Até o final da década de 80, as proporções de transmissão da rubéola eram desconhecidas. Neste período, os resultados dos estudos sobre a prevalência de anticorpos contra a rubéola, em alguns grupos populacionais, orientaram a definição e implementação de estratégias de vacinação.<sup>65</sup> A vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) foi implantada gradativamente entre os anos de 1992 até o ano 2000, onde a faixa etária estabelecida foi de 1 a 11 anos de idade, sendo ampliada ao longo dos anos de campanhas de vacinação. Entre os anos de 1998 a 2002 foram realizadas campanhas de vacinação para as mulheres em idade fértil na faixa etária de 12 a 49 anos de idade, com o objetivo de eliminar a rubéola no Brasil. A segunda dose da vacina foi implantada em 2004 para a faixa etária de 4 a 6 anos de idade. Também houve ampliação da oferta da vacina para os homens até 39 anos e mulheres até 49 anos de idade.<sup>66</sup>

Ora, a Síndrome da Rubéola Congênita (SRC) acabou por ocorrer nos fetos das genitoras grávidas na cidade de Crateús/CE, onde o surto teve grande decorrência. Depois de duas décadas e meia passadas, os filhos das mães afetadas pela rubéola se desenvolveram, atingindo a idade adulta e a maturidade para o enfrentamento das necessidades do mundo e da sociedade. Alguns, com oportunidades mais acrescidas, devido ao núcleo familiar que estavam inseridos, e outros, com dificuldades de desenvolvimento, devido a mesma situação acima elencada: oportunidades e núcleo familiar.

Vejamos agora alguns exemplos do desenvolvimento humano – social – linguístico de pessoas que contraíram esta doença:

1. “Jaqueline é uma estudante de Licenciatura em Letras – Libras da Universidade Estadual do Ceará – UECE, onde é acadêmica do segundo período. Jaqueline é filha de Maria das Graças e José dos Santos, ambos ouvintes. Jaqueline tem dois irmãos, mais novos, João e Carlos, também

---

<sup>64</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

<sup>65</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

<sup>66</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

ouvintes. Jaqueline nasceu no dia 25 de setembro de 1995, e foi diagnosticada com surdez profunda. Sua mãe havia contraído rubéola durante a gravidez. A única sequela da criança que havia sido gestada era a surdez”.

2. “Reginaldo é um jovem motorista de motocicleta, cuja profissão é ser motoboy. Reginaldo tem surdez profunda, acometida também na gestação de sua mãe, durante o ano de 1995. Josefa Rodrigues, mãe solteira, também surda. Reginaldo é filho único e ajuda sua mãe nas despesas da casa. Os dois habitam em um bairro afastado da cidade, em uma casa simples, com cerca de quatro cômodos, mais ou menos. Reginaldo foi alfabetizado já com dez anos e foi inserido na comunidade surda tardiamente, em vista de sua dificuldade em se relacionar com outras pessoas surdas, ou até mesmo pela não-aceitação da surdez. Reginaldo aprendeu o oralismo durante os anos e se destacou na atenção aos campos visuais-gestuais, por justamente ser motoboy, e transitar com pessoas em sua garupa”.

3. Anelise Souto é bancária, tem 26 anos e casada com Amilton Silveira, professor de Libras. Anelise é surda profunda, e foi concebida deste modo por sua mãe, Clarice Souto, no dia 20 de outubro de 1995, na cidade de Independência – CE (cidade que faz divisa com Crateús- CE). Anelise foi inserida desde pequena na cultura surda, sendo alfabetizada e letrada com a Língua Brasileira de Sinais desde a Educação Infantil, tendo a mesma como L1 e a Língua Portuguesa sendo ensinada de formato bimodal em L2. Seus pais também foram inseridos na comunidade surda, aprendendo a Libras como L2. A família de Anelise sempre teve condições para mantê-la em colégios particulares e tutores individuais. Deste modo, Anelise, adquiriu fluência na Libras de forma rápida, como também conseguiu desenvolver o Oralismo, pois foi estimulada para tal. Anelise hoje sinaliza e conversa de forma usual, utilizando toda a estrutura fonemática adquirida ao longo dos anos, por meio de muitos trabalhos com a fonoaudióloga que o acompanha desde a tenra idade.

Analisando os três casos, podemos observar que os nuances se dão por três fatores específicos: núcleo familiar, estimulação gradual de língua e condições financeiras. Quando nos referimos ao núcleo familiar queremos compreender que a base de ensino de qualquer ser humano, por primeiro, é a família; ou seja, quando uma pessoa está inserida em um núcleo familiar que lhe dê suporte significativo para as eventuais situações rotineiras, é

muito provável que o seu desenvolvimento seja, especificamente, crescente e interativo. Porém, quando uma pessoa - e trazemos aqui a pessoa surda - não é recebida e aceita em seu núcleo familiar, mesmo diante de adversidades, ou mesmo situações financeiras – que é o terceiro ponto a ser analisado – não se faz acontecer o desenvolvimento humano e social deste indivíduo.

Já quando nos referimos à estimulação gradual de língua queremos ir ao tocante da realidade de muitos brasileiros surdos. Ainda há a falta de conhecimento sobre o que significa a Língua Materna de uma pessoa. A língua materna é o primeiro idioma aprendido por um indivíduo. Ela também é chamada de idioma materno, língua nativa ou primeira língua. É aquela falada no país em que a pessoa nasceu e aprendeu a falar. Por essa razão, a língua materna será aquela de maior dominação pelo falante. Além disso, o seu aprendizado ocorre de forma natural, pela interação com o meio e com os demais falantes.<sup>67</sup>

Deste modo, podemos compreender que a língua materna da pessoa surda é a Língua Brasileira de Sinais, e a Língua Portuguesa torna-se a segunda língua desta pessoa. Isso porque faz parte da naturalidade da pessoa surda sinalizar, e por isso ela deve sofrer a estimulação gradual de língua, sendo inserida dentro de sua própria manifestação comunicativa com o mundo. Entretanto, para que isso aconteça, o núcleo familiar que está inserido devem ser os primeiros estimuladores para a criança, aprendendo a língua materna dela.

O terceiro ponto se refere às condições financeiras que a pessoa surda deve ter durante seu desenvolvimento. Ora, é fato que, seja em qualquer situação específica de deficiências, vemos uma triste realidade no Brasil, onde pessoas que são mais pobres e humildes têm difícil acesso à saúde, à educação, até ao saneamento básico. De fato, as condições financeiras intercorrem na evolução gradual da pessoa surda, pois ela necessita de meios custeados para que o seu desenvolvimento aconteça. Neste caso, há de ver-se a necessidade de políticas públicas que se destaquem na defesa das necessidades que pessoas com deficiência têm todos os dias, que pessoas que não são acometidas destas iguais deficiências não sofrem. Há ainda na nação brasileira uma desigualdade social tremenda, que corre pelas veias das comunidades, em especial neste estudo, para a comunidade surda brasileira.

---

<sup>67</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

Diferentes estratégias de vacinação contra a Rubéola têm sido adotadas para prevenção da SRC. A vacinação de mulheres em idade fértil tem efeito direto na prevenção, ao reduzir a susceptibilidade entre gestantes, sem que ocorra a eliminação do vírus na comunidade. A vacinação de rotina na infância tem impacto, a longo prazo, na prevenção da doença, pois ela interrompe a transmissão do vírus entre as crianças, o que reduz o risco de exposição de gestantes susceptíveis. Além disso, reduz a susceptibilidade nas futuras mulheres em idade fértil. A incidência da Síndrome da Rubéola Congênita depende, portanto, do número de suscetíveis, da circulação do vírus na comunidade e do uso de vacina específica. As mulheres grávidas não devem receber a vacina contra a Rubéola. Elas devem esperar para serem vacinadas após o parto.<sup>68</sup>

Caso uma mulher tenha o planejamento de engravidar, é interessante assegurar-se que você esteja protegida contra a Rubéola. Um exame de sangue pode dizer se já existe imunidade à doença. Como não há um medicamento efetivo, o tratamento da Síndrome da Rubéola Congênita é voltado para as más formações congênitas, de acordo com as deficiências apresentadas. A detecção precoce da doença facilita os tratamentos clínico, cirúrgico e de reabilitação.<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

<sup>69</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.





**UNIDADE 03 – INTERSECÇÕES  
ENTRE A FILOSOFIA E A CULTURA  
SURDA**

# 03

**Objetivo da unidade:** Abordar as correlações entre Filosofia e as manifestações de defesa e dignidade da pessoa humana – em especial à pessoa surda - ao que se refere ao conceito de pessoa. Além disto, apresentar perspectivas positivas, quanto à valoração do indivíduo surdo na sociedade, demonstrando uma linha ética baseada no Personalismo, que é uma trilha filosófica crítica que acentua a pessoa com ser integral, um, único e intransferível, posicionando assim, uma integração filosófica à pessoa surda, bem como à toda sua comunidade.

**Conteúdos da unidade:**

- 1) Conceito de pessoa em linhas gerais filosóficas.
- 2) Conceito de pessoa nas eras clássica, medieval, moderna e contemporânea.
- 3) Aspectos da liberdade e a existência como premissas da dignidade do ser pessoa.

### 3.1 O CONCEITO DE PESSOA

A origem do termo *pessoa* é imprecisa. Não há, de fato, uma resposta definitiva para a questão. Por isso, adianta-se aqui, que antes mesmo de nos aprofundar dentro do significado do termo e analisar alguns autores da filosofia clássica, medieval e contemporânea, faremos uma contextualização histórica da relevância do termo dentro da história da filosofia.

Segundo Abbagnano, o termo *peessoa* “se refere, no sentido mais comum do termo, o homem em suas relações com o mundo ou consigo mesmo. No sentido mais geral (porquanto esta palavra também aplicada à Trindade) um sujeito de relações. É possível distinguir três fases desse conceito: a primeira fase, onde ele se revela como uma função e relação-substância; a segunda fase como auto relação, que seria a relação consigo mesmo; a terceira fase como uma heterorrelação, que seria a relação do homem com o mundo”<sup>70</sup>.

Embora a investigação sobre a origem etimológica da palavra “*peessoa*”, bem como o sentido correto em que foi utilizada no pensamento antigo continue sendo questão aberta no campo das conceituações, seu processo de elaboração nos remete a duas fontes argumentativas. Segundo Vaz, a primeira delas, em que a definição da personagem representada pelo ator no teatro precede a de *peessoa*, confirma que as antigas civilizações ocidentais não chegaram a atribuir ao termo o mesmo nível de generalidade que os conceitos atuais de *peessoa* ou *indivíduo* comportam, prendendo-se apenas ao campo dos atributos e das funções exteriores. Como consequência, o termo *peessoa* percorrerá diversos territórios semânticos, desde a linguagem teatral, onde provavelmente reside sua origem, passando pela linguagem das profissões, pela gramática, pela retórica e pela linguagem jurídica e teológica, até vir a se fixar na linguagem filosófica.<sup>71</sup>

Fraile salienta que a origem etimológica da palavra *peessoa* se encontra no termo grego *prósopon*, que, em sentido geral significa a máscara de teatro equipada com uma abertura no entorno da boca, o que permitia ao ator impostar e representar pelo som de sua voz, uma personagem. Apesar de pensadores como Platão e Aristóteles aplicarem os conceitos de *substância*, *natureza* e *essência*, com seus respectivos matizes, ao homem, o pensamento grego desconhecia a realidade de ser *peessoa*. Ao longo dos anos, foi se desenvolvendo entre os gregos uma reflexão antropológica a partir de uma perspectiva cosmológica, segundo a qual o ser humano era compreendido como a realidade natural mais elevada<sup>72</sup>. Entretanto, segundo Fraile, apesar de ser um animal racional, portador de *logos* e possuidor de uma alma

---

<sup>70</sup> *PESSOA*. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Editora Mestre Jou. [S.l.], 1973.

<sup>71</sup> Cf. VAZ, Pe. Henrique Claudio de Lima. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 64.

<sup>72</sup> Cf. FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madrid: BAC, 1990, p. 370.

intelectiva, não só vegetativa ou sensitiva como nos demais seres da natureza, nem os gregos e nem os romanos conseguiram perceber nele a realidade única, original, particular e concreta do ser pessoa.<sup>73</sup>

Fraile ainda salienta que no cristianismo, o conceito de pessoa teve um sentido teológico, por se aplicar primeiramente às pessoas divinas. A seguir, foi empregado para definir o ser humano, até então concebido simplesmente como homem. Nesse contexto, o conceito etimológico mais difundido da palavra pessoa é aquele originário em Boécio, filósofo cristão de formação grega, que aponta sua origem no vocábulo latino *persona*, remitido às máscaras teatrais. Neste caso, aceita-se que a derivação de *persona* estaria relacionada ao verbo latino *personare*, que significa soar, passar através da voz do ator, através da *persona*, da máscara, com a mesma equivalência do termo grego *prósopon*. A partir de então, *prósopon* passou a designar o próprio papel representado pelo ator e, posteriormente, a significar a função ocupada pelo indivíduo na sociedade, sem vir a significar o indivíduo em si mesmo.<sup>74</sup>

Segundo define Boécio, a pessoa é “*rationalis naturae individua substantia*”, isto é, “uma substância individual de natureza racional”<sup>75</sup>. De um lado ele define que a natureza da pessoa é racional e também espiritual, o que permite compreender que esse conceito se dá seja em relação à pessoa divina, seja em relação à pessoa humana. Por outro lado, ele afirma que se trata de uma substância individual, isto é, concreta, subsistente em si mesma. Sgreccia diz que no homem, a personalidade existe como individualidade, formada por um corpo animado que é estruturado no espírito. Em todo homem, segundo Sgreccia, o mundo adquire sentido: “a pessoa humana é uma unidade; um todo, e não uma parte de um todo”<sup>76</sup>.

Palanzanni demonstra que a *substancialidade* da pessoa indica o ato de ser em si mesmo. É a presença de um substrato ontológico que ultrapassa o sentido de uma mera agregação de partes; a individualidade especifica um ser distinto de todos os outros seres (código genético); a racionalidade se refere a uma característica essencial do homem, independentemente da

---

<sup>73</sup> Cf. FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madrid: BAC, 1990, p. 370.

<sup>74</sup> Cf. FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madrid: BAC, 1990, p. 371.

<sup>75</sup> BOÉCIO *apud* FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madrid: BAC, 1990, p. 371.

<sup>76</sup> Cf. SGRECCIA, Elio. *Manual de bioética I: fundamentos e ética biomédica*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 79.

capacidade atual de seu exercício. Isso nos leva à conclusão de que o homem é pessoa pelo simples fato de ser, “ser humano”<sup>77</sup>.

Possenti pondera que como sujeito substancial de natureza espiritual, dotado de inteligência, liberdade, autoconsciência e interioridade, a pessoa vive a abertura à totalidade do ser, segundo a capacidade da mesma de colocar-se em relação intencional com todas as coisas. Cada pessoa vive de modo original a sua relação com o universo, exprimindo características livres e criativas, projetando linguagens sempre novas. Possenti diz que a pessoa vale como totalidade, nunca ela é uma parte. A pessoa é um ser relacional, e para o personalismo, o “entrar em relação”<sup>78</sup> emerge da análise da relação do indivíduo com as coisas e com a sociedade.

Para São Boaventura, era necessário ir além da definição do filósofo romano Boécio, para o qual a pessoa é “uma substância individual de natureza racional”. De acordo com o São Boaventura, o conceito de relação parece definir com mais profundidade a pessoa, por se tratar de um elemento constitutivo essencial<sup>79</sup>. Deste modo, segundo Merino, a pessoa “define-se pela substância ou pela relação; se se define pela relação, a pessoa e a relação serão conceitos idênticos”<sup>80</sup>. Ora, na pessoa a relação não é simplesmente algo accidental, mas estrutural e, portanto, inerente a sua própria natureza.

A definição de Boécio, seguida por muitos filósofos, tem como núcleo o conceito aristotélico de *ousia*, utilizado fundamentalmente para definir as coisas naturais. Nesta concepção, a pessoa, tal como as demais coisas, é concebida como *hypóstasis*, embora mais digna por ser dotada de razão. Para São Boaventura, quando se trata das pessoas divinas, esta noção pode parecer estranha. Afinal, de forma alguma é possível interpretar as pessoas divinas como coisa.<sup>81</sup> Merino ainda demonstra que é por este motivo que ele utiliza o conceito de relação para referir-se, por analogia, à pessoa humana. O fato de o homem ser concebido como *imago Dei* significa que, além de ter sido

---

<sup>77</sup> Cf. PALAZANNI, Lazaro. *Il concetto di persona umana tra bioética e diritto*. Torino: Giapichelli, 1996, p. 56.

<sup>78</sup> Cf. POSSENTI, V. *Il principio-persona*. Roma: Armando, 2006, p. 45.

<sup>79</sup> Cf. SÃO BOAVENTURA. apud POSSENTI, Vittorio. *Il principio-persona*. Roma: Armando, 2006, p. 46.

<sup>80</sup> Cf. MERINO, J.A. *Historia de la filosofía franciscana*. Madrid: BAC, 1993, p. 71.

<sup>81</sup> Cf. SÃO BOAVENTURA. apud POSSENTI, Vittorio. *Il principio-persona*. Roma: Armando, 2006, p. 47.

criado à imagem e semelhança de Deus, está, desde a sua criação, relacionado com o seu criador.<sup>82</sup>

Embasados nesta contextualização histórica do conceito de pessoa, vamos analisar nos próximos pontos o conceito de pessoa aprofundado na filosofia clássica, baseados no pensamento de Aristóteles; na filosofia medieval, focando no pensamento de Tomás de Aquino; na filosofia moderna um enfoque no pensamento de Kant; na filosofia contemporânea enfatizando o pensamento personalista de Wojtyła.

### 3.2 O CONCEITO DE PESSOA NA FILOSOFIA CLÁSSICA

Iniciando a reflexão e a análise do conceito de pessoa, precisamos retornar às raízes do pensamento do homem: a Grécia Antiga. Antes mesmo de todas as teorias que temos hoje serem formuladas da forma como nós as conhecemos, Sócrates, Platão e Aristóteles desenvolveram formulações sobre a pessoa e o valor do ser humano, ao qual dão base para todo o pensamento medieval, moderno e contemporâneo.

De acordo com Jaeger, tem que se levar em conta a diferença de valor espiritual e corporal dos indivíduos. Há, todavia, em cada época, preocupações específicas que induzem o aprofundamento de determinados problemas. Estes, embora presentes em outras épocas e passíveis de serem trabalhados, são apenas levemente tocados a esperar o momento certo de serem reexaminados.<sup>83</sup>

Jaeger ainda analisa que entre os gregos, a partir de Sócrates, com exceção feita aos estoicos e epicuristas, que tomaram rumos diversos se bem que não os da metafísica – e que não serão objeto de estudo –, o que se refletiu sobre o homem se fundamenta no problema do saber humano, da ciência. O homem, ao indagar sobre sua possibilidade de conhecer, conhece a si mesmo como aquele que conhece, assim como conhece o mundo que o rodeia. Se antes de Sócrates, com os primeiros filósofos, a reflexão grega se fez a partir do devir das coisas, buscando o substrato primeiro que tornava

---

<sup>82</sup> Cf. MERINO, José María. *Historia de la filosofía franciscana*. Madrid: BAC, 1993, p. 72.

<sup>83</sup> Cf. JAEGER, Werner. *Paideia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 67.

possível este devir, Sócrates traz uma nova preocupação: a do valor do conhecimento humano, que é ao mesmo tempo um caminho para atingir a *areté*, que nada mais é que um saber.<sup>84</sup>

A dicotomia entre o ser e o devir já estava instaurada. Jaeger ainda relata que a busca agora por novos conhecimentos se dá também no campo do saber. E a presença do ser para Platão se resolve pela fuga das individualidades imperfeitas para o mundo das ideias, pois, somente a ideia é necessária, imutável, perfeita. A teoria das ideias, núcleo da filosofia platônica, implica o problema da origem do homem, de seu destino e a reflexão moral e especulativa sobre o que o homem deve ser e ao mesmo tempo conhecer.<sup>85</sup>

É interessante analisar que, ao voltar a atenção para Aristóteles, não há como ignorar que a crítica à teoria das ideias de Platão é sua primeira preocupação. Portanto, ele há de procurar um meio, não apenas de ver o mundo construído a partir de algo diverso de um mundo das ideias, mas de mostrar a possibilidade de se criar ciência a partir desta nova fundamentação das coisas. As substâncias, como se constituem e a possibilidade de conhecê-las, seja no mundo sublunar, seja enquanto substâncias não dotadas de matéria, são objeto da especulação filosófica de Aristóteles. Ainda mais: se se acompanha, por algum tempo, seu pensamento através de suas obras, não se pode deixar de perceber sua preocupação constante com o conhecer, o que não poderia ser de outro modo. Aristóteles revela na *Metafísica* que "os homens desejam antes de tudo conhecer por conhecer"<sup>86</sup>, e para escapar à ignorância, como os primeiros filósofos o fizeram, se deve procurar o saber em vista apenas do conhecimento.

Não se trata, naturalmente, de reduzir a metafísica de Platão ou de Aristóteles a uma simples teoria do conhecimento. No entanto, segundo Finance, parece que "a preocupação com a sabedoria, isto é, com o saber, é um dos caminhos que os leva a outras e conhecidas afirmações filosóficas, que ultrapassam em muito a teoria do conhecimento e que esta preocupação

---

<sup>84</sup> Cf. JAEGER, Werner. *Paideia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 68.

<sup>85</sup> Cf. JAEGER, Werner. *Paideia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 68.

<sup>86</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Globo, 1973, p. 76.

com o saber tem seu lugar dentro de outros tipos de investigação”<sup>87</sup>. Se o homem pode conhecer o que permanece, se seu conhecimento é consistente, se ultrapassa a opinião, a origem deste conhecimento não pode ter fundamento no que o homem tem de passageiro: ela deve provir de outra fonte. O homem não é só devir, não é só matéria. Desta forma, levanta-se uma indagação: o que é o homem?

Essa indagação, que persiste hoje e se torna a chave do pensamento contemporâneo, começa entre os gregos. Finance analisa que os gregos não chegaram a "formular uma metafísica da pessoa humana, e concebem a superioridade do homem como diversa de uma espécie animal sobre outra e dotam o indivíduo de uma dignidade e uma superioridade próprias"<sup>88</sup>. Portanto, podemos perceber fatores no pensamento clássico que levam a produzir análises daquilo que posteriormente seria trabalhado pela reflexão cristã sobre a defesa da vida. Não é a mesma ideia generativa que move o pensamento grego e o cristão. Parece que com o problema do conhecimento, por causa dele, de seu valor, o problema do homem que conhece se coloca para os gregos. Para os cristãos, é a tentativa de compreensão da mensagem evangélica o grande motivo da reflexão antropológica.

Segundo Jaeger, os sistemas de Platão e Aristóteles são aparelhados metafisicamente, se, de fato, formos fazer uma análise das raízes ontológicas da verdadeira grandeza do homem.<sup>89</sup> Entretanto, por causa da extensão do trabalho, analisaremos somente a visão de Aristóteles. Ao estudar o pensamento de Aristóteles tentando perceber em última instância ontológica o que ele pensa que seja o homem, deparamos com dificuldades, evidentemente não da mesma ordem das que se encontram em Platão, mas nem por isso menores. Platão, ao dizer da importância da alma do homem, de sua imortalidade, utiliza-se do desprezo do corpo. Salvando a alma, se pudermos assim dizer, perde-se a dimensão da integralidade humana.

Com Aristóteles, as coisas se passam de maneira diversa. A explicação das coisas não deve ser buscada fora delas, mas procurada nelas mesmas. Não há necessidade de mundos ontologicamente distintos para explicar o

---

<sup>87</sup> Cf. FINANCE, Joseph de. *Connaissance et l'être*. Tradução de Ana Maria Borba. Paris: Desclée de Brower, 1966, p. 476.

<sup>88</sup> Cf. FINANCE, Joseph de. *Connaissance et l'être*. Tradução de Ana Maria Borba. Paris: Desclée de Brower, 1966, p. 476.

<sup>89</sup> Cf. JAEGER, Werner. *Paideia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 70.

conhecimento. Nas substâncias individuais, estudadas por Aristóteles, há as terrestres – entre as quais o homem – que são compostas de matéria e forma, que não são coisas, mas princípios que não podem ser separados, e que, no caso do homem, correspondem ao corpo e à alma, não havendo que procurar a causa de sua unidade. Aristóteles mostra que "a matéria próxima e a forma são uma só e mesma coisa, mas de um lado, em potência, do outro, em ato"<sup>90</sup>.

Não é o corpo que existe, ou a alma, mas o corpo e a alma, ou, mais exatamente, o corpo animado, pois, na realidade, a forma não é jamais uma substância, alguma coisa de real e definido. Ela só existe em sua união com a matéria; ela é somente um dos fatores constitutivos da coisa da qual ela é a realização e acabamento, e da qual ela só se distingue pelo pensamento. Aristóteles, não propriamente nestes termos, mas com a mesma ideia revela que “Não se tem que perguntar se a alma e o corpo são uma só coisa, do mesmo modo que não se faz esta pergunta a respeito da cera e do selo”.<sup>91</sup>

Novamente, há que explicitar que a filosofia de Aristóteles leva ao homem, este ser que deve ser compreendido, em última análise, pelo seu fim ou causa final que consiste na atividade intelectual e moral. Segundo a reflexão de Gilson:

No sistema de Aristóteles, a irrealidade e o caráter accidental do ser físico individual, quando comparados à necessidade dos atos puros, são evidentes. Sem dúvida, o mundo de Aristóteles é bem diferente do mundo de Platão, de vez que as ideias, longe de constituírem a realidade tipo, se recusam a qualquer subsistência própria; apenas dos seres particulares, se pode dizer propriamente que existem. Todavia, (tanto na Filosofia de Platão, como na de Aristóteles) é o universal que importa. Se bem que Aristóteles só reconheça como homens as substâncias reais, isto é, a forma específica da humanidade individualizada pela matéria, Aristóteles só considera a multiplicidade dos indivíduos como um substituto da unidade da espécie. Na falta de uma humanidade que possa existir à parte, a natureza se contenta com sua moeda falsa (*menue monnaie*), que são os homens. Cada um de nós nasce, vive um tempo breve e desaparece para sempre, sem deixar traço; mas que importa, se novos homens nascem, (homens) que viverão, morrerão e serão, por sua vez, substituídos por outros? Os

---

<sup>90</sup> Cf. ARISTOTELES. *De Anima*. Trad. Tricot. Paris: Vrin, 1959, p. 69.

<sup>91</sup> Cf. ARISTOTELES. *De Anima*. Trad. Tricot. Paris: Vrin, 1959, p. 69.



indivíduos passam, mas a espécie dura, (...) no fim das contas, o indivíduo, que subsiste e passa, só está aí para assegurar a permanência daquilo que não subsiste, mas que não passa.<sup>92</sup>

A partir da polêmica dos universais, aplicando isso ao problema de Aristóteles, embora ele não tenha colocado com estes termos, podemos dizer que ao negar a existência de uma realidade ontológica para os universais, não se deixa de atribuir-lhes importância fundamental. Vilela diz que a divergência de Aristóteles com Platão se põe em relação à teoria das ideias, e esta divergência faz com que Aristóteles reconstrua o mundo. Ela se dá porque ele pensa também a possibilidade do conhecimento, levando em consideração o devir das coisas e seu ser. Embora a realidade dos seres seja individual, não há ciência do individual, mas do universal, que a inteligência apreende nas coisas, ao apreender sua essência. Então, o que eu conheço não é Sócrates ou Fedro, mas a humanidade que eles realizam enquanto indivíduos.<sup>93</sup>

Vilela ainda demonstra que “esta humanidade que caracteriza a essência do homem ou que se identifica com sua forma ou alma é individualizada pela matéria”<sup>94</sup>. Aqui se tem a grande dificuldade da reflexão aristotélica sobre o homem. De fato, se Aristóteles afirma em textos que não deixam dúvida que a matéria é que individualiza os homens como seres compostos de matéria e forma, há outros textos não menos expressivos, nos quais Aristóteles afirma, por exemplo: "Tua matéria, tua forma, tua causa eficiente não são as minhas, se bem que em sua noção geral elas sejam as mesmas".<sup>95</sup> Portanto, para Aristóteles, o que é importante é a espécie incorruptível e não os indivíduos corruptíveis. Estes existem para assegurar a imortalidade da espécie, ou, em termos equivalentes, a multiplicidade dos indivíduos nada mais é que o substituto da unidade da espécie. Vilela mostra que não importam, pois, para Aristóteles, Sócrates ou Fedro, a não ser enquanto eles realizam, na concretude, a humanidade.<sup>96</sup>

---

<sup>92</sup> GILSON, Etienne. *O espírito da filosofia medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 1948, p. 195.

<sup>93</sup> Cf. VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 97.

<sup>94</sup> Cf. VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 97.

<sup>95</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Globo, 1973, p. 80.

<sup>96</sup> Cf. VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 98.

Vilela ainda salienta que a imortalidade da espécie está assegurada, com a teoria da matéria e forma, se a integralidade do homem não pode mais ser posta em dúvida, a mortalidade da alma, a forma do corpo organizado que, unida a este corpo é o homem concreto, fica ameaçada. A alma não é separável do corpo. Apesar de esta ser uma questão difícil para Aristóteles, no que diz respeito à alma humana, que parece um gênero de alma inteiramente diferente - das almas dos outros seres vivos - e que pode ser separada do corpo com o eterno do corruptível, na *Metafísica*, ele nos indica suas dificuldades quanto ao caráter dessa eternidade.<sup>97</sup>

Então, parece ser este o estado da questão, no que diz respeito ao problema antropológico, no momento em que os filósofos cristãos retomaram sua reflexão. Não havia nenhuma preocupação, seja em Platão, seja em Aristóteles, com o problema do indivíduo-homem. Isto não constituirá, todavia, um obstáculo para pensar os homens como os seres superiores na hierarquia do mundo material e com tarefas de conhecimento e tarefas morais advindas da inteligência, que os tornava participantes, em certa medida, dos seres puramente espirituais.

Após analisarmos singelamente o que a filosofia helenística traz sobre o conceito de pessoa, enfatizando a visão de Aristóteles, continuaremos a abordar a mesma temática na próxima seção, agora sob a perspectiva do pensamento medieval, enfatizando a visão de São Tomás de Aquino.

### 3.3 O CONCEITO DE PESSOA NA FILOSOFIA MEDIEVAL

O conceito de pessoa na filosofia medieval, está voltado à pessoa na perspectiva antropológica-teológica, trabalhando “pessoa” como ser humano, mas também abordando a perspectiva da Santíssima Trindade. Segundo Ascensão, foi com o cristianismo no seio da filosofia patrística, de evangelização e de defesa da religião cristã, mais tarde aprofundada pelos escolásticos, que se superou a visão monista da realidade e se dotou de conteúdo metafísico o conceito de pessoa, no sentido da singularidade substancial ou do princípio último de individualiza.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Cf. VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 100.

<sup>98</sup> Cf. ASCENSÃO, José Oliveira. A dignidade da pessoa e o fundamento dos direitos humanos. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*,

Almeida defende a ideia de que segundo Boécio, o fundamento nas reflexões cosmológicas gregas une-se ao constructo erigido no século VI d. C., definindo a pessoa como indivíduo que subsiste na natureza racional. O pensamento teológico parte de uma verdade revelada, procurando compreendê-la, ilustrá-la e explicá-la racionalmente, e mostra que o homem deixa de ser objeto e passa a ser sujeito: portador de valores. Por ser um conceito aprimorado no contexto da reflexão teológico-cristã, o conceito de pessoa se encontra ligado a três de suas grandes questões: a natureza da Santíssima Trindade; a encarnação do Verbo; e a semelhança ontológica entre o homem e Deus. Boécio ainda destaca que desejava-se explicar a fé que se tinha em um Deus-Trindade e na Encarnação da segunda pessoa dessa Trindade como homem, sem perder sua divindade. O mistério dos três nomes divinos – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo – conduziu à reelaboração deste conceito<sup>99</sup>.

Almeida ainda salienta que se denomina *Escolástica* a filosofia predominante ensinada nas escolas da Idade Média – nas catedrais, nas escolas monacais e universidades – no período compreendido entre os séculos XI e XIV. Durante os séculos IV e V, estas afirmações foram geradoras de controvérsias ideológicas que tinham na sua origem o problema linguístico. Ocorre que no início da elaboração da doutrina trinitária (começo do século III) as palavras *prósopon* e *persona*, na tentativa de designar aquilo que distingue cada pessoa da Santíssima Trindade, foram aplicadas à Trindade no sentido de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo eram tão somente funções, papéis ou até meros modos ou manifestações da substância divina única. Esse tipo de compreensão, característico de alguns teólogos do século III chamados de *modalistas* - como Sabélio, Praxeia e Noeto -, tanto foi condenado como herético pela Igreja, que insistiu na igualdade e na distinção das pessoas divinas, quanto não pôs fim à exigência de uma linguagem rigorosa que descrevesse e explicasse a trindade de Deus e a dupla natureza de Cristo, fundamental para a compreensão do conceito de pessoa, tornando

---

São Paulo, v. 8, n. 2, p. 277-299, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67806>, p. 279.

<sup>99</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 225.

claro que *prósopon e persona*, no sentido explicado, só eram parcialmente adequados para expressar o que a fê cristã confessava a respeito da Trindade.<sup>100</sup>

Segundo Gonçalves deve-se a Tertuliano a identificação da palavra grega *prósopon* ao conceito latino *persona*, próprio do direito romano. Para ele, o termo *pessoa* exprimia o indivíduo particular a quem se endereça. Não se tratava de um simples personagem, mas da presença efetiva de alguém que existe nele mesmo, de uma realidade individual e distinta, de uma realidade incomunicável. Na sua relação com o outro, a pessoa se exprime como um sujeito que diz *eu* em relação a um *tu*. A Tertuliano se deve, sobretudo, a contribuição de projetar o mistério trinitário no primeiro plano da reflexão teológica, acentuando a distinção da Trindade sem a separação: em Deus há uma única substância, três pessoas. Além disso, foi ele quem usou os termos latinos *substantia, persona e status* para sanar as confusões modalísticas, sem, contudo, resolver a questão. Isso só virá a ocorrer no momento em que, na teologia cristã, o monismo antigo ceder lugar ao dualismo filosófico – natureza versus pessoa.<sup>101</sup>

Observando a mesma perspectiva segundo Almeida, Deus se realiza em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, que não são modos de expressão, mas constituem a realidade imanente de Deus. No contexto da Trindade, Tertuliano é o primeiro usar a palavra *persona* em relação à Trindade. Nele tem origem a fórmula latina: “Há três pessoas em Deus”<sup>102</sup>, no sentido de três individualidades distintas. Ele conhecia o grego e também o uso bíblico de *prósopon* para exprimir o rosto ou voz de Deus. Nesse último sentido, segundo Gonçalves, *pessoa* deixa de expressar o papel social de um homem

---

<sup>100</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 226.

<sup>101</sup> Cf. GONÇALVES, Diogo Costa. *Pessoa e direitos de personalidade: fundamentação ontológica da tutela*. Lisboa: Almedina, 2008, p. 26.

<sup>102</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 227.

e passa a significar seu núcleo constitutivo, do qual irá derivar sua inigualável dignidade.<sup>103</sup>

Almeida apresenta que, ainda no modalismo postulava-se o entendimento de que Deus é um só através de diversos modos de manifestação. O Filho é o Pai, enquanto que ele se manifesta a nós. Deus nele mesmo é apenas um só. Aqui reside o cerne da noção ontológica ou metafísica da pessoa, pela qual as respostas aos problemas assinalados começaram a alinhar-se. A dificuldade antiga em lidar com a individualidade agora se vê superada. *Pessoa* torna-se a forma especial de ser, a natureza, a universalidade ou essência da realidade. Assim, o conceito de pessoa ganha um conteúdo ontológico, tornando-se capaz de designar uma realidade de ente.<sup>104</sup>

Foi com o pensamento de Santo Agostinho que se acentuou a singularidade e a individualidade como notas no conceito de pessoa, sendo sistematizadas as potências da inteligência, da memória e da vontade. Foi ele o precursor da reflexão sobre a pessoa humana, como subjetividade vivente. Silva Rosa revela na introdução do tratado *Da Trindade* que Santo Agostinho oferece um primeiro ensaio em que se exprime a subjetividade do eu: “Deus é o mestre interior cuja pessoa transcendente fala para a pessoa humana”<sup>105</sup>. Ora, já no século VI, com Boécio, em quem encontramos uma aguda análise da fronteira e da transição do uso filosófico de *persona* para o uso teológico, consagrou-se a primeira formulação doutrinária da definição de pessoa, que veio a constituir na raiz teórica dos tratamentos posteriores dados a esse conceito: “*Persona proprie dicitur naturae rationalis individua substantia*”<sup>106</sup>,

---

<sup>103</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 227.

<sup>104</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 227.

<sup>105</sup> SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate / Da Trindade*. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo et. alii. Nota de introdução de José M. Silva Rosa. Paulinas Editora, Prior Velho, 2007, p. 27.

<sup>106</sup> SANTO AGOSTINHO. apud COMPARATO, Fabio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 19.

que traduzido significa: “Diz-se propriamente pessoa a substância individual de natureza racional”<sup>107</sup>.

Posteriormente, ainda no século XII, São Tomás de Aquino soube melhor desenvolver a doutrina das relações subsistentes na Trindade, introduzindo as necessárias distinções ao conceito de pessoa desenvolvido por Boécio, a fim de evitar a heresia de que em Deus a natureza é pessoa, enquanto natureza. Para tanto, afirma, de maneira simultânea, a substancialidade da relação *in divinis*, por entender que não havia outra forma de se esclarecer o significado das pessoas divinas, senão a de esclarecer as relações entre elas, com o mundo e com os homens.

Segundo Hogemann, Tomás de Aquino define pessoa como um subsistente indivíduo em alguma natureza racional. Ele concebe o significado da ideia de pessoa como relação, ou seja, a substancialidade da relação *in divinis*. Para ele, não haveria outra forma de elucidar o significado das pessoas divinas, senão a de esclarecer as relações entre elas, com o mundo e com os homens. Tomás de Aquino vale-se de Boécio para afirmar que *pessoa*, em Deus, significa precisamente relação. Além disso, entendia ele que não havia outra forma de se esclarecer o significado das pessoas divinas, senão a de esclarecer as relações entre elas, com o mundo e com os homens. Hogemann ainda demonstra que a *persona est subsistens in rationalis natura* de São Tomás de Aquino é uma definição na qual já se encontra implícita a noção de sujeito subsistente, na medida em que a substância é aquilo que recebe o ser em si, o qual, por sua vez, confere pelo seu ato um caráter de unidade e totalidade ao sujeito.<sup>108</sup>

Almeida expressa que desta concepção de pessoa sobressai o caráter único do ser humano, bem como a ideia de que todos os seres humanos são iguais em dignidade, visto que, todos são inata e naturalmente dotados da mesma racionalidade. A consequência antropológica de tal concepção se explicita na medida em que o ser humano não pode ser verdadeiramente ser pessoa a não ser que viva em uma rede de relações fundamentais e de reconhecimento mútuo. Tal perspectiva oferece uma fundamentação na qual a dignidade não está condicionada e não se sujeita às convenções jurídico-

---

<sup>107</sup> SANTO AGOSTINHO. apud COMPARATO, Fabio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 19.

<sup>108</sup> Cf. HOGEMANN, Edna Raquel. A ambiguidade da noção de pessoa e o debate bioético contemporâneo. *ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI*, XIX, 2010, Anais. Fortaleza, CONPEDI, 2010, p. 565.

sociais, isto é, não depende de fatores externos ao ser humano. Por isso, a concepção aquiniana de pessoa é considerada de fundamental importância para a construção do conceito de pessoa na modernidade: permite pensar a pessoa a partir daquilo que o homem tem de mais individual, próprio, incomunicável, menos comum.<sup>109</sup> Para aprofundar o conteúdo, Bragato diz que, embora a síntese de São Tomás de Aquino, situada entre a tradição clássica e a teologia cristã, tenha sofrido rupturas nos séculos que se seguiram, é inegável que os pensadores cristãos - com destaque a Tomás de Aquino - foram responsáveis não só pelo aprofundamento do conceito de pessoa, como pela ressignificação da antropologia subjacente à ideia de pessoa.<sup>110</sup>

Ao definir *pessoa* como substância individual, Tomás de Aquino deixa muito claro que, como todos os indivíduos substanciais que compõem o universo, a pessoa é uma “*persona*”, isto é, um ente subsistente, que existe em si e não em outro. No caso da pessoa, esse ente subsistente é individual, excluindo-se assim “a razão de universal ou de parte, porque não se qualifica de hipótese o homem em geral, nem a mão, que é apenas uma parte”<sup>111</sup>. Para Barbuto, a pessoa, portanto, é o ser individual, e não uma determinada natureza abstrata, ou mesmo nem tampouco um conceito qualquer. O que de fato caracteriza a pessoa é a existência individual subsistente. No caso do ser humano, a pessoa é o ser humano existente e não sua essência abstrata<sup>112</sup>.

Almeida expressa, por fim, que além da substância individual, a caracterização da pessoa exige que ela se dê em uma natureza racional. A pessoa é mais, portanto, que um simples indivíduo. Quando se fala, pois, no

---

<sup>109</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 228.

<sup>110</sup> Cf. BRAGATO, Carlo. apud ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 229.

<sup>111</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 230.

<sup>112</sup> Cf. BARBUTO, José Mário B. Marzagão. *O conceito de pessoa em Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013, p. 34.

existir de uma pessoa, então, deve-se ter em conta que esse existir não é um existir qualquer, mas se trata de um existir numa natureza que se caracteriza com a mais nobre de todas, isto é, a natureza racional. E Tomás de Aquino não hesita em afirmar que em razão desse fato “pessoa significa o que há de mais perfeito em toda a natureza”.<sup>113</sup> Ser “pessoa”, portanto, é participar de uma das dignidades mais elevadas do ser divino.

Depois de uma breve análise sobre o conceito de pessoa na filosofia medieval, enfatizada na visão de Tomás de Aquino, vamos analisar na próxima secção o conceito de pessoa na filosofia moderna e contemporânea, enfatizando a visão personalista de Kant e Wojtyła.

### 3.4 O CONCEITO DE PESSOA NAS FILOSOFIAS MODERNA E CONTEMPORÂNEA

A partir do século XVIII, sobretudo com a contribuição de Kant, surgem novas perspectivas para fundamentar eticamente o conceito de pessoa. De acordo com Kant, a dignidade humana encontra-se na capacidade de autonomia, ou seja, no fato de ser o homem a única criatura capaz de se submeter livremente as leis morais que são reconhecidas como procedentes da razão prática<sup>114</sup>. Hirschberger expressa que tal capacidade se deve ao fato do ser humano possuir, além de uma dimensão *fenomênica*, que o submete às leis físicas que regulam o universo e a ele mesmo, uma dimensão *noumênica*, que o torna um ser subjetivo, livre, constituído por uma interioridade e por uma consciência moral. Esta dimensão é a que lhe possibilita ser autônomo, isto é, um sujeito moral que reconhece o valor e a obrigatoriedade das normas que ele mesmo se impõe, sendo fiel ao imperativo categórico.<sup>115</sup>

Em Kant, não se distingue pessoa – sensibilidade, imaginação e entendimento – de dignidade, que lhe é inerente. Neste sentido, ele avança

---

<sup>113</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC - MG – 2013, p. 230.

<sup>114</sup> Cf. FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madrid: BAC, 1990, p. 375.

<sup>115</sup> Cf. HIRSCHBERGER, Johannes. *Historia de la filosofía*. Barcelona: Herder, 1956, p. 179.



na compreensão de pessoas e a aproxima do que se tem hoje por lei nos direitos fundamentais do homem, proposto pela Organização das Nações Unidas.

Para os pensadores da pós-modernidade, o conceito de pessoa e a dignidade humana já nada tem a ver com os esquemas assinalados anteriormente. Nem as qualidades intelectuais - *a razão* -, nem os pressupostos metafísicos - *ontologia* - e nem a capacidade moral - *autonomia* - fundamentam a pessoa. Ela resultaria, portanto, segundo Fraile, de uma ação institucional segundo a qual determinadas sociedades, através do processo democrático, decidiriam de forma contingente e convencional o grau de sua utilidade ou eficácia para resolver conflitos sociais<sup>116</sup>.

Após as considerações da modernidade, o conceito de “pessoa” tomou novos rumos dentro da história da filosofia. Graças ao pensamento inovador de filósofos como Lotze, Brentano e Nietzsche, na segunda metade do século XIX, foi demonstrado que o bem e o mal não se encontravam confinados nos objetos ou ações exteriores à pessoa, mas resultam sempre de uma avaliação, isto é, da estima que os bens têm na consciência de cada indivíduo, significando uma inter-relação entre sujeito e objeto, no sentido de que cada pessoa aprecia algo porque o objeto dessa apreciação tem objetivamente um valor.

Contraposta a esta ideia, se o homem não cria valores do nada, também é verdade que a avaliação individual dos bens da vida varia enormemente, o que exige o consenso social sobre a força ética de uma tábua hierárquica de valores. Comparato explana em sua linha de pensamento que os bens ou ações humanas não se organizam, apenas, numa oposição primária de valores e contravalores. Existe também, necessariamente, em toda sociedade organizada, uma hierarquia a ser considerada, dentro de cada série positiva ou negativa: há sempre bens ou ações humanas que, objetivamente, valem mais que outros, ou que representam contravalores mais acentuados que outros, como obstáculo ao desenvolvimento da personalidade humana.<sup>117</sup>

A partir disso, o conceito de pessoa no século XIX – XX consistiu em revelar o reconhecimento de que o homem é o único ser vivo capaz de dirigir a sua vida em função de suas preferências valorativas, por ser racional e

---

<sup>116</sup> Cf. FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofía*. Madrid: BAC, 1990, p. 376.

<sup>117</sup> Cf. COMPARATO, Fabio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 26.

possuir vontade e autonomia. Ou seja, a pessoa humana é, ao mesmo tempo, o legislador universal, em função dos valores éticos que aprecia, e o sujeito que se submete voluntariamente a essas normas valorativas. Comparato mostra que, dado o reconhecimento da valoração do ser humano enquanto pessoa o Estado do século XIX deve agrupar indivíduos autônomos, independentes, livres, dotados de igualdade política e jurídica. Como oposição ao Estado absoluto, consagram-se as liberdades e direitos dos indivíduos; estes, de súditos, deveriam ascender ao grau de cidadão. Ora, os valores desse Estado são: garantia da liberdade, da convivência pacífica, da segurança, da propriedade. O Estado é instrumento de garantia dos direitos individuais, disso decorrendo sua utilidade e necessidade.<sup>118</sup>

Podemos observar da evolução descrita, que é verdade que na época moderna, o conceito de pessoa que era a resposta à pergunta “o que é o homem” tornou-se, verdadeiramente, um termo interrogativo. “Persona” já nada responde quanto à realidade humana, torna-se, antes, uma interrogação acerca do homem. Em que pese a desconstrução do conceito de pessoa ocorrido na modernidade, fato é que, neste período, foram lançadas as bases do personalismo contemporâneo, presente, especialmente na primeira metade do século XX, quando entra em cena o pensamento existencialista, segundo o qual cada indivíduo possui identidade inconfundível e singular: o existencialismo acentuou a pessoa como única e insubstituível, defendendo a sua unicidade.<sup>119</sup>

E é a partir deste ponto, com as bases personalistas de Emmanuel Mounier, que emerge o pensamento antropológico de Karol Wojtyła. Este filósofo foi uma das personalidades mais complexas de nosso tempo. De fato, começou a expressar seus sentimentos e sua visão de vida como poeta e dramaturgo, e mais tarde como filósofo, defendendo sua tese em Scheller. Nesta tese, Wojtyła mostra que o ser humano pode chegar à verdade percorrendo vários caminhos, como o da intuição artística, o da razão filosófica e o da fé religiosa. E se, porventura, quisermos achar o denominador comum que nos explica, ao mesmo tempo o pensamento de Wojtyła, vamos encontrar dois elementos básicos: o homem como pessoa e o amor-doação, que, só ele, torna verdadeiramente o homem uma *pessoa*.

---

<sup>118</sup> Cf. COMPARATO, Fabio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 26.

<sup>119</sup> Cf. COMPARATO, Fabio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2005, p. 26.

O conceito de homem como pessoa em *Wojtyla* nasce somente no âmbito do pensamento cristão, pois, é desconhecido no antigo pensamento grego, e na época moderna é substituído pelo conceito de indivíduo. Para *Wojtyla*, o ser humano não pode ser reduzido a somente um “indivíduo da espécie humana”<sup>120</sup>, pois há nele algo maior, isto é, “uma plenitude e perfeição do ser”<sup>121</sup>, que se expressam como termo *pessoa*. Esta pessoa – que é reflexo da Santíssima Trindade – é uma interação absoluta, que se expressa na base do *eu* e do *tu*, e leva à solidariedade, à comunhão, e ao amor-doação. Segundo Silva, estudioso da filosofia personalista de *Wojtyla*, quem ama procura o bem do outro, e por isso, o amor perfeito chega ao ponto ápice quando, juntamente com outra pessoa, se procura um Bem Supremo: Deus. Nesta reflexão, *Wojtyla* explica o princípio de transcendência da pessoa, visto que, o ser humano não se satisfaz somente como seu semelhante: só Deus pode preencher a sede do coração humano. Nesta experiência do amor, há, ao mesmo tempo, a obra do homem a ação da Graça Divina, em que age o Criador invisível, fonte do amor.<sup>122</sup>

Encontramos em *Karol Wojtyla*, desde o início, uma premissa fundamental. Ele afirma que “a pessoa humana pode conhecer a verdade essencial das coisas. Ao contrário, absurdo e inútil seria todo o esforço de comunicação de algum conteúdo que, antecipadamente, já fosse considerado não possível de ser conhecido”<sup>123</sup>. Todo juízo, aliás, pretende ser verdadeiro em relação ao objeto que se refere. *Wojtyla* apresenta a convicção realista de que o ser humano tem a responsabilidade de “captar fatos inteligíveis e universais a respeito da essência e da natureza das coisas em si mesma”<sup>124</sup>. Se o homem pode conhecer a verdade em si das coisas, *Wojtyla* procura

---

<sup>120</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 10.

<sup>121</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 10.

<sup>122</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 16.

<sup>123</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 11.

<sup>124</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 11.

objetivar um processo cognitivo fundamental, ao qual ele define como a “experiência do homem”<sup>125</sup>, tendo em vista suas origens.

Silva demonstra que em *Wojtyla* existem, pois, dois aspectos na experiência da pessoa humana: os aspectos interiores e exteriores. Os dois são simultâneos, porém, a experiência interior só se dá comigo mesmo e não com outro homem. As demais, pessoais, são incluídas na experiência que a mim vem de fora. É a experiência externa. Sou para mim mesmo minha própria interioridade e exterioridade, ao ser objeto interno e externo de ambas as experiências. A experiência interna do *eu* é intransferível. Em relação com o meu próprio *eu*, os demais seres são somente exterior, o que significa que estão em oposição a minha própria interioridade. Ora, os aspectos interior e exterior, no conhecimento integral, compensam-se e se completam. A experiência, interna e externa, tende a fortalecer o efeito de complementação e compensação. Não se tem a experiência direta do interior de outrem. Temos dela, entretanto, o conhecimento, pois temos o conhecimento das pessoas em geral.<sup>126</sup>

O conhecimento do homem enquanto pessoa, está formado, portanto, pela experiência que cada um tem de si mesmo e das demais pessoas. Silva explana que temos, então, a experiência que colhemos de dentro e de fora de nós mesmos, que é uma experiência unitária, mas com os aspectos de interior e exterior. Ora, a pessoa humana é o próprio sujeito e objeto do conhecimento, enquanto tem a experiência da humanidade da forma como ela se manifesta ao próprio *eu*<sup>127</sup>. Silva ainda salienta que ela tem a experiência de si, que deriva da reflexão sobre o próprio ser e agir. As experiências externas e internas se iluminam mutuamente, e não se deve atribuir significado absoluto a um dos aspectos da experiência do homem. Impõe-se, portanto, reconhecer sua mútua relação. Essa relação se fundamenta na mesma experiência, que é a experiência do homem. A compreensão do homem resulta desta interrelação dos dois aspectos da

---

<sup>125</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 24.

<sup>126</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 24.

<sup>127</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 26.

experiência. E essa interrelação serve de base para que possamos edificar sobre o fundamento da experiência do homem a concepção da pessoa e da ação.<sup>128</sup>

Podemos considerar que a ação é um momento especial para se entender o ser humano enquanto pessoa em *Wojtyla*. O fato de o homem atuara passa a ser agora objeto de explicação enquanto ação de uma pessoa. Somente a pessoa é capaz de realizar uma ação e nenhum outro agente. A ação da pessoa é um fato constado da experiência. E o ato humano é aquilo que se oferece como base original para o conhecimento da pessoa. *Wojtyla* pretende ir do ato humano às estruturas fundantes da pessoa. Em sua linha de pensamento, inverte-se a relação no sentido que a ação pressupõe uma pessoa para a ação revela a pessoa. Desta forma, temos um binômio indissociável que é *pessoa-ato*. O ato, de certa forma, é a porta que permite entrar na compreensão da pessoa. Ele revela o que se esconde no homem, porque manifesta a interioridade do ser humano. A pessoa, assim, é conhecida a partir de seus atos. A ação, então, é considerada como se dá, de forma imediata, na experiência e na consciência do homem. E a pessoa é entendida como o sujeito responsável e consciente da ação. *Wojtyla* afirma:

(...) Para nós, a ação revela a pessoa, e vemos a pessoa através de sua ação. A mesma natureza da correlação inerente na experiência, na mesma natureza da atuação do homem, implica que a ação constitui o momento específico por meio do qual se revela a pessoa. A ação nos oferece o melhor acesso para penetrar na essência intrínseca da pessoa e nos permite conseguir o maior grau possível de conhecimento da pessoa.<sup>129</sup>

*Wojtyla* demonstra aqui que a pessoa é capaz de realizar autorreflexão sobre o próprio agir, que se situa na consciência, e ter a experiência fundamental de que é a fonte das próprias ações. *Wojtyla* não quer aqui fazer uma dissertação sobre a ação em que se pressupõe a pessoa, mas, seguindo

---

<sup>128</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 26.

<sup>129</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A., 1979, p.12.

uma linha distinta de experiência e de entendimento revelar a essência do ser humano enquanto pessoa, e conhecer o maior conhecimento possível deste sujeito e objeto de conhecimento.<sup>130</sup>

A consciência é também, para *Wojtyla*, um dos elementos constitutivos e distintivos da pessoa humana. *Wojtyla* procura discernir a consciência no ato humano, investigando como ela se encontra implícita neste ato. Uma das convicções de *Wojtyla* é que a atividade do conhecer não pertence à consciência. O ato humano de Aristóteles e de Tomás de Aquino supõe determinada interpretação da ação. Segundo Silva, essa interpretação é realista, objetiva e metafísica, e procede do entendimento geral do ser e da teoria de potência e ato. A forma própria do homem atuar é o *ato voluntário*, sem o qual se perde a essência da ação humana. O ato voluntário distingue a atuação específica da pessoa. O termo *ato* possui uma estreita relação com uma potência correspondente que diz respeito a uma realidade que pode ser atualizada. O ato humano se refere à vontade livre, pressupondo o ser humano como o sujeito do atuar.<sup>131</sup>

A pessoa humana, então, é entendida como fonte da ação, conforme ensina a filosofia do ser. Enquanto nessa teoria, a pessoa é pressuposta como causa da ação, *Wojtyla* exprime um enfoque diferente, visto que, para ele, o agir é a fonte de conhecimento da pessoa. Ora, a ação é o dinamismo deliberado e livre do ser humano. Ela implica intenção e premeditação e é atribuída ao homem enquanto pessoa. A atuação, que é consciente, relaciona-se é a característica da vontade livre.<sup>132</sup> Desta forma, o que é voluntário é sinal de consciência.

Silva expressa que o ato humano, portanto, indica que existe uma potência que a ele corresponde e por ele deve ser atualizada. Essa potência constitui o âmago irredutível da pessoa humana. Esse cerne é a sua substância ontológica que se exprime no ato da pessoa. O ato humano, no ponto de vista psicológico, é voluntário, consciente, porque o homem é a fonte da ação. Esses conteúdos da filosofia tomista são conservados por

---

<sup>130</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p.12.

<sup>131</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 29.

<sup>132</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 209.

*Wojtyła*. Entretanto, com seu método, não parte dos pressupostos de potência e ato na análise do agir do ser humano. Segundo Paulo César da Silva, procura-se colher o homem em sua ação e, através dela, chegar à estrutura ontológica da pessoa humana. Na escolástica, o percurso era da causa ao efeito. Porém, *Wojtyła* utiliza-se do método contrário: vai do efeito à causa, considerando a ação como ela se manifesta imediatamente na experiência e na consciência da pessoa<sup>133</sup>.

A função de reflexão da consciência da pessoa humana, que se relaciona intimamente com o autoconhecimento, possibilita a aquisição de um conhecimento do bem e do mal, dos quais, em determinadas ações, a pessoa é o agente. A função de flexibilidade, por sua vez, permite à pessoa experimentar o bem e o mal no próprio ego, e é no ego que o homem tem esta experiência do bem e do mal. Desta forma, ele experimenta-se como alguém bom ou mal. Só em relação à sua ação, a pessoa experencia, como seu, o valor moral do bem e do mal. *Wojtyła* afirma que “a consciência não só espelha a experiência por obra do autoconhecimento”<sup>134</sup>. Por outro lado, na consciência, o valor moral se reflete intelectual e emocionalmente. *Wojtyła* afirma que, ao mesmo tempo, “a objetividade dos valores morais, pela atividade de reflexão da consciência e pelo autoconhecimento, e a subjetividade deles, mediante a função reflexiva da mesma consciência (...)”<sup>135</sup>.

Dentro desta mesma linha de pensamento, *Wojtyła* mostra como parte essencial da pessoa humana, além da ação, da experiência, juntamente com a consciência e a autorreflexão, a transcendência e a espiritualidade, sendo partes fundamentais da estrutura da pessoa humana. Sendo *unitotal* – formada de corpo e espírito –, a pessoa tem em si uma espiritualidade que a leva à transcendência, ao qual a pessoa experencia por meio da ação. Compreende-se por espiritual o elemento imaterial que, intrinsecamente, não pode ser reduzido à matéria. O aspecto positivo do conceito de *espiritual* se revela na concepção de transcendência da pessoa humana. *Wojtyła*

---

<sup>133</sup> WOJTYŁA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 210.

<sup>134</sup> WOJTYŁA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 210.

<sup>135</sup> WOJTYŁA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 211.

demonstra que “tudo aquilo que consiste na transcendência da pessoa na ação e que constitui esta transcendência é, neste sentido, espiritual”.<sup>136</sup>

A aceitação da natureza espiritual da pessoa humana, em suas autênticas manifestações, não é resultado de abstração, porque essa natureza se encontra no alcance da intuição fenomenológica. A espiritualidade se manifesta aberta à intuição e à perspicácia. A transcendência é a própria forma da vida humana. Ora, é necessário, por outro lado, ir às raízes da espiritualidade da pessoa humana e não permanecer, apenas, em suas manifestações. Podem ser colhidas as provas da espiritualidade do ser humano no sentido fenomenológico, e, indiretamente, no sentido ontológico. A natureza espiritual do homem se manifesta como transcendência da pessoa no atuar. A experiência demonstra que não se pode separar a pessoa da sua natureza espiritual, pois, a natureza referida manifesta algo permanente, ontologicamente fundado, propriamente do ser espiritual. Determinadas manifestações da pessoa humana não teriam explicações sem o suposto de seu componente espiritual.

A pessoa, enquanto tal, é corpórea e espiritual. Ela, ao mesmo tempo, constitui uma unidade que manifesta de forma complexa na ação, através da transcendência. O agir serve à unidade da pessoa, e é nele que o homem se realiza. Silva nos mostra que a unidade da pessoa, na ação, manifesta-se e torna-se possível por causa da natureza espiritual do ser humano. Essa é a fonte de todos os sinais que determinam a transcendência da pessoa. A unidade do homem, portanto, é constituída por seu espírito. O elemento espiritual é o componente específico da pessoa humana.<sup>137</sup>

A espiritualidade, conforme entende *Wojtyla*, pode ser a chave para compreensão da complexidade da pessoa humana. O ser humano, em sua experiência integral, manifesta-se como alguém que é material; ou seja, que possui corpo, e com unidade pessoal determinada pelo espírito, que é invisível e inacessível aos sentidos. A eficácia, a obrigação, a responsabilidade, a liberdade e a veracidade também não são acessíveis aos

---

<sup>136</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 211.

<sup>137</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 74.



sentidos.<sup>138</sup> São, portanto, imateriais. Elas, entretanto, pertencem à experiência da pessoa humana. Constituem, pois, objetos de intuição, enquanto se exprimem como dados que a mente humana pode captar e compreender. Wojtyła declara:

O homem é um ser complexo, cuja compreensão implica alguns conhecimentos mais amplos para poder medir os limites ou, talvez, a profundidade das coisas. É o campo da metafísica, no qual, ao longo dos séculos, os pensadores têm procurado desemaranhar a natureza do homem, enquanto ser composto de corpo e alma, de carne e espírito.<sup>139</sup>

A complexidade do homem, enquanto pessoa, acessível à intuição fenomenológica deve ser completada e ampliada com a análise metafísica. A importância e a necessidade da metafísica são, portanto, inegáveis. A alma humana é conhecida, pela metafísica, como um princípio que fundamenta a vida da pessoa concreta. Os efeitos, que estão a exigir uma razão suficiente, uma causa que lhes seja proporcional, permitem deduzir a existência da estrutura e da natureza espiritual da alma humana.<sup>140</sup>

Silva, que já vem nos apresentando um estudo aprofundado sobre a filosofia de *Wojtyła*, apresenta e salienta que, segundo a perspectiva do próprio *Wojtyła*, a pessoa não tem experiência direta da alma<sup>141</sup>. A experiência indireta da alma, entretanto, realiza-se mediante a transcendência da pessoa na ação, que são a obrigação, a responsabilidade, a veracidade, a autodeterminação e a consciência. O que mais inteiramente se manifesta, nessa experiência, é a interioridade desses momentos. Eles formam a estrutura do *homem interior*. Esses momentos, aos serem

---

<sup>138</sup> Cf. WOJTYLA, Karol. apud SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyła: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 74.

<sup>139</sup> WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979, p. 216.

<sup>140</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyła: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 76.

<sup>141</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyła: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 77.

experenciados, identificam-se com a experiência da alma. Seu possível conhecimento, entretanto, não pode ser reduzido a esses momentos. Seu conhecimento, enquanto *ego espiritual*, parece orientar para a análise metafísica.

A pessoa humana, portanto, no pensamento de *Wojtyla* identifica-se de forma parcial, e em determinado sentido, com a natureza. Essa identificação se põe, unicamente, quanto a sua substancialidade. A pessoa, entretanto, em seu conjunto e em sua essência, projeta-se para além da natureza. A liberdade pessoal nega a necessidade própria do mundo natural. Existe, então, uma relação necessária entre a humanidade, e por outro lado a personalidade e a liberdade. A vontade livre pertence, de forma necessária, à natureza da pessoa. Pode-se entender a natureza da pessoa como, exclusivamente, a necessidade de atuar com liberdade.<sup>142</sup>

Enfim, podemos deduzir que *Wojtyla* contribuiu muito para a contemporaneidade com sua concepção de pessoa, principalmente com o enfrentamento de determinados problemas de nosso tempo. Sua abordagem sobre o homem-pessoa indica caminhos frente aos reducionismos antropológicos que, por sua natureza parcial, dificultam e comprometem a realização da pessoa humana. Seu estudo, por outro lado, é totalmente aberto e estimula novas pesquisas que objetivem sua confirmação na esfera do ser humano enquanto pessoa.

### 3.5 A LIBERDADE E A EXISTÊNCIA COMO PREMISSAS DA DIGNIDADE DE SER PESSOA

A liberdade da pessoa humana é o primeiro aspecto fundante da bioética personalista. Segundo *Abbagnano*, o termo *liberdade* tem três significados fundamentais, correspondentes a três concepções que se entrecortaram no decurso de sua história, e que podem ser caracterizadas da seguinte maneira: I. A concepção de liberdade como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a liberdade é a ausência de condições e de limites; II. A concepção de liberdade como necessidade, que se funda sobre

---

<sup>142</sup> Cf. SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyla: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005, p. 77.

o mesmo conceito da precedente, isto é, sobre aquele de autodeterminação à totalidade (Mundo, Substância, Estado) a que o homem pertence; III. A concepção de liberdade como possibilidade ou escolha, segundo o qual a liberdade é limitada e condicionada, isto é, finita.<sup>143</sup>

Na primeira concepção, trata-se a liberdade como a forma de um absolutismo, incondicionada e, portanto, não sofre limitações e não tem graus, e é definida dizendo-se que é livre aquilo que é a *causa de si mesmo*. A liberdade do indivíduo se dá no fato de ele poder se expressar e não afligir a liberdade e o espaço do outro, e assim reciprocamente. A segunda concepção está intimamente interligada à primeira, e é aquela que se identifica com a necessidade. Também é atribuída não à parte, mas ao todo: não ao homem só, mas à ordem cósmica ou divina, à Substância, ao Absoluto, ao Estado. Já a terceira concepção trata-se da liberdade como uma não-autodeterminação absoluta, e não é portanto um todo ou um nada, mas antes, um problema sempre aberto: o problema de determinar a medida, a condição ou a modalidade de escolha que pode garanti-la. Livre, nesse sentido, segundo *Abbagnano*, não é *causa sui*, mas uma medida determinada.<sup>144</sup>

Só a pessoa é livre. Essa afirmação se dá no fato de que sua liberdade será mais um sinal de sua transcendência. A liberdade irrompe na tramada natureza como algo de novo e original, se bem que não antagônico. Porém, trata-se de compreender o sentido desta liberdade como fator de transcendência emergente sobre a natureza. A liberdade da pessoa não é algo volátil, mas encontra-se sob condições que a determinam, e a fazem sólida, e é na condição total da pessoa humana que ela deve ser situada.

Segundo Severino, o homem de um modo ou de outro, sempre teve alguma consciência de sua profunda ligação e dependência em relação à natureza, mesmo que não chegasse a formular de maneira clara esta submissão. Assim, o primitivo projetava nos deuses sobrenaturais a origem dos acontecimentos desse determinismo. Porém, em compensação, apesar de viver *in exercitio* sob o império, às vezes escravizador, das forças naturais, estendidas no sentido mais amplo, o homem também teve sempre uma forma de pressentimento de sua liberdade. O fato de projetar para forças divinas

---

<sup>143</sup> *LIBERDADE*. In: ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Editora Mestre Jou. [S.I.], 1973.

<sup>144</sup> Cf. ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Editora Mestre Jou. [S.I.], 1973.

suas servidões já seria um sinal de inconformismo diante de um puro determinismo impersonalizado.<sup>145</sup>

Com o amadurecimento paulatino da própria consciência, foi o homem explicitando cada vez mais claramente no que consistia esta propriedade que lhe confere situação privilegiada no conjunto do cosmos. Severino salienta que os estoicos veem em uma conformidade total com as forças naturais um modo de não se oporem a elas a ser assim livres das mesmas. Para os cristãos, a única servidão é o pecado, portanto, só interessa a liberdade situada no plano sobrenatural em relação à privação da graça. A esta explicitação segue-se tentativas de criação de instituições capazes de garantir o exercício mais completo das liberdades.<sup>146</sup> Desde os tempos dos romanos, começa-se a considerar a liberdade como algo mais concreto, aonde se poderia conseguir eliminando determinadas situações. Historicamente, a Revolução Francesa sintetiza todas estas aspirações quanto à liberdade, decidindo-se então o homem a construir concretamente a sua liberdade. Como, aliás, já o preparam o Renascimento e a Reforma. Apesar da fragilidade e comprometimentos destes tentames, segundo Severino, o homem sempre se inebriou com sua própria liberdade. Plenamente conscientizado dela, procura estabelecer em que plano finalmente pode situá-la e busca determinar de que se trata, enfim, quando pretende construir a liberdade.<sup>147</sup>

Há uma necessidade de palpar-se a liberdade para apoditicamente convencer-se de sua real existência. Pegá-la em flagrante, tocá-la como se fosse um objeto, ou pelo menos, demonstrá-la através de um teorema. Porém, baldados foram os esforços, de forma que sentir sob as próprias mãos a própria liberdade é cair em uma atitude necessariamente enganadora, por não tolerar a liberdade nenhuma reificação. *Mounier* diz: “No mundo objetivo, só há coisas dadas e situações já passadas”<sup>148</sup>. Não é em um plano de observação objetiva que se apreenderá a liberdade. Esta só se dará numa

---

<sup>145</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 66.

<sup>146</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 66

<sup>147</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 67.

<sup>148</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 477.

experiência existencial de todo o ser humano, pois, segundo *Mounier*, ela é “afirmação da pessoa: vive-se, não se vê”<sup>149</sup>.

A ausência desta liberdade objetual causa ao homem uma terrível angústia, pois, se não é possível apreender esta liberdade nas coisas, é se forçado a crer-se um brinquedo no universo, ao sabor das fatalidades. No entanto, segundo Severino, jamais descobre o homem por mais que a procure, a liberdade como coisa entre coisas no mundo objetável. Diante disso, por vezes, o homem se contenta com uma liberdade negativa e um tanto lacunar: nas folhas da aparentemente perfeita cadeia dos determinismos físicos, encontra-se uma prova da existência objetiva da liberdade.<sup>150</sup>

Contudo, isso coloca o homem em um nível que lhe é inferior. Mas, mesmo se insistindo em tirar argumento desta situação defeituosa do mecanismo universal não se poderá concluir senão duas formas bastante diminuídas de liberdade. Uma, a liberdade de indiferença, uma espécie de estado de equilíbrio, no qual o homem gozaria de uma indeterminação total no pensar e no agir. A outra seria uma liberdade baseada em uma eventual falha do determinismo. Porém, segundo Severino, isso é um contrassenso, pois, além de basear-se numa fraqueza de nosso conhecimento, é apenas uma sobra que nada tem de humano, pois, na perspectiva de Severino, “não é contra os determinismos naturais que concretizará a liberdade, nem será sobre eles, mas unida com eles”.<sup>151</sup>

Podemos dizer que a ciência nada pode dizer a favor da liberdade, como também impõe-se-lhe renunciar e contestá-la. Ela reconhece que o universo não é totalizável no plano do determinismo e que a natureza revela uma preparação lenta e contínua das condições da liberdade como se mostra na própria história da evolução. As conquistas, cada vez mais importantes, pelos organismos novos de instrumentos de energia bem o simbolizam. *Mounier* declara:

(...) Todavia a liberdade não sai destas preparações como o fruto sai da flor. No enigma das forças naturais que as atravessam e as embaraçam, está reservado à insubstituível iniciativa da pessoa reconhecer os declives cúmplices de sua liberdade, escolhê-los e

---

<sup>149</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 477.

<sup>150</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 68.

<sup>151</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 68.

engajar-se neles. É a pessoa que se torna livre, após ter escolhido ser livre. Em parte alguma encontrará a liberdade dada e constituída. Nada no mundo lhe garantirá que é livre se não entra audaciosamente na experiência da liberdade.<sup>152</sup>

Encontra-se nesta citação de *Mounier*, no concernente à liberdade, a mesma perspectiva bipolar de uma transcendência imanente à própria natureza. É o sentido que *Mounier* dá, servindo-se do jogo das preposições: não é contra os determinismos: não será sobre eles, mas unida a eles. Ora, a liberdade não é uma potência pura e simplesmente desligada e superior, antagonicamente aos determinismos; entretanto ela está situada sobre eles, ela os transcende como a pessoa transcende a natureza; contudo esta transcendência insere-se, enraíza-se no próprio ser da natureza. A liberdade prolonga-se da natureza, e deverá apoiar-se sobre suas próprias condições para construir-se, mas exercendo-se, de tal forma que superará a natureza, sendo para o homem, uma característica original e insuperável.

Agora, interligando a liberdade em sua objetividade à liberdade real da pessoa, levanta-se uma questão relevante: Irredutível a uma coisa natural ou a uma espontaneidade vital, que será, pois, a liberdade na perspectiva na bioética personalista? Para essa questão *Mounier* afirma ser possível, sem sombra de dúvidas, uma liberdade interior total, isto porque “a liberdade é fonte viva de ser, e como tal atinge todo e qualquer ato humano, transfigurando-o”<sup>153</sup>. É, pois, neste sentido, mas unicamente neste sentido, que o homem é sempre inteiramente livre. É a liberdade do condenado, a transcendente liberdade da consciência pessoal. Liberdade que não depende das liberdades concretas.

Contudo, ainda sob a perspectiva de *Mounier*, esta transcendência da liberdade não exclui nem justifica deixar de ser a liberdade humana, pois a “liberdade de uma pessoa e desta pessoa assim constituída e situada em si mesma, no mundo e diante dos valores”<sup>154</sup>. Desta constituição e situação humanas resulta a concomitante limitação da liberdade: ela é condicionada. Segundo Severino, o primeiro passo do homem é, portanto, tomar consciência de sua situação e aceitá-la. Quem não vê suas servidões, torna-

---

<sup>152</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 478.

<sup>153</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 478.

<sup>154</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 478.

se escravo delas. É necessário começar pelo menos pela consciência da necessidade.<sup>155</sup>

A liberdade tem, pois, condicionamentos comuns: biológicos, psíquicos, econômicos, políticos, sociais, que asseguram às forças médias participarem dos mais altos apelos da humanidade. E a liberdade da pessoa humana é a liberdade de uma pessoa situada, e também de uma pessoa valorizada. A pessoa não é livre unicamente pelo fato de exercer a sua espontaneidade, e é livre quando inclina a sua espontaneidade no sentido de sua libertação, isto é, quando há uma personalização do mundo e da pessoa humana mesma.

Portanto, a liberdade da pessoa humana caracteriza-se por duas grandes dimensões, intimamente unidas e mutuamente constitutivas: a liberdade é *autonomia* na medida em que é libertação dos dados opressivos de sua situação. Severino salienta libertar-se desses elementos de necessidades constrangedoras é realizar uma personalização, tanto própria, como do mundo e dos outros. Libertação que não é uma eliminação dos laços condicionantes mas apoio no condicionamento para melhor avançar. Conhecer, dominar, reger, transformar e valorizar a natureza é necessariamente personalizá-la, e coloca-la em um nível intencional de valores para o ser humano.<sup>156</sup> Também solidificar as próprias estruturas e dinamismos físicos, fisiológicos, psíquicos e intelectuais assim como coordená-los ou orientá-los, no caso do homem, significa personalizar as próprias condições concretas da existência pessoal. Severino demonstra que “está personalização libertadora é a medida da liberdade como autonomia humana espiritual”.<sup>157</sup>

A liberdade humana não é algo, pois, de que se pode dispor arbitrariamente: ela é invocada, conclamada. Severino nos mostra que é este apelo que dá força aos eu ímpeto; com este ímpeto não deve ser confundido. Entretanto, faltando este apelo, o ímpeto cairia e iria se adaptar às condições. Todavia, ao adaptar-se demais provocaria a instalação, a imobilidade e as

---

<sup>155</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 69.

<sup>156</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 69.

<sup>157</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 69.

engrenagens feitas.<sup>158</sup> Deve-se conhecer o sentido da história para nela se inserir, mas inserir-se demais na história que é, não se faz mais a história que deve ser, fruto da criatividade, da liberdade criadora do homem. Podemos dizer que isso é o processo de todos os conformismos. Severino expressa que “a liberdade humana é modesta, pois é condicionada por todos os lados e em todas as alturas, mas nem por isso deixa de ser intrépida e audaciosa, na perspectiva mounierista”.<sup>159</sup>

Ainda sob a mesma perspectiva, caracterizamos a força que move a liberdade humana, isto é, o próprio espírito da liberdade, ou seja, esta força de libertação que é a manifestação da atração e apelo da originalidade da existência pessoal, encontra-se sempre em luta com o peso da gravidade que atrai os homens para a alienação, que é uma situação em que se entrega como objeto às forças impessoais. Segundo *Mounier*, parte destas situações formas bem descritas pelo marxismo que infelizmente, desconhecem tantas outras, e por isso declara:

As servidões que marcam nossa existência fazem com que não exista situação humana em que não haja uma alienação mais ou menos difusa: está na condição do homem aspirar indefinidamente a autonomia, persegui-la em parar e fracassar ao atingi-la. Conformismos, adesões cegas, irresponsabilidade diante do próprio destino são cristalizações de tais fracassos. Toda vitória da liberdade volta-se contra ela e exige um novo combate: a batalha da liberdade não conhece fim.<sup>160</sup>

Portanto, baseados no pensamento de *Mounier*, a liberdade para a bioética personalista é um movimento de um dinamismo simultâneo e essencialmente forte e frágil. Por sua impetuosidade original, e quase prometeica, consegue despertar e arrancar os espíritos entorpecidos pelas situações que os alienam. *Mounier* diz que “tão logo comemora uma vitória, novamente dá-se uma nova batalha, agora contra a alienação que ameaçadora da nova situação conquistada. Desta forma, de luta em luta, de queda em queda, de vitória em vitória, nesta interminável dialética da fragilidade da

---

<sup>158</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 69.

<sup>159</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 69.

<sup>160</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 483.



pessoa, a liberdade deve ser sempre reconquistada”<sup>161</sup>. Porém, também aqui deve reinar uma atitude de otimismo trágico, pois a tragicidade desta situação não exclui de modo algum a possibilidade de vitórias contínuas e realizações de criatividade incessante. Tal o grande poder e o maravilhoso privilégio da liberdade da pessoa humana.

Nesta luta constante da liberdade contra as alienações, cada etapa é consolidada pela *escolha*. Escolha que parece, primeiramente como um *poder*. Segundo Severino, a partir dessa ideia cria-se também uma nova ordem e uma nova inteligibilidade nas fatalidades rompidas, em nome de um novo valor visto e assumido. Também aqui a pessoa sai com uma nova maturidade, fazendo o mundo avançar e formar o próprio homem. Enfim, agindo como ser livre, a pessoa é fonte contínua de criatividade. Nisto, com certeza, a pessoa jamais poderá ser substituída por qualquer espécie de técnica, ou máquina.<sup>162</sup>

Indo um pouco mais a fundo, ainda podemos analisar, sob a perspectiva de *Mounier*, que o centro da gravidade da liberdade da pessoa humana não está no poder de escolha, como afirmou o marxismo. *Mounier* deixa claro que não se pode negar absolutamente esta característica de autonomia da consciência pessoal diante de seus condicionamentos.<sup>163</sup> Por aí de manifesta a transcendência da pessoa sobre a natureza: a retomada pessoal dos valores mostra o domínio sobre a natureza, mas não é apenas por aí que a liberdade concretiza a transcendência humana. Claro, que como tal a liberdade tem uma beleza própria por seu porte, mas não se torna realmente bela de soberania se for salutar, isto é, se trouxer em seu bojo a libertação, a criação libertadora e personalizante.

Ora, a liberdade não deve ser encarada unicamente como uma conquista de autonomia; ela também é adesão e não somente ruptura titânica e conquista indomável. *Mounier* expressa que a liberdade “não é o ser da pessoa, mas o modo pelo qual a pessoa é tudo o que é, e o é mais plenamente do que por necessidade”<sup>164</sup>. Severino analisa que *Mounier* quer demonstrar nessa explanação que existe a integração entre a concepção essencialista e a concepção existencialista da liberdade, pois a primeira pretendia incessantemente objetivar a liberdade da pessoa humana para que nesta

---

<sup>161</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 483.

<sup>162</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência. Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 71.

<sup>163</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 484.

<sup>164</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 484.

objetividade se encontrasse sua mais irredutível prova e garantia; e a segunda só vê o homem enquanto este é espontaneidade e autonomia em relação a toda e qualquer norma sobretudo estrutural. Porém, as duas perspectivas falham clamorosamente na sua parcialidade porque a liberdade é uma dimensão da transcendentalizante de um ser imanentizado nos próprios condicionamentos.<sup>165</sup>

Podemos analisar, pois, que a liberdade humana, segundo esta perspectiva de Severino, não se liga com a uma ideia platônica, intangível. A liberdade que o homem traz consigo, de sua natureza original é uma liberdade viva, sentida em um esforço de libertação mais do que em facilidades herdadas, uma libertação um tanto dramática, visto que é conquistada e disputada, uma liberdade devotada em que o sentido do trabalho e da salvação em comum, com os sacrifícios necessários do indivíduo à comunidade e das comodidades presentes ao amanhã, terão a primazia sobre a reivindicação egocêntrica e imediata, que lutam contra os valores morais e éticos da dignidade da pessoa humana.<sup>166</sup>

Ainda mais, a liberdade da pessoa faz com que ela alcance a transcendência. Esta transcendência origina-se do fato de ser a pessoa humana consciente e livre. Consciência e liberdade são as grandes marcas da transcendentalidade humana. É graças a elas que toma forma a personalidade humana e elas transfiguram toda a existência pessoal. Segundo Severino, essa existência pessoal continuará sendo uma contínua e plena manifestação da *biodimensionalidade do homem*. A pessoa humana é um ser imanente à natureza, porém, é simultaneamente está transcendendo-a<sup>167</sup>.

A partir disso, vamos agora, compreender um segundo ponto muito importante quanto à compreensão das dimensões filosóficas do conceito de pessoa para referenciar a valoração da dignidade da pessoa surda: a existência.

A existência humana é o segundo ponto essencial dentro da bioética personalista, rumo à defesa da dignidade da pessoa humana. Também podemos considerar um postulado fundamental ao personalismo, visto que, nesta perspectiva há uma prioridade da existência sobre a natureza humana,

---

<sup>165</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 72.

<sup>166</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 73.

<sup>167</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 73.

entendendo-a como um dado ontológico definitivo. Desta forma, segundo Severino, “o existir da pessoa humana é mais denso do que desenvolver uma determinada essencialidade”<sup>168</sup>. Isso significa dizer que seria submeter-se à contingência, à facticidade, à interação com outro e com o mundo, em um esforço contínuo de personalização. Neste sentido, podemos dizer que a existência pessoal é uma existência dialética: não se reduz a um esquema rigoroso e fixo de ser, e também não é um desenvolvimento mecânico de potencialidades predeterminadas, mas sim uma relação contínua de conflitos entre a exteriorização e interiorização.

Segundo Severino, quando se estuda a pessoa dentro da filosofia podemos observar, que não há outro caminho de analisá-la se não for pela filosofia existencialista, pois à esta linha de pensamento compete explorar a existência e os existentes, deixando à ciência uma organização das aparências e à indústria a ocupação com as utilidades. Porém, se tratando de filosofia da existência no contexto filosófico contemporâneo, refere-se a ela a um pensamento que se caracteriza em uma espécie de reação da filosofia do homem, contra o excesso da filosofia das ideias e de uma filosofia de coisas.<sup>169</sup> E, ainda sob a mesma perspectiva, a filosofia existencialista encontra, fundamentalmente, a filosofia personalista, isto é, são concomitantes. O personalismo será uma exigência e um apelo contra o desconhecimento do homem, pela filosofia tradicional, em proveito de uma exclusiva preocupação com o mundo, ou mesmo com os produtos do espírito.<sup>170</sup>

A filosofia da existência não visa centralizar-se somente na existência como tal, mas tem uma sensibilidade própria para com o existente, o existente *humano*. Podemos analisar que a ontologia existencialista, segundo Severino, partirá sempre de uma antropologia. Igualmente o personalismo tem na sua afirmação da existência pessoal seu postulado fundamental. *Mounier* afirma que a filosofia personalista tem como afirmação central a existência de pessoas livres e criadoras<sup>171</sup>.

---

<sup>168</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 92.

<sup>169</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 93.

<sup>170</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 93.

<sup>171</sup> MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 430.

Queremos deixar claro, que quando o personalismo parte da existência pessoal, não está levantando uma oposição à essência, a uma possível essência humana pessoal. A essencialidade da pessoa, dentro da perspectiva personalista, desenvolve-se por meio de projetar-se fora de si em face do real em um retorno para si novamente. Deste modo, podemos dizer que o homem é um ser natural e transcendente, pois só ele é capaz de conhecer, de transformar, de amar, de sentir, de ser livre, de usar do determinismo natural como instrumento de superação. Enfim, só a pessoa humana é capaz de realizar uma ação construtiva.

Para que a vida humana alcance a plenitude, é necessário a ação, pois é na ação que se constrói a trama da existência. O agir tem sempre uma intencionalidade, e esta deve orientar-se para a transformação da realidade interior, que seria um *autoconstruir*, e da realidade exterior, que é o *construir*, para a afirmação de novos valores que fundamentem a construção de uma comunidade de pessoas. Ora, o personalismo não fica preso a uma concepção meramente existencial, nem mesmo a uma concepção totalmente essencialista. A existência e a essência fazem parte de uma mesma totalidade, ou como Sgreccia diz, uma *unitotalidade*<sup>172</sup>. Esta mesma totalidade é a pessoa humana. Esta é um ser imanente e transcendente, e a existência é uma expressão destas duas dimensões.

Um tema muito comum dentro das elaborações e estudos sobre a pessoa humana, dentro da perspectiva existencialista, é a prospectividade da existência humana. Segundo Severino, “o homem tende para algo mais do que ele é, é autodeterminação; é aquilo que ele se faz, ao superar aquilo que é”<sup>173</sup>. Isto porque, em sua fraqueza, a pessoa humana é dotada de consciência e liberdade. Ora, vivendo inserido na temporalidade, na duração, o homem empenhará sua liberdade criadora na decisão: o que lhe custará o preço da responsabilidade e da possibilidade do erro.

Esta existência, segundo Severino, é supremo valor de toda a existência, isto é, uma existência privilegiada.<sup>174</sup> Contudo, a cada instante, por causa de sua contingência e fragilidade, está ameaçada de reduzir-se a

---

<sup>172</sup> SGRECCIA, Elio. *Manual de Bioética: fundamentos e ética biomédica*. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 85.

<sup>173</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 95.

<sup>174</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 95.

uma pura vida. *Mounier* insiste, dentro desta perspectiva, na igual possibilidade de degradação da existência pessoal<sup>175</sup>, pois, é verdade que das pessoas não se pode jamais falar de alienação absoluta, como deixa entender Sartre, pois haverá sempre o poder do reerguimento e de reação contra a alienação<sup>176</sup>. A alienação seria o domínio das condições da encarnação sobre a transcendência da pessoa. Porém, podemos analisar que para o personalismo, esta é, literalmente, uma sufocação não essencial e absoluta.

É interessante também observar, que dentro do personalismo e do existencialismo há uma igual insistência em analisar a existência da pessoa humana a partir do viés da tragicidade. Na revista *Esprit*, *Mounier* afirma que a condição humana está vinculada a um sentido dramático de suas perspectivas: a fragilidade do ser, a cegueira e o risco de suas crenças, os limites de seu saber, a precariedade de suas instituições, os silêncios do mundo, a solidão dos seres, o gosto da morte e do nada que acompanha toda a experiência profunda.<sup>177</sup> Tragicidade e não pessimismo, ou mesmo desespero, é característico da filosofia personalista. Entre o trágico e o desespero há um abismo muito grande.

Ainda dentro das perspectivas de *Mounier*, outra coisa muito importante no estudo da pessoa humana dentro da filosofia foi o focalizar insistente do problema do outro e o problema da comunicação. *Mounier* nos mostra que a existência da pessoa humana também se revela por meio da comunicação. Essa foi uma das grandes conquistas da filosofia existencialista e personalista, contra a filosofia tradicional que o relegava a segundo plano. Porém, o existencialismo de Sartre parece reconhecer o outro apenas para assinalar os perigos que traz para o seu semelhante. Ora, nega-se dentro desta filosofia toda a comunicação que não tenha intenção de domínio, de cristalização. Já na perspectiva personalista, se os fracassos da comunicação não são negados, a comunicação não deixa de ser tida como a experiência fundamental da pessoa humana. *Mounier* afirma que o fracasso da comunicação é o egoísmo. E ele só pode ser vencido pela disponibilidade,

---

<sup>175</sup> Cf. MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004, p. 450.

<sup>176</sup> Cf. SARTRE, Jean Paul. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 96.

<sup>177</sup> Cf. MOUNIER, Emmanuel. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 96.

isto é, pelo dom de si<sup>178</sup>. Credo profundamente nesta experiência fundamental, *Mounier* dá grande valor à comunidade dos homens. Na revista *Esprit Mounier* declara:

Por mais infeliz que seja a comunicação pelo dilaceramento do mundo e por nossa indisponibilidade, dá-se a priori o fracasso inapelável quando se pretende busca-la a partir de uma subjetividade absoluta; deste ponto de partida, não se pode mais passar da solidão à comunicação nem o pensamento do ser. Aqui ainda o personalismo põe em tensão primitiva o irredutível pessoal e a experiência original da fraternidade. O homem é impotente para harmonizá-las de modo durável, mas se desvanece caso se sacrifique uma à outra.<sup>179</sup>

Severino nos revela que, desta forma, o existencialismo reage contra o impessoalismo dos filósofos idealistas e materialistas, acentuando muito o irredutível pessoal e a volta do indivíduo sobre si mesmo, dando assim, segundo *Mounier*, uma imagem do personalismo um tanto crispado. É interessante observar que a aproximação entre as correntes é visível.<sup>180</sup> Contudo, apesar de ser o personalismo, na expressão de *Ricoeur*: “Uma interpretação personalista das filosofias da existência”<sup>181</sup>. O personalismo trilha seu próprio caminho e separa-se do existencialismo em grandes domínios. Um deste domínios, é, segundo *Mounier*, uma constante preocupação em conservar o equilíbrio na existência pessoal, onde se reconhece o valor do impessoal para o qual a pessoa tende incessantemente, rompendo sua pulsação interior. O impulso que o homem toma sobre a natureza, a frequência das coisas, do trabalho, as meditações sociais, que

---

<sup>178</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência. Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 97

<sup>179</sup> Cf. MOUNIER, Emmanuel. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 96.

<sup>180</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 98.

<sup>181</sup> RICOEUR, Paul. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência. Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo, Cortez Editora, 1983, p. 98.

são componentes essenciais da experiência humana total, são, por conseguinte, referências mestras da reflexão, mesmo filosófica e religiosa.<sup>182</sup>

Enfim, para o personalismo, a existência da pessoa humana se dá na experiência imediata da presença do ser. Severino salienta que essa presença sugere uma “espessura ontológica”<sup>183</sup>. Contudo, esta não é uma dura projeção, mas, segunda orienta Severino, “A fonte viva do ser, de sua superabundância e perseverança”<sup>184</sup>. Ora, ainda sob a mesma perspectiva de Severino, o ser é aquilo que não se pode dispor inteiramente, mas que é dado pelo menos em parte. Visto mais do interior, é o que sobrevive. E não é apenas uma identidade de si a si, que é uma espécie de inexistência exposta, mas a superabundância e a criação em uma palavra: a *plenitude criadora*. Aceitar o ser é aceitar que haja diante de mim, algo outro que eu, e no ser, outro ser que o ser atual. Temos nisso uma potência positiva de movimento: a plenitude atual, movida pela superabundância. A ideia de plenitude criadora ocupa uma situação central na ontologia. Ela exprime simultaneamente a abundância e a falta que caracterizam nossa experiência do ser.<sup>185</sup>

O último ponto interligado à existência da pessoa humana, segundo *Mounier*, e também o cume dessa mesma existência é a *transcendência*. *Mounier* nos ensina que a transcendência do homem é, no âmago da existência, a experiência de um movimento infinito, ou, pelo menos, indefinido para um mais ser, movimento tão inerente ao ser, que é ou aceito, ou recusado com ele<sup>186</sup>. De fato, só é plenamente a transcendência que o personalismo tem em comum com o existencialismo teísta de *Marcel* e *Jaspers*: para ele esta transcendência é um movimento que designa o apelo de Deus à participação na vida divina.

---

<sup>182</sup> Cf. MOUNIER, Emmanuel. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência. Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 99.

<sup>183</sup> SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 101.

<sup>184</sup> SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 101.

<sup>185</sup> SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 101.

<sup>186</sup> SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 103.

E é abordável pela experiência da *superação* que implica um reconhecimento do ser e a aceitação de uma atração libertadora. Severino sugere que a pessoa humana, enquanto ser, é dada como inexaurível, inesgotável, e nunca é simplesmente aquilo que se revela em cada uma de suas tomadas; além desta primeira via, apreende-se a transcendência humana na experiência do *transbordamento*: não se pode conter a existência, pois ela é tomada como que de uma *efervescência interior*, manifestada, por exemplo, no entusiasmo, que é o aspecto afetivo desta experiência ontológica.

Igualmente nesta perspectiva, só que indo aquém desta plenitude, o ser pode ser apreendido como transcendente em experiência de negatividade, na angústia, na resistência que o homem encontra a sua volta, nos choques em que não pode dominar. Essas são as situações-limite da existência da pessoa humana. Sartre, fazendo uma análise da apreensão da transcendência declara:

Em nossa condição não podemos olhar por cima, ou por trás da exigência que nos apresentam, elas são os muros contra os quais nos chocamos. Mas, simultaneamente, elas nos colocam em contato com um sentido obscuro que não pode ser objeto de consciência, ainda que seja apreendido no próprio fracasso, como transfigurando o fracasso.<sup>187</sup>

Severino nos leva a compreender então, que apreendido na sua plenitude ou na sua negatividade, o mundo do ser transcendente não pode ser transformado em objeto estático diante das luzes da razão. Onde os conflitos do existencialismo diante de todo o racionalismo presente na filosofia, uma nova lógica, um novo pensamento se impõe.

Severino ainda salienta que, conseqüentemente, as ontologias e as antropologias divergem entre si. A linha personalista, apesar de enriquecida pelo existencialismo, torna-se mais completa e mais válida por ser menos parcial do que o existencialismo, pois, examinado a descrição de *Mounier* sobre a pessoa humana como participação do ser em uma imergência natural e em uma emergência trasnatural, chega-se à conclusão de que o

---

<sup>187</sup> SARTRE, Jean Paul. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 103.



personalismo soube colocar em sua devida orquestração, o mistério da existência do ser, da pessoa humana<sup>188</sup>.

Ao reconhecer à pessoa humana sua dependência de um ser como aquilo de que não se pode dispor inteiramente, que é dado ao menos em parte, *Mounier* adota uma posição realista, essencialista da natureza humana. A pessoa não é, pura e simplesmente, aquilo que se faz, mas traz algo que o precede, e conseqüentemente, o normaliza. Porém, reencontrando a perspectiva existencialista e enriquecendo-se dela, *Mounier* insiste, mais do que fez a filosofia essencialista, nas possibilidades imprevisíveis de criatividade, de autocriatividade da pessoa. A pessoa humana não é uma coincidência rígida de si para consigo mesma, mas é uma própria existência que se constrói, que avança no tempo e na história. *Mounier* afirma: “O desabrochar automático de um mecanismo, regulado por um decreto eterno”<sup>189</sup>. Contudo, é preciso não confundir este impulso com uma força cega e arbitrária, pois então deixaria de ser pessoal. Enfim, a pessoa humana, tem uma essência, uma natureza.

Como já explicamos no primeiro capítulo deste trabalho, a primeira linha da bioética, de tipo personalista, tem como pilar central a *natureza humana*. Segundo Sgreccia, todo ser vivo que tenha essa *natureza* é considerado pessoa, e por isso ela existe. Assim, os direitos da pessoa são universais, isto é, tem o mesmo valor a todos, sem distinção; e são incondicionais, ou seja, valem em qualquer condição em que o indivíduo se encontre. Um ser vivo, mesmo pertencente à espécie humana, só pode ser considerado pessoa se tiver uma *existência humana*. Ora, só se considera pertencente à espécie quem viver como se espera que uma pessoa humana viva. Nessa segunda concepção, a universalidade e a incondicionalidade presentes na primeira concepção aqui não existem.<sup>190</sup>

Um bom exemplo para ilustrar tal situação é uma criança que tenha nascido com uma deficiência física grave pode ser considerada pessoa, e, portanto, sujeita de direitos? Se o critério utilizado para responder a esta

---

<sup>188</sup> Cf. SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 104.

<sup>189</sup> Cf. MOUNIER, Emmanuel. apud SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983, p. 104.

<sup>190</sup> Cf. RAMOS, Dalton Luiz de Paula. *Bioética: pessoa e vida*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009, p. 41.

pergunta for o de natureza humana e de existência, a resposta seria sim. Agora, se é perdida a universalidade e a incondicionalidade do conceito, abre-se os caminhos para que os detentores do poder público e econômico de determinado contexto definam “pessoa” como mais lhe agradar e convir. Por isso defendemos a linha que vê a pessoa de forma ontológica, em sua natureza e sua existência, pois as circunstâncias que cada pessoa possui ou sofre não muda a condição de ser portador de direitos que todo ser humano tem.

A questão sempre girará no compreender e respeitar os direitos de todos ser humano, independentemente de sua situação, física, psíquica, social, religiosa e cultural, desde a sua concepção, isto é, desde o momento em que o zigoto se forma, até o seu fim último, que é a morte. Mas, a dúvida que nos entretém é: Quando podemos dizer que começa a vida humana? E partir das singelas considerações feitas acima sobre a pessoa e a sua existência, e também deste último questionamento que vamos adentrar na próxima secção do nosso trabalho, onde abordaremos na perspectiva personalista onde, de fato, inicia-se a vida humana.

**UNIDADE 04 – ESTRUTURAS  
GRAMATICAIIS DA LÍNGUA  
BRASILEIRA DE SINAIS**

# 04

**Objetivo da unidade:** Imergir no uso da Língua Brasileira de Sinais, em sua compreensão básica de Sintática, Semântica e Pragmática.

**Conteúdos da unidade:**

- 1) Estruturas gramaticais da Libras.
- 2) Alfabetização e letramento.
- 3) Parâmetros linguísticos da Libras.
- 4) Sistema Pronominal da Libras.
- 5) Classificadores – classificação de sinais – em Libras.

## 4.1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

A alfabetização em Libras se dá como ocorresse no jardim de infância, onde a criança é imersa na construção da base de uma língua verbal e escrita: o alfabeto. Ao que podemos observar, quando a criança aprende a “desenhar” as letras, começando pelas letras do seu nome, ela reconhece neste trabalho, o início do desenvolvimento linguístico que receberá a partir da junção das letras aprendidas, que formarão palavras, que as darão sentido a tudo o que é visível, ouvido, palpável, etc.

Desta forma, conseguimos conceber que a Libras vai trabalhar com seu interlocutor de forma semelhante, pois o “desenhar” das letras, se tornam a forma de configurar as mãos para iniciar um sinal. Lembrando que, a essência de uma língua verbal se dá pela palavra dita. Já para as línguas não-

verbais, a essência se encontra a partir do sinal apresentado. Tudo em Libras se dá pelo sinal.

Vamos agora, aprender as letras do alfabeto.

#### **4.1.1 Alfabeto**



*LETRA A*



*LETRA B*



*LETRA C*



*LETRA D*



*LETRA E*



*LETRA F*



*LETRA G*



*LETRA H*



*LETRA I*





*Letra J*



*LETRA K*



*LETRA L*



*LETRA M*



*LETRA N*



*LETRA O*



*LETRA P*



*LETRA Q*



*LETRA R*



*LETRA S*



*LETRA T*



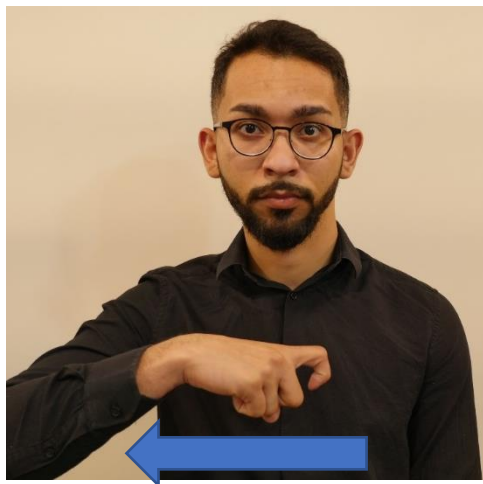
*LETRA U*



*LETRA V*



*LETRA W*



*LETRA X*



*LETRA Y*





*LETRA Z*

#### **4.1.2 Numerais**

Os numerais vão seguir a ordem da Configuração de Mãos assim como do alfabeto. O interessante é que podemos, com as dez configurações de mãos específicas, contar cardinalmente e ordinalmente.

Quanto aos Cardinais:



NÚMERO 01



NÚMERO 02



NÚMERO 03



NÚMERO 04



NÚMERO 05



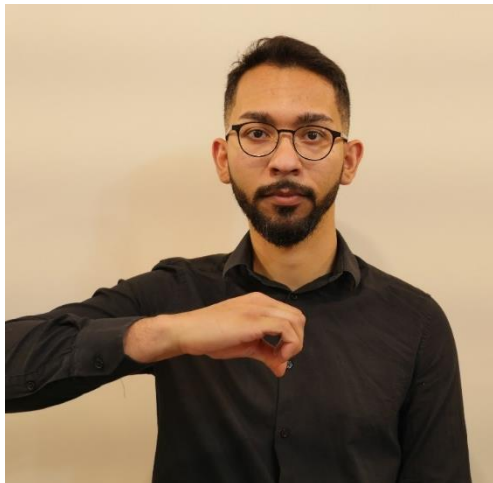
NÚMERO 06



NÚMERO 07



NÚMERO 08



NÚMERO 09



NÚMERO 0

Quanto aos Ordinais:



PRIMEIRO



SEGUNDO



TERCEIRO



QUARTO





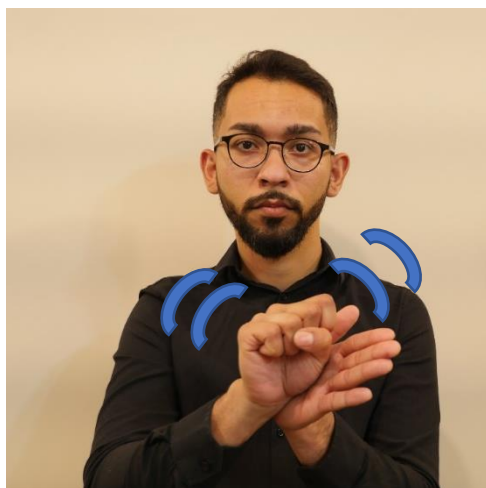
QUINTO



SEXTO



SÉTIMO



OITAVO



NONO

Vale ressaltar que quando sinalizamos os ordinais temos a variante de realizar o sinal apenas tremulando a CM inicial. Vejamos no exemplo:



PRIMEIRO



SEGUNDO



TERCEIRO

## 4.2 DATILOLOGIA

Segundo Honora e Frizanco<sup>191</sup>, a Datilologia, é utilizada para soletrar o nome de pessoas, de lugares, de rótulos, ou mesmo para vocábulos não existentes na Libras. Ora, é um meio de verificação, questionamento ou veiculação da ortografia de uma palavra em Língua Portuguesa. Por exemplo, quando uma pessoa não sabe escrever uma palavra, ela recorre ao uso da soletração, de forma oral, para o auxílio da escrita. Em Língua Brasileira de Sinais, o processo é bem similar: quando uma pessoa não sabe sinalizar, fazemos o uso da datilologia para ela. Vale ressaltar que, o léxico nas línguas de sinais é infinito, dentro do sentido que sempre comportará a incorporação de novos sinais para o montante de seu vocabulário.

Também conhecido como Alfabeto Manual, Alfabeto Digital e Dactilologia, a Datilologia torna-se um recurso das línguas de sinais que utiliza as mãos para representar o alfabeto das línguas orais. Segundo Charles e Liberato,<sup>192</sup> a comunicação em línguas de sinais ocorre por meio de sinais e não apenas por meio do alfabeto manual. Para a maioria das palavras existe um sinal específico em Libras. Isso significa que não é necessário utilizar o alfabeto manual para soletrar todas as palavras. Utilizar apenas o alfabeto manual em uma conversa seria além de cansativo, extremamente demorado e difícil para compreender. Segundo Stelle e Striechein<sup>193</sup> a principal função do alfabeto manual é auxiliar na intercomunicação entre duas línguas diferentes, a oral e a de sinais, a fim de superar a barreira na comunicação, portanto é uma ferramenta muito útil no aprendizado das línguas de sinais.

---

<sup>191</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010, p. 16.

<sup>192</sup> CF. CHARLES E LIBERATO. *Alfabeto Manual e Datilologia*. Disponível em: <http://charles-libras.blogspot.com/2010/04/alfabeto-manual-e-datilologia.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>193</sup> Cf. STELLE, T. STRIEICHEN, E. *Os principais mitos sobre os surdos e a língua de sinais*. Disponível em: <https://www.libras.com.br/download-files/libras/os-principais-mitos-sobre-os-surdos-e-a-lingua-de-sinais.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Ora, podemos utilizar este recurso para: 1. Perguntar ou mesmo responder o nome de pessoas, lugares, marcas que ainda não possuem sinal próprio em Libras; 2. Para perguntar os sinais que ainda não conhecemos, como por exemplo, se não conheço o sinal do país Austrália, podemos sinalizar da seguinte forma: CONHECER + SINAL + a datilologia da palavra A-U-S-T-R-Á-L-I-A; 3. Para sinalizar uma palavra da Língua Inglesa, que se incorporou ao vocabulário da Língua Portuguesa, e que por empréstimo passou a pertencer à Libras. Exemplo: CPU, USB, DELETE; 4. Para utilização de ações explicatórias para a pessoa surda, no qual referir a forma escrita de uma palavra em Língua Portuguesa.

### 4.3 PARÂMETROS LINGUÍSTICOS

Segundo Cristiano<sup>194</sup>, as línguas que as comunidades surdas do mundo desenvolveram, passam por processos de denominação um pouco diferentes, embora comparáveis em alguns pontos aos das outras línguas orais. O Manual de Libras nos detalha que quando falamos sobre os articuladores da língua de sinais, certamente podemos pensar em mãos. Mas, na realidade, são usados como articuladores, além de mãos, outras partes do corpo, como a cabeça, face e tronco. Desta forma, vamos aprender um pouco mais sobre os cinco parâmetros linguísticos: Configuração de mãos, Ponto de Articulação, Orientação e Direcionalidade, Movimento e Expressões não-manuais – também conhecidas como Expressões Faciais e Corporais.

#### 4.3.1 Configuração de Mãos (CM)

A Configuração de Mãos é o primeiro parâmetro linguístico da Língua Brasileira de Sinais. Segundo Honora e Frizanco<sup>195</sup>, as CM são as formas nas quais as mãos são colocadas para a execução do sinal. Elas podem ser

---

<sup>194</sup> PARÂMETROS LINGUÍSTICOS. Disponível em: <https://www.libras.com.br/os-cinco-parametros-da-libras>. Acesso em: 20 nov. 2021.

<sup>195</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010, p. 16.

representadas por uma letra do alfabeto, dos números ou outras formas circunstanciais de se posicionar as mãos no momento inicial do sinal.

Cada configuração de mãos pode ser feita pela mão dominante (mão direita para os destros, mão esquerda para os sinistros), ou pelas duas mãos dependendo do sinal. Os sinais APRENDER, SÁBADO, LARANJA têm a mesma configuração de mãos e são realizados na testa, na boca e queixo, respectivamente.



MÃO EM “S”



APRENDER



SÁBADO





LARANJA

#### **4.3.2 Ponto de Articulação (PA)**

O Ponto de Articulação ou Pontos de Locação são o segundo parâmetro da Língua Brasileira de Sinais. Segundo Honora e Frizanco<sup>196</sup> os PA são os lugares onde incide a CM para a execução inicial do sinal. O PA pode ser alguma parte do corpo, ou mesmo sobre a face, ou no campo neutro, de forma vertical ou horizontal.

É interessante observar que, o PA é limitado pela extensão máxima dos braços do emissor e ocorre tocando em alguma parte do corpo ou no espaço neutro, que é a região do meio do corpo até à cabeça ou para frente do emissor. Ora, no discurso normal as extremidades são articuladas em um espaço mais limitado que a extensão máxima, e por isso o tamanho do sinal pode ser comparado à intensidade da voz.

---

<sup>196</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010, p. 17.

Felipe e Monteiro<sup>197</sup> citam como exemplos de ponto ou local de articulação os sinais NAMORAR, BRINCAR e TRABALHAR são realizados no espaço neutro e os sinais ESQUECER e DIFÍCIL realizados na testa.



ESPAÇO NEUTRO

---

<sup>197</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna. *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007, p.22.



NAMORAR



BRINCAR



TRABALHAR

NA TESTA:



ESQUECER



DIFÍCIL

Vale ressaltar que existem quatro pontos principais que podemos identificar como PA. São eles: CABEÇA, MÃO, TRONCO E CAMPO NEUTRO. Podemos compreender que existem muitos Pontos de Articulação que conseguimos utilizar dentro da sinalização. Veja a lista a seguir:

PONTOS DE ARTICULAÇÃO			
CABEÇA	MÃO	TRONCO	CAMPO NEUTRO
Topo da cabeça	Palma	Pescoço	Espaço que retém os braços esticados vertical e horizontalmente
Testa	Costas das mãos	Ombros	
Rosto	Lado do indicador	Busto	Sobre a face
Parte superior do rosto	Lado do dedo mínimo	Estômago	
Parte inferior do rosto	Dedos	Braços	Acima da cabeça e dos ombros
Orelha	Ponta dos dedos	Braço	
Olhos	Dedo mínimo	Antebraço	
Nariz	Anular	Cotovelo	
Boca	Dedo médio	Pulso	
Bochechas	Indicador		
	Polegar		

### 4.3.3 Movimento (M)

O Movimento é o terceiro parâmetro linguístico da Língua Brasileira de Sinais. Podemos compreender o M como a deslocação da mão - estando configurada inicialmente -no espaço, durante a execução do sinal. Alguns sinais são estáticos em um local, outros contêm algum movimento.

Felipe e Monteiro<sup>198</sup> analisam que dessa forma, podemos entender que o M se refere ao modo como as mãos se movimentam (movimento linear, em movimento da forma de seta arqueada, circular, simultânea ou alternada com ambas as mãos, etc.) e para onde estão movimentando (para a frente, em direção à direita, esquerda, etc...).

<sup>198</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna. *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007, p.22.

Vejamos exemplos de sinais com movimento e sinais sem movimento:

COM MOVIMENTO:



CONHECER



CHORAR



SORRIR

SEM MOVIMENTO:



DE PÉ



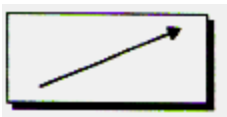


SENTAR



AJOELHAR

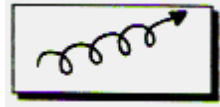
Vale ressaltar que os Movimentos são seis em Língua Brasileira de Sinais:



1) Movimento retilíneo:



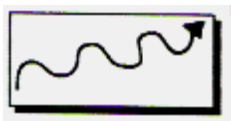
ENCONTRAR



2) Movimento helicoidal:



ALTO

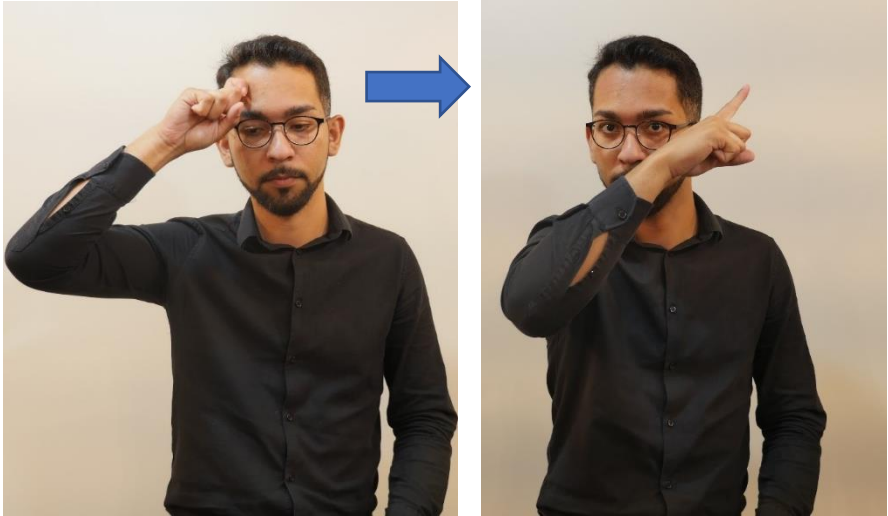


3) Movimento sinuoso:

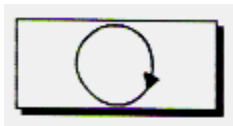




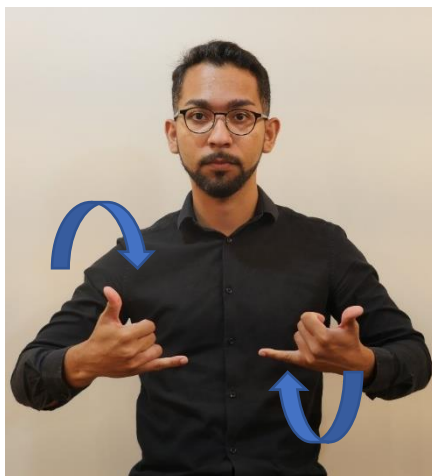
4) Movimento angular:



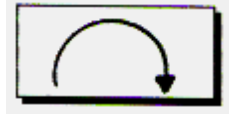
DIFICULDADE



5) Movimento circular:



BRINCAR



6) Movimento semicircular:



SURDO

É interessante observar que , se o movimento não se encaixa em nenhum dos seis apresentados acima, podemos denominá-lo como “Circunstancial”, pois depende da circunstância em que ele foi produzido , ou mesmo da necessidade.

#### **4.3.4 Orientação e direcionalidade (O/D)**

A Orientação e Direcionalidade é o quarto parâmetro linguístico da Língua Brasileira de Sinais. Honora e Frizanco<sup>199</sup> relatam que a O/D é a

---

<sup>199</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010, p. 17.

direção que o sinal terá para ser executado. Vale ressaltar que, nem todos os sinais em Libras necessitam de O/D.

Já Felipe e Monteiro<sup>200</sup> entendem que a O/D seria o plano em direção ao qual a palma da mão é orientada. Alguns sinais têm a mesma configuração, o mesmo ponto de articulação e o mesmo movimento, e diferem apenas na orientação da mão. É importante perceber como a modificação de um único parâmetro pode alterar completamente o significado do sinal. Por exemplo, os verbos IR e VOLTAR se opõem em relação à direcionalidade, como os verbos SUBIR e DESCER.



IR

---

<sup>200</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna. *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007, p.22.

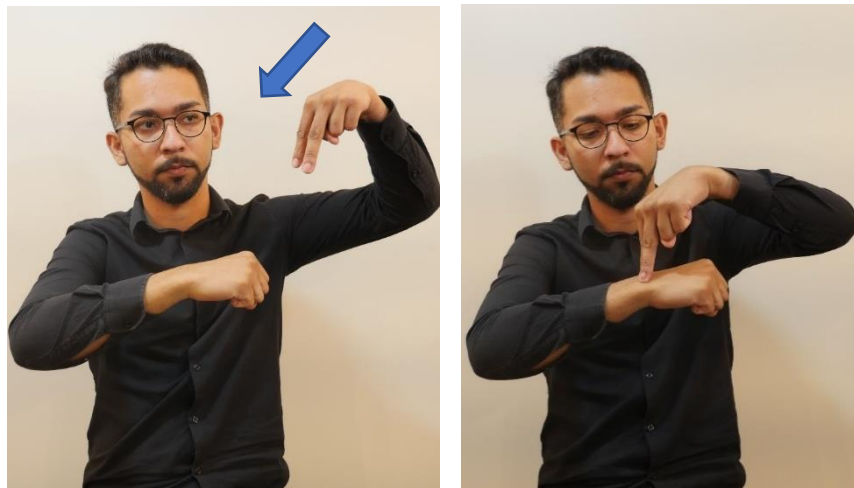




VOLTAR



SUBIR



DESCER

Novos estudos na Semântica da Libras apontam que é possível observar que neste parâmetro linguístico podemos definir a Orientação como o sinal é feito para o emissor - para mim -, ou para o destinatário – para outrem -.



PARA MIM



PARA OUTREM

Já na Direcionalidade, podemos ainda esmiuça-la no sentido de compreender três formas de direcionar o sinal. Vejamos:

- a) Unidirecional: movimento em uma direção no espaço, durante a realização de um sinal.
- b) Bidirecional: movimento realizado por uma ou ambas as mãos, em duas direções diferentes.
- c) Multidirecional: movimentos que exploram várias direções no espaço, durante a realização de um sinal.

#### **4.3.5 Expressão facial e corporal (EF/EC)**

As Expressões Faciais e Corporais são o quinto parâmetro linguístico da Língua Brasileira de Sinais. Também são chamados de componentes não manuais, as EF/EC incluem o uso de expressões faciais, linguagem corporal,

movimentos da cabeça, olhares, etc. Segundo Ferreira Brito<sup>201</sup>, se uma pessoa quer demonstrar que está com raiva de alguém ou de algo, talvez não precise usar nem um sinal. Basta utilizar apenas a expressão facial. Ou, se alguém fizer uma pergunta para responder "sim" ou "não", basta simplesmente balançar a cabeça de acordo. De fato, estas são simples situações para exemplificar este parâmetro. Porém, durante uma conversa em Libras, é necessário combinar diversos componentes não manuais com sinais específicos para esclarecer a mensagem.



DECEPCIONADO



SONOLENTO

---

<sup>201</sup> FERREIRA-BRITO, LUCINDA. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. p. 240.



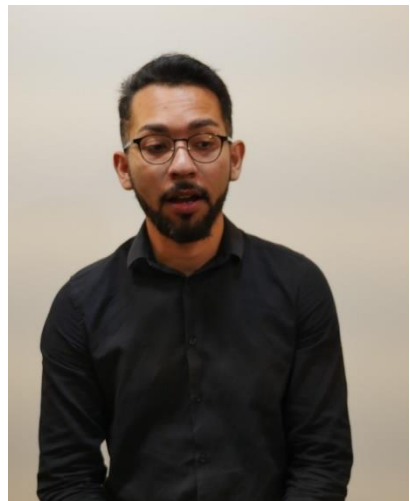
PENSATIVO



FELIZ



ABORRECIDO



VISLUMBRADO

As EF/EC podem realizar-se por meio de movimentos na face, olhos, cabeça ou tronco e têm duas funções nas línguas de sinais: 1. Marcação das construções sintáticas: marcam sentenças interrogativas, orações reativas,

topicalizações, concordância e *foco*; 2. Diferenciação de itens lexicais: marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto. Abaixo, temos um quadro demonstrativo de alguns aspectos que podem ser utilizados para construção do quinto parâmetro linguístico.

<i>Expressões faciais e corporais (EF/EC)</i>			
Rosto	Cabeça	Rosto e cabeça	Tronco
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sobrancelha franzida;</li> <li>• Sobrancelha arqueada;</li> <li>• Olhos arregalados;</li> <li>• Olhos contraídos;</li> <li>• Lance de olhos;</li> <li>• Bochechas infladas;</li> <li>• Bochechas contraídas;</li> <li>• Lábios contraídos;</li> <li>• Lábios projetados;</li> <li>• Correr da língua pela bochecha interna;</li> <li>• Contração do lábio inferior</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Balanceamento de cabeça para positivo;</li> <li>• Balanceamento de cabeça para negação;</li> <li>• Inclinação para frente;</li> <li>• Inclinação para trás;</li> <li>• Inclinação para o lado;</li> <li>• Rodar de cabeça.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cabeça levemente inclinada, olhos cerrados, sobrancelhas franzidas;</li> <li>• Cabeça projetada para trás, olhos arregalados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Para frente;</li> <li>• Para trás;</li> <li>• Balanceamento circular;</li> <li>• Balanceamento de ombros;</li> <li>• Inclinação para o lado;</li> <li>• Inclinação simultânea.</li> </ul>

ou superior; • Franzir da testa; • Franzir do nariz; • Apenas bochecha direita inflada; • Apenas bochecha esquerda inflada.			
---	--	--	--

Segundo Felipe e Monteiro<sup>202</sup> na combinação destes quatro parâmetros, ou cinco, tem-se o sinal. Falar com as mãos é, portanto, combinar estes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um contexto.

#### 4.4 SISTEMA PRONOMINAL

Primeiramente, precisamos compreender o que é um sistema pronominal. Na língua portuguesa, podemos compreender que o sistema pronominal é a classe de palavras que substitui o substantivo. Deste modo, tem a finalidade de indicar a pessoa do discurso ou situar no tempo e espaço, sem utilizar o seu nome. Os pronomes variam em gênero, número e pessoa, e possuem várias características: 1. Tem o ato de formar vários sistemas morfológicos fechados, por exemplo: eu, tu, ele/ela, etc., meu/minha, teu/tua, seu/sua, etc.; 2. Na sua maioria aceitam, como os nomes, morfemas de gênero e número; 3. Tem por ordem atuar por alusão a algo já mencionado, implícito na mensagem, no contexto linguístico ou extralinguístico,

---

<sup>202</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna. *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007, p.22.

mantendo, mesmo quando isolados, uma base semântica genérica com capacidade de se referirem a outra realização léxica.

Na Língua Brasileira de Sinais – Libras – há uma forma de representar entes no discurso, um sistema pronominal. Se inclui neste sistema pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, interrogativos e indefinidos. Vamos analisar cada um deles neste momento.

#### **4.4.1 Pronomes pessoais**

Segundo Honora<sup>203</sup>, a Língua Brasileira de Sinais possui um sistema de pronomes pessoais para representar as pessoas do discurso.

*Na primeira pessoa do singular* a configuração de mãos é igual para representar o sinal, o que diferencia é a orientação utilizada. Utilizamos predominantemente, a configuração de mãos em “D”. Já *na primeira pessoa do plural*, além de utilizarmos a configuração de mãos em “D” para sinalizar “nós”, também utilizaremos de outras configurações de mãos, como os números “2”, “3”, “4”, para sinalizar os modos *dual, trial e quadrial*, quer dizer, que há algumas formas de sinalizar a primeira pessoa do plural. O que vai depender é o contexto de fala inserido. Exemplos:

---

<sup>203</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 20.



Modo Singular:



EU



VOCÊ



ELE, ELA

Modo plural:



NÓS



VOCÊS



ELES / ELAS

Vale ressaltar que, segundo Felipe<sup>204</sup>, na ética da Língua Brasileira de Sinais, quando se quer falar sobre uma terceira pessoa que está presente, mas deseja-se certa reserva, por educação, não se aponta para esta pessoa diretamente. Nesta situação, o emissor faz um sinal com os olhos e um leve movimento de cabeça para a direção da pessoa que está sendo mencionada, ou aponta para a palma da mão encontrando o dedo na mão um pouco à frente do peito do emissor, estando esta mão voltada para a direção onde se encontra a pessoa referida.

#### **4.4.2 Pronomes demonstrativos e advérbios de lugar**

Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar têm o mesmo sinal, somente o contexto os fazem diferentes pelo sentido da frase que tem enfoque pela expressão facial. Segundo Felipe<sup>205</sup>, estes tipos de pronomes e de advérbios estão relacionados às pessoas do discurso e representam, na perspectiva do emissor, o que está bem próximo, perto e distante. Estes pronomes ou advérbios têm a mesma configuração de mãos dos pronomes pessoais (mão em letra “D”), mas os pontos de articulação e as orientações dos olhos tem diferença.

---

<sup>204</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara. *A estrutura frasal na LSCB*. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989, p. 142.

<sup>205</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara. *A estrutura frasal na LSCB*. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989, p. 41.



ESTA / AQUI – É interessante observar que é válido olhar para o ambiente apontado.



ESSA / AÍ - Devemos sempre olhar para o lugar apontando, perto da segunda pessoa.



AQUELA / LÁ – O olhar aqui deve permanecer distante, em conjunto ao apontamento.

Os pronomes demonstrativos e advérbios de lugar sempre irão mostrar e demonstrar a posição de um elemento situando no espaço, tempo ou no próprio discurso. Felipe<sup>206</sup> nos demonstra que na Língua Brasileira de Sinais não têm, em suas formas verbais, a marca de tempo como na Língua Portuguesa. Por isso, os advérbios em libras geralmente vêm no começo da frase. Assim, quando o verbo se refere há um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento, serão itens lexicais ou sinais adverbiais.

Há, ainda expressões idiomáticas específicas para representar frequência de uma ação/evento, um dos exemplos é a palavra: NUNCA, N-U-N-C-A.

Segundo Felipe<sup>207</sup> o ato de fazer os sinais de advérbios de tempo requer alguns cuidados, pois, como você pôde perceber, variam apenas em parâmetro (movimento, configuração de mão e expressão facial/corporal). Os sinais que veiculam conceito temporal, em geral, vêm seguidos de uma

---

<sup>206</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara. *A estrutura frasal na LSCB*. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989, p. 42.

<sup>207</sup> Cf. FELIPE, Tanya Amara. *A estrutura frasal na LSCB*. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989, p. 42.

marca de passado, futuro ou presente da seguinte forma: movimento para trás, para o passado; movimento para frente, para o futuro; e movimento no plano do corpo, para presente. Alguns desses sinais, entretanto, incorporam essa marca de tempo, isolada, como é o caso dos sinais ONTEM e ANTEONTEM.



SINAL DE NUNCA



### SINAL DE ONTEM



### SINAL DE ANTEONTEM

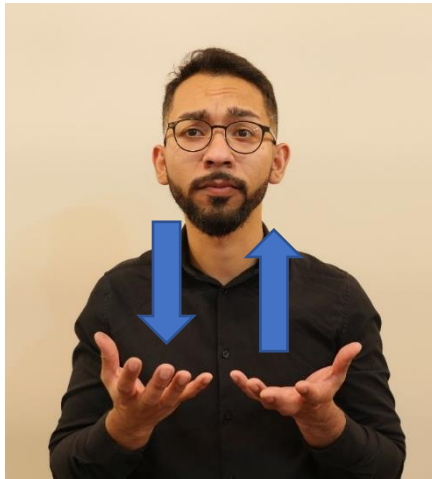
#### **4.4.3 Pronomes interrogativos**

Os pronomes interrogativos são: “QUE”, “QUEM”, “ONDE”, “COMO” “QUANDO”. Geralmente são usados no início da frase. Quando está sendo usado com o sentido de “quem-é” ou “de quem é” são mais usados no final. São essencialmente caracterizados pela expressão facial de pergunta ou questionamento, expressas em conjunto com o sinal.





QUE, QUEM, ONDE?

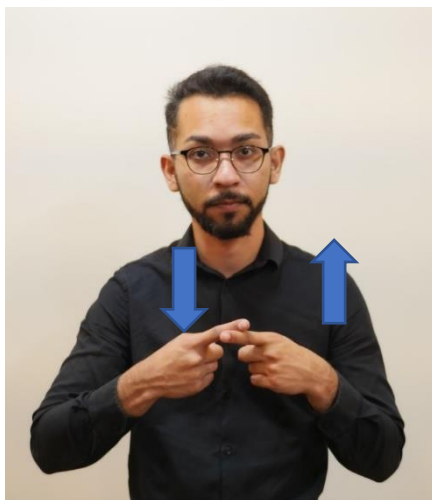


QUANDO?



COMO?

Já nos termos “POR QUÊ?” e “PORQUE” não existem diferenças na sinalização, pois serão os contextos em que estão inseridos na frase que a expressão facial e corporal determinarão se os mesmos são interrogativos ou explicativos.



SINAL DE PORQUE

Segundo Honora e Frizanco<sup>208</sup>, os pronomes interrogativos em Libras são definidos desta forma: “QUE” – sempre no início da frase; “QUEM” – no início e no final da frase; “ONDE” – início de frase; “QUANDO” – diretamente relacionado ao advérbio de tempo em questão na frase, isto é, onde está posicionado o advérbio de tempo lá está o pronome. Exemplo: “QUANDO DIA ISSO ACONTECER?”.

#### 4.4.4 Pronomes possessivos

Assim como os pessoais e demonstrativos, os pronomes possessivos também não possuem marca para gênero e estão relacionados às pessoas do discurso, e não à coisa possuída, como acontece na Língua Portuguesa. Entretanto, apesar de não apresentarem gênero, esta classe pronominal sempre indica a que pessoa do discurso pertence o elemento ao qual se refere.<sup>209</sup>



MEU / MINHA

---

<sup>208</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 22.

<sup>209</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 22.



SEU / SUA / TEU / TUA

#### **4.4.5 Pronomes indefinidos**

Os pronomes indefinidos são aqueles que se referem à terceira pessoa do discurso, tal que esteja em formato impreciso, indeterminado ou mesmo genérico. Em Libras, podemos dividir em pronomes indefinidos somente para pessoas: “NINGUÉM”, “NADA”; como também usar os pronomes indefinidos para se referir a coisas, no sentido de pertença, isto é, “NÃO-TER”<sup>210</sup>.

---

<sup>210</sup> Cf. HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 22.

Para pessoas:



NINGUÉM



NADA

Para coisas:



NENHUM / NADA

#### 4.5 CLASSIFICADORES

Primeiramente, vamos compreender o que de fato são os Classificadores em Libras. Classificadores, de uma forma geral, são formas que estabelecem um tipo de concordância, que evidenciam uma característica física, atribuindo-lhe uma adjetivação, por meio da qual os elementos sinalizados são representados. Segundo Dias e Souza<sup>211</sup>, nas línguas de sinais eles são representados por configurações de mãos usadas para expressar formas de objetos, pessoas e animais, bem como os movimentos e trajetórias percorridas por eles. Os Classificadores são, portanto, tipos de morfemas que representam objetos, pessoas e animais, descrevendo-os quanto à forma, ao tamanho e incorporando-lhes ações.

Quando vai se tratar dos classificadores usados para PESSOA e ANIMAL é importante ressaltar que eles podem ter plural. Nesse caso, o plural é marcado ao se representar duas pessoas ou animais simultaneamente com as duas mãos ou fazendo um movimento repetido em relação ao número.

---

<sup>211</sup> DIAS JR, Jurandir Ferreira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. *Texto-Base LIBRAS III*. Letras Libras. Florianópolis: ED. UFSC, 2010, p. 15.

Souza e Dias<sup>212</sup> demonstram que os Classificadores podem vir junto de verbos de movimento e de localização para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo. Eles exercem a função de marcadores de concordância de gênero para pessoas, animais ou coisas. Ora, os Classificadores exercem um papel crucial na Libras, pois eles ajudam a construir sua estrutura sintática através de recursos corporais que possibilitam relações gramaticais abstratas. Devido à similaridade que há entre a forma ou o tamanho do objeto a ser referido, existe um grande número de classificadores que são icônicos em seu significado. É importante lembrar que algumas vezes o classificador – Cl - refere-se ao objeto ou ser como um todo, outras vezes refere-se apenas a uma parte ou a uma característica.

Quando falamos de Iconicidade e Arbitrariedade, Honora e Karnopp<sup>213</sup> nos referenciam que estes termos querem nos dizer que a Libras é uma língua gestual-visual e, segundo a sua natureza linguística, a realização de um sinal pode representar as características da realidade que se refere, embora isso não seja via de regra. A Língua Brasileira de Sinais se apresenta tanto na iconicidade quanto na arbitrariedade, isto é, quando apresenta uma característica real de um ato, dizemos que é icônica, embora a maioria dos sinais sejam arbitrários, ou seja, não mantém relação de semelhança com o seu referente.

Quando falamos propriamente de sinais icônicos, as línguas não-verbais se diferenciam das línguas orais porque se utilizam de um canal visual-espacial, isto é, a comunicação se dá especialmente e é compreendida visualmente. Deste modo, muitas vezes, os sinais representam e se apresentam de forma icônica, ou seja, em formas linguísticas que tentam imitar o referencial real em suas características visuais, fazendo alusão à imagem do seu significado. Porém, vale salientar que os sinais construídos não são simples mímicas ou desenhos “no ar” daquilo que se almeja representar.<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> DIAS JR, Jurandir Ferreira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. *Texto-Base LIBRAS III*. Letras Libras. Florianópolis: ED. UFSC, 2010, p.15.

<sup>213</sup> HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009, p. 14.

<sup>214</sup> DIAS JR, Jurandir Ferreira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. *Texto-Base LIBRAS III*. Letras Libras. Florianópolis: ED. UFSC, 2010, p.16.

Segundo Honora e Karnopp <sup>215</sup>, enquanto a Libras ainda não era constituída como Língua, pelo fato de muitos pensarem que os sinais eram somente icônicos, não se representava conceitos abstratos e complexos na língua. Porém, com o passar dos anos e estudos linguísticos acerca de, foi possível perceber que a Libras se apresentava tanto na forma icônica quanto arbitrária, possuindo também um mecanismo morfológico, sintático e semântico, e que poderia ser representado qualquer conceito, mesmo sendo concreto ou abstrato, emocional ou racional, complexo ou simples. Uma das propriedades mais importantes de qualquer idioma é a arbitrariedade entre significante e referente. Em Libras, a maior parte dos sinais construídos acabam por ser arbitrários. A partir disso, a Libras pôde ser constituída como língua.

O que é denominado “palavra” ou “item lexical” nas línguas orais corresponde a “sinal” nas línguas de sinais. Os sinais são compostos por parâmetros que se combinam, os quais constituem as unidades mínimas (fonemas) que formam os morfemas nas línguas de sinais, semelhantemente às línguas orais. Assim, temos no sinal uma palavra e no classificador os diferentes modos como o sinal é produzido, isso significa que depende das propriedades físicas do referente que os classificadores representam. Sejam características relacionadas a tamanho, forma ou movimento. Com isso, podemos dizer que determinado sinal também cumpre o papel de classificador, no momento em que este sinal é produzido, assumindo a forma específica da circunstância em uso. Exemplo: o sinal CAIR usado para PESSOA-CAINDO e o sinal CAIR usado para PAPEL-CAINDO <sup>216</sup>. Neste caso, o classificador incorporou a função gramatical de um verbo, ou seja, função predicativa. Timóteo<sup>217</sup> nos auxilia a compreender de forma mais assertiva os Classificadores da Língua Brasileira de Sinais:

---

<sup>215</sup> DIAS JR, Jurandir Ferreira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. *Texto-Base LIBRAS III*. Letras Libras. Florianópolis: ED. UFSC, 2010, p.16.

<sup>216</sup> DIAS JR, Jurandir Ferreira; SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. *Texto-Base LIBRAS III*. Letras Libras. Florianópolis: ED. UFSC, 2010, p.16.

<sup>217</sup> TIMÓTEO, Rodrigo. *Classificadores em Libras*. Disponível em: <https://www.rodriegotimoteo.com.br/classificadores-em-libras/>. Acesso em: 25 jan. 2022.



1. *Formas, objetos e seres vivos:*

Este primeiro classificador se refere ao tamanho e forma de objetos inanimados e seres vivos e, normalmente, é feito com as duas mãos, tanto para formas simétricas quanto assimétricas e não indicam posição ou movimento. Exemplos de aplicação: descrição de peças de roupas ou adereços, bem como desenhar a silhueta da forma humana.

2. *Forma e tamanho de uma parte do corpo:*

Este segundo classificador pode descrever tamanho, forma e textura do corpo, sejam elas de animais ou pessoas. Assim como no anterior, não conseguem indicar posição ou movimento. Exemplos de aplicação: descrição do chifre de rinoceronte; o pescoço da girafa, etc.

3. *Parte do corpo em posição específica ou durante ação:*

Já este terceiro classificador consegue indicar posição ou movimento a partir da configuração das mãos, podendo ser tanto para animais quanto para seres humanos. Exemplos de aplicação: orelhas de um coelho balançando; abanar do rabo do cachorro quando está feliz; mulher desfilando na passarela, etc.

4. *Classificador locativo ou semântico:*

Este quarto classificador tem como intuito descrever objetos em lugares determinados ou utilizar da ironia para indicar parte ou todo de objeto. Exemplos de aplicação: dardo acertando um alvo; caneta sobre a mesa; celular no bolso, etc.

5. *Manipulação de objetos:*

Já este quinto classificador visa mostrar como se deve usar algo ou manipular determinado objeto. Exemplos de aplicação: ler uma revista e virar as páginas; segurar copo para beber água; guiar cão na coleira, etc.

6. *Indicação de movimentos corporais:*

O sexto classificador indica alguns movimentos que fazemos com o corpo. Exemplos de aplicação: cumprimentar uma pessoa; mexer os braços durante uma dança de hip – hop; saldar uma autoridade, etc.

7. *Plural:*

Este sétimo classificador tem como intuito classificar um número específico de objetos, pessoas ou animais. Exemplos de aplicação: três amigos passeando na praça; familiares conversando entorno de uma mesa; ônibus estacionados; bicicletas colocadas uma ao lado da outra no estacionamento; etc.

8. *Elementos:*

Já este oitavo classificador é usado para descrever movimentos de coisas que não são sólidas. Exemplos de aplicação: gotas de chuva caindo; água da fonte que borbulha; rocha despencando do monte, etc.

9. *Nomes:*

O nono classificador indica letras e números, que não pertencem a nenhuma descrição própria. Exemplos de aplicação: títulos de livros menos renomados; nomes ou números em camisas de voleibol para atletas sem sinal próprio; siglas; etc.

Segundo Dias e Souza,<sup>218</sup> usar os classificadores durante uma conversa em Libras permite empregar uma enorme riqueza de detalhes ao diálogo, além de trazer maior fixação do assunto e ser uma maneira mais divertida de desenvolver determinado tema, tornando ainda mais fácil de compreender o significado de algo. Na estrutura da Língua Brasileira de Sinais, como dificilmente se pode falar em prefixo e em sufixo porque os morfemas ou outros componentes dos sinais se juntam ao radical simultaneamente, preferimos dizer que os classificadores são afixos

---

<sup>218</sup> TIMÓTEO, Rodrigo. *Classificadores em Libras*. Disponível em: <https://www.rodriotimoteo.com.br/classificadores-em-libras/>. Acesso em: 25 jan. 2022.

incorporados ao radical verbal ou nominal. Os morfemas são unidades ou elementos de significação que formam as palavras, bem como alteram o seu *significado*. Também podem ser chamados de elementos mórficos. Vejamos:

- *São morfemas lexicais*: os substantivos, os adjetivos, os verbos e os advérbios de modo.

- *São morfemas gramaticais*: os artigos, os pronomes, os numerais, as preposições, as conjunções e os demais advérbios, bem como os elementos mórficos que indicam número, gênero, modo, tempo e aspecto verbal.



**Objetivo da unidade:** Estudar e fixar, em específico, as listas de sinais mais utilizadas no território brasileiro. O material aqui citado será munido de vídeos para cada lista, visto que, necessitamos de material visual para complementação.

**Conteúdos da unidade:**

- 1) Sinais iniciantes.
- 2) Sinais intermediários.
- 3) Sinais específicos.
- 4) Sinais avançados.
- 5) Sinais pertinentes.
- 6) Verbos.

5.1 SINAIS INICIANTEs

**5.1.1 Sinais comuns**

- Oi!
- Olá!
- Tudo bem? (03 modos)
- Com licença/por favor.
- Me desculpe.
- Obrigado.

- De nada/ eu que agradeço.
- Me ajude!
- Quero água!
- Estou com fome.
- Cuidado!
- Perigo!
- Calma!
- Estou preocupado!
- Não se preocupe!
- bem-vindo!
- Um beijo!
- Um abraço!
- Que saudade!
- Isso é problema!
- Preciso de um banheiro!
- Sou grato
- Bom dia
- Boa tarde
- Boa noite
- Durma bem!
- Verdade!
- Onde dói?
- Está errado!
- Te amo!

### **5.1.2 Sinais pessoais e familiares**

- Adulto
- Afilhado
- Amigo
- Bebê
- Bisavó
- Bisavô
- Criança
- Crianças
- Cunhada
- Cunhado

- Esposa
- Filha
- Filho
- Filho adotivo
- Gêmeos
- Genro
- Homem
- Irmã
- Irmão
- Jovem
- Madrasta
- Madrinha
- Mãe
- Marido
- Menina
- Menino
- Mulher
- Namorada
- Namorado
- Neto
- Noiva
- Noivo
- Nora
- Padrasto
- Padrinho
- Pai
- Prima
- Primo
- Sobrinha
- Sobrinho
- Sogra
- Sogro
- Solteiro
- Tia
- Tio
- Velho

- Vizinho
- Vovó
- Vovô
- Família
- Pessoa
- Ser humano.

### **5.1.3 Sinais temporais e calendário**

- Hoje
- Agora
- Presente
- Já
- Ontem
- Passado
- Amanhã
- Depois
- Futuro (curto, distante)
- Calendário
- Ano
- Ano que vem
- Ano novo
- Ano passado
- Antes
- Dia (fechado, arqueado, saudação)
- Feriado
- Férias
- Hora
- Manhã
- Tarde
- Noite
- Madrugada
- Amanhecer
- Anoitecer
- Mês
- Minuto



- Segundo
- Semana
- Domingo
- Segunda-feira
- Terça-feira
- Quarta-feira
- Quinta-feira
- Sexta-feira
- Sábado
- Janeiro
- Fevereiro
- Março
- Abril
- Março
- Abril
- Maio
- Junho
- Julho
- Agosto
- Setembro
- Outubro
- Novembro
- Dezembro
- Estações do ano
- Primavera
- Verão
- Outono
- Inverno

#### **5.1.4 Cores e etnias**

- Cor
- Cores diversas
- Amarelo
- Azul
- Branco (2 sinais)

- Bronze
- Bege
- Castanho
- Cinza
- Dourado -ouro
- Laranja
- Lilás
- Marrom
- Prata
- Preto
- Rosa
- Roxo
- Verde
- Vermelho
- Violeta
- Nude
- Etnia branca
- Etnia preta
- Etnia parda
- Etnia oriental
- Etnia indígena

### **5.1.5 Alimentos**

- Abacate
- Abacaxi
- Abóbora
- Abobrinha
- Açúcar
- Agrião
- Alface
- Alho
- Amendoim
- Amora
- Arroz
- Azeite
- Azeitona

- Bala
- Banana
- Batata
- Batata-doce
- Berinjela
- beterraba
- Biscoito
- Chá
- Bolo
- Bombom
- Brócolis
- Cachorro-quente
- Café
- Caju
- Caqui
- Carambola
- Carne
- Cebola
- Cebolinha
- Cenoura
- Cereja
- Chá
- Chiclete
- Chocolate
- Chuchu
- Churrasco
- Coco
- Couve
- Couve-flor
- Doce
- Ervilha
- Feijão
- Figo
- Frango
- Frutas
- Gelatina

- Jabuticaba
- Jaca
- Kiwi
- Laranja
- Leite
- Limão
- Linguiça
- Maçã
- Macarrão
- Maionese
- Mamão
- Mandioca
- Manga
- Manteiga
- Maracujá
- Mel
- Melancia
- Melão
- Mexerica
- Milho
- Molho
- Morango
- Óleo
- Ovo
- Pão
- Pão doce
- Pastel
- Pepino
- Pera
- Pêssego
- Pimenta
- Pimentão
- Pipoca
- Pirulito
- Pizza
- Presunto

- Pudim
- Queijo
- Repolho
- Sal
- Salada
- Salsicha
- Sanduíche
- Sopa
- Sorvete/picolé
- Tangerina
- Tomate
- Temperos
- Torrada
- Torta
- Uva
- Vagem
- Vinho
- Verduras
- Vinagre

## 5.2 SINAIS INTERMEDIÁRIOS

### 5.2.1 Reino animal

- Abelha
- Aranha
- Arara
- Avestruz
- Baleia
- Barata
- Beija flor
- Bezerro
- Bicho – preguiça
- Bode
- Boi

- Borboleta
- Burro
- Cabra
- Cachorro
- Camelo
- Canguru
- Caracol
- Caranguejo
- Cavalo
- Cobra
- Coelho
- Coruja
- Elefante
- Escorpião
- Esquilo
- Falcão
- Foca
- Formiga
- Galinha
- Galo
- Gambá
- Ganso
- Gato
- Gavião
- Girafa
- Golfinho
- Hipopótamo
- Insetos
- Jacaré
- Lagartixa
- Lagosta
- Leão
- Lobo
- Macaco
- Mariposa
- Minhoca

- Morcego
- Mosca
- Onça
- Ovelha
- Papagaio
- Pássaro
- Pato
- Pavão
- Peixe
- Pernilongo
- Peru
- Pinguim
- Polvo
- Pombo
- Porco
- Pulga
- Rã
- Raposa
- Rato
- Rinoceronte
- Sapo
- Tamanduá
- Tartaruga
- Tatu
- Tigre
- Tubarão
- Tucano
- Urso
- Urso panda
- Urubu
- Vaca
- Veado
- zebra

### **5.2.2 Profissões**

- Acrobata
- Agricultor
- Alfaiate
- Árbitro
- Astrônomo
- Atriz
- Autônomo
- Autor
- Babá
- Barbeiro
- Cantor
- Capitão
- Carpinteiro
- Carregador
- Carteiro
- Chofer
- Cobrador de onibus
- Comerciante
- Contador
- Coordenador
- Corretor de imóveis
- Coveiro
- Desenhista
- Detetive
- Encanador
- Filósofo
- Fiscal
- Garçon
- Gerente
- Guarda de trânsito
- Guia turístico
- Humorista
- Instrutor
- Instrutor de libras
- Intérprete em libras



- Jornaleiro
- Jornalista
- Mágico
- Manicure
- Marceneiro
- Marinheiro
- Mecânico
- Modista
- Pedreiro
- Piloto
- Porteiro
- Salva-vidas
- Sapateiro
- Taxista
- Veterinário

### **5.2.3 Profissões II**

- Advogado
- Arquiteto
- Bailarina
- Bancário
- Bombeiro
- Cabelereiro
- Chefe
- Costureira
- Cozinheiro
- Dentista
- Deputado
- Digitador
- Diretor
- Eletricista
- Empregada doméstica
- Emprego/funcionário
- Enfermeira
- Engenheiro

- Farmacêutico
- Faxineiro
- Fisioterapeuta
- Fonoaudióloga
- Governador
- Juiz
- Mecânico
- Médico
- Motorista
- Padeiro
- Palhaço
- Pintor
- Policial
- Prefeito
- Professor
- Psicólogo
- Representante
- Secretário
- Senador
- Vendedor
- Vereador
- Jornalista
- Programador
- Telefonista
- Músico
- Contador
- Pedagogo
- Psicopedagogo
- Artesão
- Historiador
- Assitente social
- Dona de casa

#### **5.2.4 Localidades**

- Avenida

- Cidade
- Endereço
- País
- Rua
- Região
- Região Centro-Oeste
- Distrito federal
- Brasília
- Goiás
- Goiânia
- Mato Grosso
- Cuiabá
- Mato Grosso do Sul
- Campo Grande
- Região Nordeste
- Alagoas
- Maceió
- Bahia
- Salvador
- Ceará
- Fortaleza
- Maranhão
- São Luís
- Paraíba
- João Pessoa
- Pernambuco
- Recife
- Piauí
- Teresina
- Rio Grande do Norte
- Natal
- Sergipe
- Aracajú
- Região Norte
- Acre
- Rio Branco

- Amapá
- Macapá
- Amazonas
- Manaus
- Pará
- Belém
- Rondônia
- Porto Velho
- Roraima
- Boa vista
- Tocantins
- Palmas
- Região Sudeste
- Espírito santo
- Vitória
- Minas Gerais
- Belo Horizonte
- Rio de Janeiro – estado
- Rio de Janeiro – capital
- São Paulo – estado
- São Paulo – capital
- Região Sul
- Paraná
- Curitiba
- Rio Grande do Sul
- Porto Alegre
- Santa Catarina
- Florianópolis

### **5.2.5 Países e continentes**

- Brasil
- País
- Continente
- Continente americano
- Continente asiático

- Continente africano
- Continente oceânico
- Continente ártico
- Continente antártico
- África
- Alemanha
- América
- América Central
- América do Norte
- América do Sul
- Argentina
- Ásia
- Austrália
- Áustria
- Bolívia
- Brasil
- Canadá
- Chile
- Colômbia
- Coreias
- Cuba
- Equador
- Escócia
- Espanha
- EUA
- Europa
- Finlândia
- França
- Grécia
- Índia
- Inglaterra
- Israel
- Itália
- Japão
- México
- Nicarágua

- Nova Zelândia
- Oceania
- Paraguai
- Peru
- Portugal
- Rússia
- Suécia
- Suíça
- Uganda
- Uruguai
- Venezuela

### 5.3 SINAIS ESPECÍFICOS

#### 5.3.1 Saúde

- Aborto
- Acne
- Amputação
- Andador
- Asma
- Ataque cardíaco
- Autópsia
- Avc
- Bactéria
- Bengala
- Bengala para cegos
- Biópsia
- Braile
- Cadáver
- Cadeira de rodas
- Câimbra
- Câncer
- Cão-guia
- Cárie
- Cefaleia
- Cesariana

- Coceira
- Colírio congestão
- Convênio médico
- Deficiência auditiva
- Deficiência física
- Deficiência intelectual
- Deficiência visual
- Depressão
- Descamação
- Desmaio
- Diu
- Doador de sangue
- Drogas
- Eletrocardiograma
- Epidemia
- Estetoscópio
- Exame de fezes
- Exame de sangue
- Exame de urina
- Exame médico

### **5.3.2 Saúde II**

- Ferida
- Gravidez
- Gripe suína
- Implante coclear
- Indigestão
- Insônia
- Labirintite
- Lupa
- Massagem
- Meningite
- Microscópio
- Miopia
- Muleta

- Múltiplas deficiências
- Natimorto
- Nódulo
- Obesidade
- Otite
- Picada
- Pílula anticoncepcional
- Piolho
- Pneumonia
- Pomada
- Prematuro
- Preservativo
- Prótese
- Punção
- Raio x
- Radiografia
- Resfriado
- Ressonância
- Rinite
- Sarampo
- Síndrome de Down
- Síndromes
- Sinusite
- Solução
- Surdez
- Surdo-cegueira
- Talas
- Termômetro
- Tipo sanguíneo
- Tomografia
- Transfusão
- Traumatismo
- Veneno
- Viciado
- Vírus
- Xarope



- Zumbido

### **5.3.3 Meios de comunicação**

- Carta
- Celular
- Computador
- Tablet
- Internet
- Jornal
- E-mail
- Rádio
- Revista
- Telefone
- Televisão
- Rede social
- Wwww
- Facebook
- Youtube
- Instagram
- Twitter
- Skype
- Menssenger
- Tinder
- Snapchat
- Zoom
- Boomerang
- Linkedin
- Whatsapp

### **5.3.4 Meios de transporte**

- Avião
- Barco
- Bicicleta
- Caminhão

- Carro
- Helicóptero
- Jet ski
- Metrô
- Motocicleta
- Navio
- Ônibus
- Táxi
- Trem
- Bonde
- Uber

### **5.3.5 Escola**

- Disciplinas escolares
- Língua portuguesa
- Matemática
- História
- Geografia
- Ciências
- Sociologia
- Filosofia
- Química
- Física
- Biologia
- Língua inglesa
- Língua espanhola
- Arte
- Literatura
- Educação física

## **5.4 SINAIS AVANÇADOS**

### **5.4.1 Adjetivos I**

- Abafado

- Abstêmio
- Absurdo
- Abusado
- Adoentado
- Aflito
- Afro-brasileiro
- Agradável
- Albino
- Alcoolizado
- Alegre
- Alienígena
- Analfabeto
- Angustiado
- Arrogante
- Arruaceiro
- Assanhado
- Atencioso
- Atordoado
- Atraente
- Atrevido
- Azarado
- Bagunceiro
- Banguela
- Barbudo
- Belo
- Bem-educado
- Bem-humorado
- Bem-sucedido
- Bisbilhoteiro
- Briguento
- Brincalhão
- Cabeludo
- Calado
- Caloteiro
- Calvo
- Canhoto

- Carente
- Caridoso
- Cavalheiro
- Charmoso
- Chique
- Cismado
- Comilão
- Comunicativo
- Confortável
- Contrário
- Convencido
- Covarde
- Crítico
- Cruel
- Culpado
- Daltônico
- Dedicado
- Depressa
- Desacompanhado
- Desesperado
- Desinibido
- Divertido
- Doloroso
- Elegante
- Enérgico

#### **5.4.2 Adjetivos II**

- Esbelto
- Esperançoso
- Esquecido
- Esquisito
- Estrábico
- Estudioso
- Estúpido

- Eterno
- Falecido
- Falso
- Faminto
- Famoso
- Feminino
- Fofoqueiro
- Formoso
- Forte
- Fresco
- Frio
- Fumante
- Furioso
- Gago
- Gentil
- Gratuito
- Grudento
- Guloso
- Honesto
- Horizontal
- Horrível
- Hospitaleiro
- Humilde
- Ignorante
- Imenso
- Impaciente
- Importante
- Impossível
- Indígena
- Indisciplinado
- Infeliz
- Infiel
- Ingênuo
- Inibido
- Inocente
- Interessado

- Interesseiro
- Internacional
- Intrometido
- Irresponsável
- Lactante
- Largo
- Legal
- Lento
- Luxuoso
- Maior
- Manhoso
- Masculino
- Meigo
- Mentiroso
- Obeso
- Obrigatório
- Perfeito
- Poderoso
- Revoltado
- Romântico
- Sereno
- Sorridente
- Teimoso

### **5.4.3 Substantivos**

- Substantivo
- Álbum
- Aldeia
- Algema
- Algodão
- Aliança
- Apito
- Apostila
- Argola

- Bacia
- Bagagem
- Bandeira
- Barbante
- Bexiga
- Bomba
- Bússola
- Buzina
- Cadarço
- Cadeado
- Cálice
- Canteiro
- Castiçal
- Chimarrão
- Chupeta
- Cigarro
- Cofre
- Coleira
- Crachá
- Cronômetro
- Crucifixo
- Dinheiro
- Engarrafamento
- Enxada
- Espada
- Falência
- Ferradura
- Festa
- Fila
- Flecha
- Fogo
- Fogueira
- Folclore
- Fonte
- Fumaça
- Gaiola

- Gasolina
- Greve
- Guarda sol
- Guarda chuva
- Incêndio
- Lei
- Lenda
- Madrugada
- Mamadeira
- Máscara
- Pesadelo
- Poço
- Porta-retrato
- Salário
- Sonho
- Tatuagem
- Tênis
- Tapete

#### **5.4.4 Objetos**

- Abridor de lata
- Açucareiro
- Agulha
- Aquário
- Armário
- Aspirador de pó
- Balança
- Balde
- Bandeja
- Banheiro
- Berço
- Cabide
- Cadeira
- Cafeteira
- Cama
- Canudo



- Chave
- Chuveiro
- Cobertor
- Colchão
- Colher
- Copo
- Cortina
- Cozinha
- Espelho
- Estante
- Faca
- Fósforo
- Garagem
- Garfo
- Garrafa
- Gaveta
- Geladeira
- Guardanapo
- Guarda-roupa
- Janela
- Jarra
- Lâmpada
- Lata
- Lençol
- Liquidificador
- Lixeira
- Máquina de lavar
- Mesa
- Muro
- Palito
- Panela
- Peneira
- Pia
- Piscina
- Poltrona
- Porta

- Prato
- Prédio
- Quadro
- Quarto
- Rádio
- Sala
- Saleiro
- Sofá
- Tijolo
- Toalha
- Tomada
- Torneira
- Travesseiro
- Vaso sanitário
- Vassoura
- Vela
- Ventilador
- Xícara

#### **5.4.5 Sinais pertinentes**

- Bom dia! Como você está?
- Boa tarde! Eu estou muito bem!
- Boa noite! Tudo bem?
- Seja bem-vindo!
- Como você é bonit@!
- Você está se sentindo bem?
- Estou com fome!
- Vamos brincar?
- Pare! Esse lugar é perigoso!
- Onde vamos?
- Há algum banheiro?
- Estou doente!
- Preciso ir ao hospital!
- Quero comer pizza!
- Feliz aniversário!
- Você precisa de ajuda?

- você está solteiro ou casado?
- Quer namorar comigo?
- Eu te amo!
- Qual sua idade?
- Eu tenho X anos!
- Que horas são?
- São 05 da manhã!
- São 17h da tarde!
- É hora do almoço!
- É hora do jantar!
- Vamos tomar um café?
- É no crédito ou no débito?
- Preciso de água!
- Posso brincar com você?
- Preciso estudar mais!
- Preciso ir para casa!
- Qual cidade você mora?
- Eu sou brasileiro!
- Eu falo LIBRAS e Português!
- Vamos ser amigos?
- Me desculpe, eu errei!
- Como você está velho!
- Como você está novo!
- Que lindo seus cabelos!
- Qual a cor da sua pele?
- Qual animal você mais gosta?
- Você tem cachorro?
- Você tem passarinhos?
- Vamos viajar!
- Gosto do inverno!
- Gosto do verão
- O mês de julho é gelado!
- Você sabia...?
- Eu o conheço sim!
- Você tem dinheiro?
- Eu trabalho em...

- Eu posso fazer!
- Manda um WhatsApp.

## 5.5 VERBOS

### 5.5.1 A, B, C, D, E

- Abreviar
- Absorver
- Acampar
- Aconselhar
- Adicionar
- Admirar
- Adorar
- Adular
- Afiar
- Agendar
- Alcançar
- Almoçar
- Amarrar
- Amassar
- Amedrontar
- Apaixonar
- Aposentar
- Arquivar
- Assinar
- Bagunçar
- Barbear
- Bocejar
- Bochechar
- Boiar
- Caçar
- Calcular
- Casar
- Cavalgar
- Chicotear
- Chocar

- Cimentar6
- Coar
- Coçar
- Começar
- Comungar
- Comunicar
- Conduzir
- Confeitar
- Confessar
- Contratar
- Cozinhar
- Criticar
- Crucificar
- Deixar
- Demolir
- Derramar
- Desaparecer
- Desfilar
- Desistir
- Devorar
- Direcionar
- Distribuir
- Divorciar
- Dobrar
- Economizar
- Edificar
- Engasgar
- Engatinhar
- Entrevistar
- Escalar
- Escapar
- Escorregar
- Espalhar
- Espremer
- Estragar
- Excluir

- Executar

### **5.5.2 F, G, H, I, J, L, M, N, O, P**

- Facilitar
- Ferver
- Filtrar
- Flutuar
- Fotografar
- Fugir
- Furar
- Gelar
- Girar
- Glorificar
- Gotejar
- Grampear
- Grifar
- Haver
- Humilhar
- Inaugurar
- Incinerar
- Insistir
- Irritar
- Jejuar
- Lambuzar
- Latir
- Lavar
- Limpar
- Leiloar
- Lucrar
- Mancar
- Mastigar
- Meditar
- Menstruar
- Merecer
- Mimar

- Morder
- Obrigiar
- Oferecer
- Ofuscar
- Orientar
- Patinar
- Peneirar
- Perdoar
- Perfurar
- Picar
- Planejar
- Preferir
- Privar
- Provar

### **5.5.3 Q, R, S, T, U, V, Z**

- Queixar
- Rasgar
- Rastejar
- Reconciliar
- Relinchar
- Remar
- Resistir
- Resumir
- Rir
- Rubricar
- Rugir
- Saborear
- Saciar
- Secar
- Selecionar
- Soprar
- Sorrir

- Sufocar
- Suspende
- Teclar
- Temer
- Tentar
- Torcer
- Torcer
- Transbordar
- Transferir
- Transpirar
- Tropeçar
- Varrer
- Velejar
- Verificar
- Vestir
- Voar
- Zunir
- Zumbir



## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1973.

ALFABETO MANUAL DE LIBRAS. Disponível em: <https://www.libras.com.br/alfabeto-manual>. Acesso em: 20 nov. 2021.

ALMEIDA, Rogério Tabet de. *Evolução histórica do conceito de pessoa – enquanto categoria ontológica*. Artigo extraído da dissertação de mestrado apresentada para junto ao curso de Mestrado em Direito da UNIPAC – MG, 2013.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Globo, 1973.

ASCENSÃO, José Oliveira. A dignidade da pessoa e o fundamento dos direitos humanos. *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 277-299, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67806>.

BARBUTO, José Mário B. Marzagão. *O conceito de pessoa em Santo Tomás de Aquino*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. *Língua brasileira de sinais*. (Série Atualidades Pedagógicas). Brasília, v. 3, n. 4, 1998.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20042006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em 16 nov. 2019.

BRASIL. GOVERNO FEDERAL. *Leis sobre a comunidade surda*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3071.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm). Acesso em: 24 jul. 2021.

BRASIL. LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. *Sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 16 nov. 2019.

BRASIL. LEI Nº 8.160, DE 8 DE JANEIRO DE 1991. *Sobre a caracterização de símbolo que permita a identificação de pessoas portadoras de deficiência auditiva*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8160.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8160.htm). Acesso em 16 de nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Artigo sobre a rubéola congênita*. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/sindrome-da-rubeola-congenita>. Acesso em 21 nov. 2021.

CHARLES E LIBERATO. *Alfabeto Manual e Datilologia*. Disponível em: <http://charles-libras.blogspot.com/2010/04/alfabeto-manual-e-datilologia.html>. Acesso em: 20 nov. 2021.

COMPARATO, Fabio Konder. *A afirmação histórica dos direitos humanos*. São Paulo: Saraiva, 2005.

DIAS JR, Jurandir Ferreira. SOUSA, Wilma Pastor de Andrade. *Texto-Base LIBRAS III*. Letras Libras. Florianópolis: ED. UFSC, 2010.

FELIPE, Tanya Amara. *A estrutura frasal na LSCB*. In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, 1989.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna. *Libras em Contexto: Curso Básico - Livro do Professor*. ed. 6. Brasília/DF: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEEP, 2007.

FENEIS – FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. *Projeto escola pública integral bilíngue (libras e português-escrito)*. Brasília, 26 de setembro de 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FINANCE, Joseph de. *Connaissance et l'être*. Tradução de Ana Maria Borba. Paris: Desclée de Brouwer, 1966.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la filosofia*. Madrid: BAC, 1990.

FREITAS, Enos Figueiredo de. *Libras, abordagem teórica*. Senhor do Bonfim/BA: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, 1990.

GILSON, Etienne. *O espírito da filosofia medieval*. São Paulo: Edições Loyola, 1948.

GONÇALVES, Diogo Costa. *Pessoa e direitos de personalidade: fundamentação ontológica da tutela*. Lisboa: Almedina, 2008.

HANDTALK. *Aplicativo de comunicação bilíngue*. Disponível em: <https://blog.handtalk.me/surdo-ou-deficiente-auditivo/>. Acesso em: 12 jul. 2021.

HIRSCHBERGER, Joahnnes. *Historia de la filosofia*. Barcelona: Herder, 1956.

HOGEMANN, Edna Raquel. A ambiguidade da noção de pessoa e o debate bioético contemporâneo. *ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI*, XIX, 2010, Anais. Fortaleza, CONPEDI, 2010.

HONORA, Márcia. FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SURDA. Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=707>. Acesso em 17 nov. 2019.

JAEGER, Werner. *Paideia*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1957.

LIMA, Daisy Maria Collet de Araujo. *Saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez*. 4. ed. Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

MEC – Ministério da Educação e Cultura. Arquivo do sobre a Declaração de Salamanca. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.

MERINO, José María. *Historia de la filosofia franciscana*. Madrid: BAC, 1993.

MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

MOURA, Adelson Fidelis de, LEITE, Lúcia Pereira. MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. Universidade Acessível: com a Voz os Estudantes Surdos do Ensino Médio. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 1, 2017.

PALAZANNI, Lazaro. *Il concetto di persona umana tra bioética e diritto*. Torino: Giapichelli, 1996.

PEREIRA, Graciele Kerlen. *Curso de extensão à distância em Libras*. Divinópolis: NEAD – Núcleo de Educação a Distância, 2014.

PLATAFORMA SCIELO. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217645732013000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217645732013000200005&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 16 dez. 2019.

- POSSENTI, Vittorio. *Il principio-persona*. Roma: Armando, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RAMOS, Dalton Luiz de Paula. *Bioética: pessoa e vida*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2009.
- SANCHÉZ, C. In: ALVES, Marlene Rodrigues. Inclusão do Aluno Surdo Num Mesmo Espaço Escolar, Com Alunos Ouvintes do Ensino Regular da Rede Particular. *Revista Eficaz*, Maringá, v. 1, 2011.
- SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate / Da Trindade*. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo et. alii. Nota de introdução de José M. Silva Rosa. Paulinas Editora, Prior Velho, 2007.
- SEED/SUED/DEE. Curitiba, 1998. STUMPF, Marianne. *Escrita de Sinais I. Texto base da disciplina de Escrita de Sinais da UFSC*. Florianópolis: UFSC, 2008.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e existência: Iniciação ao Personalismo de Emmanuel Mounier*. São Paulo: Cortez Editora, 1983.
- SGRECCIA, Elio. *Manual de bioética I: fundamentos e ética biomédica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- SILVA, Paulo César da. *Antropologia personalista de Karol Wojtyła: Pessoa e dignidade no pensamento de João Paulo II*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.
- SOARES, Maria Aparecida Leite. *A educação do surdo no Brasil*. Bragança Paulista: Editora Autores Associados, 1999, p. 45.
- SOUSA, Wilmar Pastor Andrade. *A construção da argumentação na língua brasileira de sinais: divergência e convergência com a língua portuguesa*. 2009. 167 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

STELLE, T. STRIEICHEN, E. *Os principais mitos sobre os surdos e a língua de sinais*. Disponível em: <https://www.libras.com.br/download-files/libras/os-principais-mitos-sobre-os-surdos-e-a-lingua-de-sinais.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *O bilinguismo aplicado especial para surdos*. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O\\_BILINGUISMO\\_APLICADO\\_ESPECIAL\\_DE\\_SURDOS](https://www.ufrgs.br/psicoeduc/wiki/index.php/O_BILINGUISMO_APLICADO_ESPECIAL_DE_SURDOS). Acesso em: 15 jul. 2021.

VAZ, Pe. Henrique Claudio de Lima. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

VELOSO, Bruna Silvestre. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na língua de sinais brasileira*. - 2008. 172 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VILELA, Orlando. *A pessoa humana no mistério do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1968.

WOJTYLA, Karol. *Persona e acción*. Trad. Espanhola de Jesús Fernández Zulaica. Madri: La Editorial Católica S.A, 1979.



ISBN 978-658458307-8



9

786584

583078

**FASBAM**